



Manoela Paula Sawitzki

Pele: um modo de existência crossdresser

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Eneida Leal Cunha

Rio de Janeiro
Setembro de 2014



Manoela Paula Sawitzki

Pele: um modo de existência *crossdresser*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Eneida Leal Cunha

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Marília Rothier Cardoso

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Liv Rebecca Sovik

UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2014

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Manoela Paula Sawitzki

Nasceu em 1978, em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela PUC-RS em 2004, obteve o grau de Mestre em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-RIO. Em 2002, publicou seu primeiro romance, *Nuvens de Magalhães* (Mercado Aberto). Em 2009, lançou o segundo, *Suíte Dama da Noite* (Record). O livro também foi publicado no mesmo ano em Portugal (Edições Cotovia), traduzido para o francês e editado na França pela Tupi or not Tupi Éditions em 2014.

Ficha Catalográfica

Sawitzki, Manoela Paula

Pele: um modo de existência *crossdresser* / Manoela Paula Sawitzki ; orientadora: Eneida Leal Cunha – 2014.

122 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Romance. 3. Crossdressing. 4. Gênero. 5. Subjetividade. 6. Identidade. 7. Estrangeiro. 8. Corpo. 9. Literatura. I. Cunha, Eneida Leal. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para meu pai.

Para Biño Sautzvy.

Para Mauro Pinheiro Jr.

Agradecimentos

À CAPES e à PUC-Rio, em especial ao Departamento de Letras e professores do programa, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À Eneida Leal Cunha.

Aos amigos Mauro Pinheiro Jr., Júlia Wähmann, Clarisse Zarvos, Ramon Mello, Carla Böhrer, Alice Sant'anna, Daniela Santi, Biño Sauitzvy, Régis Sawitzki, Maria Tereza Sawitzki, Márcia Batista e Valência Losada.

Ao Marcelo Grabowsky.

Aos queridos colegas Adriana Pinto Azevedo e Felipe Machado.

À família Araújo, de Tacaratu, em especial Ana e Dona Dolores, e ao João Vieira Jr.

À Beatriz Araújo.

À Luana Azzolin.

Ao Sérgio França e à editora Record.

Resumo

Sawitzki, Manoela Paula; Leal, Eneida Cunha (Orientadora). **Pele: um modo de existência crossdresser**. Rio de Janeiro, 2014, 122 p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“Pele: um modo de existência *crossdresser*” é um experimento artístico-literário que parte do *crossdressing* como modo de existência e do corpo de um *crossdresser* como espaço de encontro e trânsito dos gêneros masculino e feminino. Aponta-se assim para uma tentativa de desfazer as fronteiras e para a construção de entre-lugares que discutem e ultrapassam a dialética em favor do hibridismo, sintetizando o entendimento da produção de subjetividade como fenômeno polifônico e plural. Errância, alteridade e estrangeiridade são postas em questão na investigação de uma identidade em deslocamento. Tais questões também atravessam a busca, por meio da escrita, da linguagem e de estruturas que se alteram, por serem descontínuas, múltiplas e não unificadas. No romance produzido, intitulado *Pele*, a voz da narradora-autora se decompõe para depois se multiplicar em outras, a ambivalência dos gêneros masculino e feminino confrontam a fixação definitiva, um estrangeiro erra por diferentes cidades, sacudido por vozes, à procura de espaços onde seja capaz de fruir, deslizar por identidades distintas, e um filho se desloca à procura de um pai prestes a desaparecer. O posfácio é constituído como memorial descritivo, que indica os caminhos percorridos durante essa produção. Referências teóricas que deram suporte para o processo de investigação, práticas de escrita e outros experimentos são apontados e discutidos, num cruzamento entre os movimentos artístico e pensante.

Palavras-chave

Romance; *crossdressing*; gênero; subjetividade; identidade; estrangeiro; corpo; literatura.

Abstract

Sawitzki, Manoela Paula; Leal, Eneida Cunha (Advisor). **Skin: a mode of existence crossdresser**. Rio de Janeiro, 2014, 122 p. MSc. Dissertation — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“Skin: a mode of existence crossdresser” is an artistic-literary experiment that broaches crossdressing as a way of existence and the body of a crossdresser as a meeting and transit point of both male and female genders. It seeks to undo borders and to build in-between spaces that discuss and overcome the dialectics in favor of hybridity, synthesizing the understanding of subjectivity as a plural and polyphonic phenomenon. Deviation, otherness and foreignism are brought into question in this search for an identity in transit. Such questions also cross this search, through writing, language and shifting structures, for they are discontinuous, multiple and not unified. In the resulting novel, named Skin, the author-narrator’s voice unravels to be multiplied into others, the ambivalence of male and female genders challenge established concepts; a foreigner wanders across different cities, moved by voices, in search of spaces where he might experiment and enjoy various identities; a son shifts searching for a father on the verge of disappearance. The foreword is a descriptive memorial, which indicates the paths followed during this writing. Theoretical references that sustained the investigation process, writing practices and other experiments are noted and discussed, in a crossing between artistic and cognitive movements.

Keywords

Novel; Crossdressing; gender; subjectivity; identity; foreign; body; literature.

Sumário

1. Pele – Romance	10
2. Memorial descritivo: Um modo de existência <i>crossdresser</i>	103
3. Referências bibliográficas	120

Há um intruso em mim
e eu me torno estrangeiro a mim mesmo.

Jean-Luc Nancy

Inventar uma pele para tudo.

Nuno Ramos

A partir de agora tudo vai ser dito num esforço de memória. Não peço confiança, mas, antes, que sejamos cúmplices na imprecisão e na parcialidade de quem lembra e lembra mal. Nunca existiu acontecimento que não pudesse ser desdobrado em tantos relatos quantos fossem os envolvidos. Testemunhas involuntárias inclusive. Enquanto houver vida, haverá versões.

*

Adiar é já ter começado?

Gaguejo e adio. Adio o quanto posso e descubro que o adiamento pode ser esgarçado ao preço de alguma culpa. O câmbio varia. Às vezes convém, mas não é barato. Talvez seja o momento de admitir que não consigo fazer sozinha. E não há como fazer tal coisa senão sozinha. Escrever sobre ter sido sua filha e não ser mais.

Mas escrever a memória é traí-la.

Quem disse isso?

E assim fica provado, já está acontecendo.

Tudo aqui se resume a trair.

É como mudar. Durante anos quis me mudar e quis que ele mudasse. Era cedo demais para mim e tarde demais para ele, eu pensava. Um dia, de repente, começamos. Eu sentada no parapeito da janela do meu quarto num pensionato de freiras, lugar meticulosamente monástico, olhando para o tráfego na avenida feia e barulhenta, pensando que aquela vista e aquele ruído, só por não serem os mesmos de antes, e eu estava, enfim, na capital, eram a liberdade. Ele, aos poucos, o mesmo sendo outros. Talvez por excesso de desconfiança, na época não pude saber se camadas novas foram acrescentadas ou se antigas e escondidas emergiram para constituírem superfícies distintas. O invisível tornado visível nele.

As freiras mexiam nos nossos quartos sempre que saíamos. E homens não eram permitidos.

Dizem que a pele afina na velhice. Precisa se despregar da carne, dobrar-se sobre si mesma, formando vincos, rachaduras, depressões. Dessas bordas, pode-se tanto olhar para a largura da vida quanto saltar para (a) (o) _____. Brotam manchas. Texto continuamente rasurado e reescrito numa língua que poucos querem ler. Suponho que precisa ser feito devagar para que continuemos nos reconhecendo. Talvez tenha sido isso, o que aconteceu com ele. Ou o susto do coração que quis parar de bater de repente, enquanto em mim acontecia o

contrário. Sua batalha com o tempo, que assim se provou regressivo. *Eu? Agora é curva abaixo*, ele dizia ao telefone, *Fala de você*.

Mas ainda não se fala em mudança. Será meu primeiro ~~truque~~ dispositivo – dar outros nomes para disfarçar o peso do original. Começar outra vez, por exemplo. Soa melhor.

E como ainda não mudo nem começo, tiro dezenas de livros da estante, os coloco sobre a cama e pulo para o meio deles. Sei que muitos não vão ser tocados mas é reconfortante vê-los ali, ao alcance do impulso, saber, com os olhos, que existem, e fingir que sou o centro ao redor do qual orbitam.

Aquele então se insinua como se dissesse Pronto, pra que todo esse sofrimento, sua bobinha?! É pequeno, fino, não fica em pé sozinho, parece débil, pobre e insosso perto dos outros. No entanto, a capa promete o que persigo. *O prazer do texto*. Fecho os olhos, abro-o como um oráculo. E ele não me desaponta.

“A morte do Pai privará a literatura de muitos de seus prazeres. Se não há mais Pai, de que serve contar histórias?”

Que venha alguém dizer agora que não acredita em oráculos.

*

Ele costumava repetir que *A verdade está no cofre* sempre que me falava sobre o passado. Que estava escrevendo suas memórias em cadernos que acumulava há décadas dentro de um cofre velho. Tinha mais de um metro e meio de altura. Até o começo da minha adolescência, era mais alto que eu. Como meu pai era maior ainda, eu pensava nele como num gigante. Lembro-me do cofre desde sempre, como de alguém que fizesse parte da família. Quando meu pai se aproximou dos 70 anos, imaginei que o cofre estaria repleto. Porque os anos deveriam fazer isso com as coisas.

Em dias melhores, digamos assim, o cofre guardou pilhas de dinheiro cuidadosamente separadas e amarradas com atilhos, títulos de propriedade – duas, depois uma, depois nenhuma –, alguns documentos, como sua certidão de casamento e nossas certidões de nascimento, um revólver e um punhal de prata. Acontecia do dinheiro perder valor, e não importava quantas pilhas conseguisse acumular, não seria o bastante. Expressões como governo e plano econômico trinavam pela casa como se estivéssemos sendo caçados por demônios, num desses filmes de terror que eu insistia em assistir mesmo que não pudesse dormir à noite. Aconteceu de meu pai pensar em usar o revólver mais de uma vez. É provável que todos tenhamos cogitado isso em algum momento.

O segredo aparentemente tinha se perdido. O mostrador, onde a combinação deveria ser indicada, foi revestido por muitas camadas de fita isolante, e ele era trancado à chave.

Meu pai acumulava chaves. Mais de uma dezena delas presas num chaveiro que carregava no bolso direito da calça. Outras tantas espalhadas por gavetas e estantes, onde ficavam penduradas em preguinhos que obedeciam a alguma lógica que me escapava. O que houvesse dentro do cofre estaria seguro pela impossibilidade de se adivinhar a chave certa ou testar todas antes que chegasse alguém.

A verdade no cofre era a versão dele.

Só perto dos 30 anos tive coragem de responder quando mencionou mais uma vez o cofre e todo o resto. Que eu não acreditava naquela conversa sobre verdades únicas. Foi uma ousadia, considerando o quanto meu pai sempre me irritava quando dizia aquilo e o quanto sempre tive medo de enfrenta-lo. Nesse dia, me encarou e riu, meio debochado e, sobretudo, pensando agora, melancólico. Em parte porque sou mulher e era jovem, dois dados que me enfraqueciam aos seus olhos.

Então ele apontou para o escritório e disse, numa espécie de sussurro cúmplice, *Está lá.*

*

Eu não quero escrever um livro sobre a morte. Então caberia a você não morrer ainda.

*

Estávamos saindo do carro, já na garagem da casa de R, o quarto filho, quando o telefone de R, o terceiro, tocou. Dos sete filhos, éramos quatro ali acordados no meio de uma madrugada muito fria de junho. O frio já não fazia sentido para mim. A mala, feita às pressas e negando a possibilidade de uma estadia longa, não continha o bastante para me manter aquecida. O sexto filho, R, tinha chegado há pouco mais de uma hora de três viagens consecutivas, do norte ao sul do mundo. Percurso apressado pela certeza que o médico começou a reforçar nas últimas 48 horas. Nosso pai não resistiria por muito tempo. As palavras exatas foram *Talvez não passe de hoje*. R, o quinto filho, e eu começamos a negociar esse hoje assim que chegamos à cidade onde nasci, de onde saí decidida a nunca mais voltar a habitá-la.

Passei em claro parte da noite que antecedeu a minha viagem, acompanhando pela internet os movimentos das cinzas do vulcão chileno que estava fechando aeroportos e cancelando voos. Era consolador que tudo além da família parecesse tão perigoso, incerto e confuso, que cinzas vulcânicas interrompessem o fluxo de um continente, que não fosse apenas comigo. Mas talvez ele não passasse de hoje, então compramos passagens de três companhias diferentes e fomos para o aeroporto.

Não só as palavras do médico, mas o painel na cabeceira do leito também marcava a contagem regressiva e incontornável. Tirávamos do mesmo painel toda a esperança de que precisávamos quando queríamos, quando não havia um especialista ali para nos contradizer. Eu, aliás, costumava dar crédito aos médicos e às enfermeiras conforme a conveniência. De um lado, a pressão que caía, terminal, apesar de toda a química bombeada para dentro do corpo dele. De outro, um coração que ainda batia forte e compassado e se alterava toda vez que eu falava com ele.

Nós conversávamos sobretudo a respeito disso quando nos reuníamos, os sete, os quatro Rs e as três Ms. O que é só um modo de dizer, porque nunca estávamos

todos de fato juntos, nunca estivemos. O coração batia tantas vezes por minuto, a pressão parecia melhor à tarde, ele estava mais corado, os olhos tinham se mexido em algum momento sob as pálpebras, suas mãos estavam mais quentes à noite. Inventávamos parâmetros, medidas meio arbitrárias e acreditávamos nelas o quanto nos fosse possível. Nunca tínhamos nos ocupado tanto, tão detalhadamente do nosso pai. E ele ainda estava ali, permanecia. Mas era mais como um tipo de refém que não permitíamos que partisse. Permanecia, mas não da forma que eu me lembraria no apartamento onde morava, há milhares de quilômetros daquele hospital. O lugar em que teria ficado se tivesse escolha e de onde me mudei derrotada um ano e meio depois. Estava muito menor. Uma magreza e um desbotado na pele que não se encaixavam em nenhuma descrição que eu poderia fazer dele. Aquele que persistia no leito da UTI, já desacordado, em coma induzido quando cheguei, portanto, eu quase não o conhecia. Hoje me pergunto se não era o verdadeiro pai. Que esteve encolhido dentro de um corpo maior e mais forte. Se ele, um homenzinho afinal, não tinha assumido o controle da estrutura.

A verdade do cofre.

Há pelo menos três dias, toda vez que conseguia entrar na UTI, eu me aproximava do seu rosto e pedia que aguentasse mais um pouco porque o sexto filho estava chegando. Chamava-o de paizinho nessas horas. Aquela palavra surgiu artificial e desengonçada nos últimos anos, cavada com esforço, dita sem nenhuma convicção no começo, e tinha um efeito poderoso sobre ele. Sobre mim também. E não era meu único recurso. R, o que faltava, em algum momento se tornou seu preferido, e pela primeira vez, no que me diz respeito, não senti incômodo algum nessa constatação. O preferido foi a minha barganha. Aguenta mais um pouco, espero aqui com você, ele está chegando. Consigo que alguém influente dê um telefonema, imploro ao diretor do hospital para ele e todos nós entrarmos fora do horário de visitas. Posso ser comunicativa, simpática e doce até a náusea. São meus melhores argumentos. Somos muitos filhos, não cabemos nos 15 minutos permitidos. Agia como se fizesse aquilo por ele mais do que por nós ou só por mim.

Ele morreu assim que deixamos a UTI. No meio da madrugada. Na véspera do aniversário de 74 anos. Instantes depois da chegada e da despedida de R. A precisão me soou espetacular.

Meu pai sempre gostou de entradas e saídas de impacto, sem que isso, no entanto, lhe compromettesse a aura de humildade e modéstia. Que só ele acreditava ter. Performance bastante complexa. Em segredo, eu ria ou me incomodava com os remendos em suas roupas, a idade de suas botas, essas excentricidades que ele gostava de anunciar e exibir como as marcas de um grande homem. Em algum momento olhei para aquilo tudo e o achei ridículo. Foi um alívio achá-lo ridículo. Então o fiz durante anos.

O irmão que me hospedava vivia na cidadezinha ao lado. Para irmos ao hospital tínhamos que atravessar uma ponte condenada e o rio vermelho que corre sob ela. Para fazer a travessia de um dia até o outro, eu voltava a cruzar essa ponte em pesadelos. Invariavelmente ela desmoronava enquanto eu dormia. Na noite em que nosso pai morreu, eu, R e R entramos outra vez no carro e chegamos a salvo ao outro lado. Mais ou menos isso.

Cogitei que o médico, já esgotado com tantos telefonemas e pedidos, como permitir que R entrasse na UTI quando chegasse à cidade, e chegaria só depois da meia-noite, já tendo feito tudo o que podia para segurar algum fiapo de vida naquela carcaça exausta, deixou ordem ao plantonista para desligar os aparelhos depois que o filho pródigo fosse embora. Optei pela versão romântica. Ele estava esperando por R. Fazia questão. Se pudesse decidir, sei que esperaria paciente e alegre. Também escolhi a versão que garante que uma pessoa em coma pode ouvir o que lhe dizem. O médico controlava a máquina, os tubos, mas eu também teria a minha versão.

Passei a semana convertida num cão que podia choramingar e mostrar os dentes para que me deixassem esquecida na antessala daquela ala do hospital o máximo possível. Prolonguei esse estado e fiz parte de toda a burocracia da morte: a ida ao necrotério, à casa funerária, a escolha do caixão, a exclusão daqueles muito

brilhantes, que pareciam baratos, feitos de plástico, a discussão sobre o quanto era inconveniente o fato dos bancos da capela serem tigrados, a busca do melhor terno no seu armário, a escolha das plantas no seu jardim, e de mantas que escondessem a estampa de tigre defendida com ardor pelo dono da funerária como algo muito moderno e *chic*. Também escolhi acreditar que meu pai estava observando tudo, se sentia importante e satisfeito com minha eficiência.

Estava certa de que ele teria mandado arrancar os bancos tigrados do seu velório ou o teria feito com as próprias mãos. Eu tinha sobrevivido para defender seu gosto.

O absurdo se ampliava a cada pequena ação do ritual fúnebre. Mas agir, me mover, dormir pouco, chorar muito, fazia parte do pacote de estar viva – ter sobrevivido a ele.

Algumas pessoas de um passado que me parecia remoto demais se aproximaram consternadas durante o velório. Diziam que eu continuava a mesma, o que me soava ofensivo. Demorei a reconhecer algumas, mas cedo ou tarde as lembranças me sacudiam: antigos funcionários da loja do meu pai que conheci menina, com quem esbarrei tantas vezes naqueles corredores ou nos churrascos que ele promovia pelo menos uma vez por ano. Porque era um rei que regalava seus súditos. Também estavam lá parentes que eu não via há mais de uma década, cujos nomes hesitei ao pronunciar. À distância, tentava medir em cada um o quanto ele foi querido. Nos rostos impassíveis, e, sobretudo, nas ausências, investigava as porções de raiva, mágoa e desprezo que teria conseguido acumular. Eu também seria herdeira daquilo?

O corpo que repousava no centro da sala, um terceiro corpo, vazio dele, o seu autor, aquela réplica imperfeita e anônima, senti como se me desconhecesse e me dispensasse. Se eu quisesse encontrá-lo, que procurasse em outra parte. A boina velha, os óculos pesados que faziam sulcos profundos na base do nariz, o cinzeiro ainda cheio de guimbas, as pontas amassadas das guimbas, a caixa de palitos de dentes, lembrar de como ele adormecia sentado com um palito no canto da boca,

metade mastigada, as farpas que eu presumia engolidas, cravadas na traqueia e no estômago, o medo infantil de que morresse disso, as plantas do jardim que ele regava no meio da noite se tinha insônia, o tomateiro enorme que me fez fotografar por exibicionismo, a fronha puída do travesseiro, o cofre, o cheiro de cigarro e mofo, a poeira acumulada nas estantes, o bolor nas compotas que ele mesmo preparava, a caneca lascada, todos aqueles objetos quebrados e inúteis de que não se desfazia, os ícones dos políticos mortos que idolatrava, a toalha encardida e salpicada de cinzas sobre a mesa da cozinha-sala-escritório, a constelação de bilhetes, impossível contá-los, que deixava para si mesmo, talvez algum traço que estivesse gravado no meu rosto e dos meus irmãos, certamente nos irmãos dele, bastava olhar para as dezenas de fotografias emolduradas que vestiam por inteiro as paredes da cozinha-sala-escritório. Agora ele existia aos estilhaços, inventado ou projetado naqueles outros corpos e pedaços que meu olhar ou minha lembrança animariam. Já não podiam ser dele, mas seriam ele. Se eu quisesse, a caneca lascada ainda guardaria intacto o toque da sua boca. Se fosse mais longe, talvez a boca respondesse às perguntas que não lhe fiz. Mas para isso eu teria que voltar àquela casa.

Quando a terra caiu sobre o caixão, nem ele nem eu nos demos conta. Não fazíamos mais parte daquilo. Enquanto a primeira camada de cimento era colocada sobre a lápide, eu e R, já não importa qual, nos afastamos um pouco dos outros que também estavam lá, debaixo de uma chuva fina, vendo o caixão vazio desaparecer. Balbuciei um piada maldosa, que censurei desde a véspera. R estava com um dente infeccionado e eu o torturei mencionando o cheiro que saía da sua boca. Como ele tinha me torturado durante toda nossa infância. Meu pai gargalhou.

Já podíamos rir juntos daquilo tudo.

Seria o caso de abandonar a forma canina. Não foi.

O peso da semana em torno do adiamento da morte não preencheu o vazio que ficou depois dela. Descobri que não se pode pular a parte do luto. Quando pensava

vagamente no luto como o lugar provisório do sofrimento extremo, estava sendo muito pouco precisa. A cada dia era como se ele morresse de novo.

O humor cáustico da família nunca pareceu menos engraçado.

E se ele não pôde me ouvir?

Parte do luto era ver o velho esquema perder a graça e as perguntas inúteis se multiplicarem.

Acho que sua versão, a não ser por alguns detalhes, seria diferente. Raramente concordávamos. Quando acontecia, me parecia grandioso.

Nas semanas seguintes, decidi repisar o caminho difícil que percorri com ele, ou fugindo dele, da sua presença. A palavra escrita daria materialidade e um sentido à memória. Um atributo que me falta. Ou está confinado em locais pouco acessados. Primeiro resisti a admitir a influência dele. A memória, a escrita, o segredo no cofre. Depois veio a convicção não menos desconfortável de que ele sempre esteve aqui. Coisa inescapável. Mesmo quando me ocupava com tudo o que não fosse ele – o que fiz em abundância. O gigante, o senhor, o monstro, e, por fim, o pequeno jardineiro amoroso, o paizinho. Eu escreveria para continuar falando com ele ou para enfim lhe falar. Para de alguma forma tirá-lo de mim, daquele lugar incômodo em mim. E então alojá-lo em outro espaço. E me despedir.

Imaginei o projeto acontecendo aos jorros e também estava enganada sobre isso. O texto, que começou difícil, se tornou impossível. Nunca seria concluído, se desfazia entre a noite e a manhã. E um dia, quando quis voltar a ele, eu mesma não me encontrei lá. Outro tinha tomado o meu lugar.

Manu é o nome do outro.

Há também uma mulher que ainda não pôde ser nomeada.

Até agora, é tudo o que sei.

E meu pai? Se tornaria um desconhecido e uma revelação. Nos desaprendemos.

Se não há mais Pai, de que serve contar histórias?

Pode ser um começo.

*

Carrega sua infâmia como um estigma de ferro em brasa, bem fundo sobre a pele, mas esse estigma precioso o enobrece tanto quanto a flor-de-lis sobre o ombro dos ladrões de antigamente.

Jean Genet

Às vezes paro e tento me lembrar. Um esforço extremo. É necessário preencher os espaços, costurar os rasgos que vão se abrindo. Também acontece independentemente da vontade, como se estivesse à deriva. Aquela rajada de vento que danifica a vela porque o tecido é impróprio. Nunca tive habilidade para conduzir máquinas em movimento, incluindo carros e com exceção de bicicletas e patins. Contanto que tenham duas rodas na frente, duas atrás e freios. São essas as minhas condições e são poucas. Qualquer alteração no arranjo é garantia de desequilíbrio e queda. No ano de 1989 patinei por meses com os Chicago da minha irmã. Uma bota de couro branca de salto relativamente alto sobre rodas vermelhas. Então meus pés cresceram e a bota fez bolhas em todos os dedos. Disso tudo, incluindo as respostas que ainda não sou capaz de dar, resulta um percurso acidentado e deslocamentos sempre imprecisos. Digo sob meu ponto de vista, não do vento, das marés, das ondas, agora, não daqui a um dia, um ano, nem um minuto atrás. Para esses outros, não sei. É possível que a madeira do barco seja uma trava ou um brinquedo e eu nem seja considerado como coisa separada do convés.

Começa numa estação rodoviária que sempre me ocorrerá como cinza, embora tenha pilastras e paredes brancas e um piso de cimento queimado meio terroso. O prato do dia na maior lanchonete é ensopado de língua. Faz calor, quase 40 graus, compro água e chupo um picolé de limão enquanto observo, disfarçado pelos óculos escuros, o homem de bermuda verde militar e camisa de botão vermelha. Ele morde um salgado macilento batizado de joelho. Não vejo um desses há dez anos e só então descubro que não senti a menor falta. Penso vagamente no seu baixo valor nutritivo e nas gorduras trans e procuro semelhanças com o joelho do homem, que mastiga em pé, escorado no balcão, olhando para o noticiário esportivo. Mastigar um joelho, comer línguas. É possível detectar também, nos

espaços entre os botões, a barriga inchada e peluda que a camisa cobre sofrivelmente. Quantos joelhos e línguas naquela barriga? Depois, as vitrines. Quarenta minutos até o horário marcado no bilhete. Só agora me dou conta que não trago nenhum presente para ele e me envergonho com sinceridade. Nem mesmo um *bordeaux* barato do LIDL, uma promoção do *free shop*, o mínimo que alguém vindo da França podia fazer. Deixei uma garrafa fechada em casa. Talvez Ewa beba com Karim antes ou depois de trepar com ele sobre os lençóis que levei para a lavanderia. É injustificável não ter trazido nada para o Augusto, mas o que não é? Talvez diga que a mala dos presentes foi perdida pela companhia aérea. Sei que vou mentir sobre muitas outras coisas. Pelo bem dele. Numa prateleira, coelhos de pelúcia e ovos de páscoa envoltos por papel celofane. Logo acima, leques coloridos, meias arrastão, calcinhas fio dental, dados do prazer, vibradores diversos com destaque para um consolo verde-limão bastante avantajado. Tudo dividido e organizado. Suo tanto que a camiseta branca se cola ao meu corpo. Fiz bem em ter tirado o sutiã no banheiro do avião. Na loja ao lado, há chapéus que desisto de comprar quando descubro pela etiqueta que a palha é sintética, feita na China. Aquilo me parece uma traição e no primeiro golpe inclemente de sol que tomar na cabeça vou me lembrar da rodela careca alojada ali e me arrepender do preciosismo. No espelho de moldura laranja, noto que a barba cresceu mais rápido que o habitual e a pequena clareira no queixo continua bem instalada e parece não ter crescido muito. Ouço conversas. Nunca estive nesse lugar, mas o que dizem é familiar, não destoa do que ouviria nos ambientes que tenho frequentado. A variação de temas é mínima, a criadagem se parece e se reconhece. Não vejo nenhum rei, nenhum imperador, nenhum magnata do petróleo, somos todos mandados por alguém e é justo reclamarmos do quanto nos pagam para obedecê-los. Mas, aqui, o modo como dizem, não importa o que digam, os distinguem daqueles outros e me aproximam do Augusto. Minha primeira vez nessa cidade e de repente o ciclo do desgosto arrefece, transbordo simpatia e adesão. A estação rodoviária cinzenta contém verão, forró, carnaval, dia de São João e o sotaque que o Augusto nunca perdeu. Só me desaponta ser incapaz de reter tantas impressões e pensar que me veem como um desses gringos caçadores de exotismos. Mas, aparentemente, ninguém me nota, nem igual nem desigual. É bom voltar a ouvir. Guardar algumas palavras que tinha dado como perdidas e preservar sobretudo o

acento: calor da porra da gota serena oxe gaiato rapariga peba rala-buxo. Perguntar a ele o que significa gota serena e tentar descobrir por que a expressão me comoveu. Mais adiante, camisetas estampadas. Beba até me querer, Tá com inveja? Morra, Maria, José e o menino Jesus na manjedoura, a bandeira de Pernambuco, Boa viagem, 100% evangélico, Iemanjá sobre as águas, 69 uma boa ideia. Nos manequins, camisolas tigradas e vestidos indianos tronchos. Convenhamos, o algodão não é algodão, a seda não é seda, a Índia também vem da China, as manequins são variações cavalonas de estátuas gregas. Gostosas, siliconadas e amputadas. As Vênus do Recife. Quero gargalhar. Tudo ri de tudo e esse parece o melhor jeito de se estar na vida. Quase me esqueço do que vim fazer aqui. Mas me lembro e o carnaval acaba. Línguas e joelhos não abrem meu apetite. Telefone para o Augusto, insisto mais duas vezes. Escolho doces no quiosque e vou para a plataforma de embarque ainda sem nenhum presente para lhe entregar na chegada. O ônibus azul da Viação Progresso chega com mais de meia hora de atraso. Os passageiros dizem que é isso sempre, suam e se abanam. Reclamam entre si, mas pouco. Penso em derrota e desidratação. Quando o motorista abre a porta e sai para apanhar as bagagens, todos lhe cumprimentam com diligência e ele resmunga, secando o suor com um trapo encardido que carrega no ombro. Ninguém se senta ao meu lado. A porta se fecha, a temperatura logo fica polar, as conversas não vão adiante, os passageiros locais são induzidos a hibernar por hipotermia. A cidade que se exhibe pela janela também é cinzenta. Se insinua como abundância não como falta. Pobre menina rica. Aqui dentro, num Ártico imposto pelo motorista enfadado, o colorido reina e aquece os olhos. Um transbordo de peles queimadas, flores, zebras, frases em inglês, fosforescências, dourados, pratas e feras de continentes distantes, uma camisa do Flamengo, fones de ouvido de onde retumbam ritmos nada relaxantes. Vou fazer a viagem sozinho e penso que, afinal, isso quer dizer que estou com sorte. Talvez tenha me tornado um desses gringos.

No começo, é verde.

Belleville, no inverno de 2013 *

* Mas nada disso é exato.



*

Giorgos, o grego, entregou as chaves, sorriu, foi para a frente do espelho pendurado sobre a pia, escancarou a boca e apontou com a ponta da língua para as três próteses de porcelana recém-instaladas ali. *Quem diria que são adotadas? Primeiro, achei deprimente ter dentes falsos na boca. Uma vez desdentada, sempre desdentada. Mas são melhores que todo o resto, não são? Ontem pedi pro dentista trocar tudo de uma vez. Talvez ouro ou platina. Ele não se deu ao trabalho de responder. Francês de merda.* Enquanto fixavam parafusos na sua gengiva, olhava o Parc de Belleville e não sentia mais nada de bom. Paris tinha acabado para ele. Paris acabou há muito tempo, são só umas ruínas bem preservadas, eu disse. *E, sem muito esforço, com a estratégia certa, come-se bem, nounou.* Rimos juntos. A gargalhada veio do fundo daquele buraco onde ele caiu um mês atrás. A cicatriz na testa ainda era tinta fresca, as marcas nos dorsos das mãos ainda davam sinais do quanto tinha lutado. Pelos dentes, pelo rosto, antes intacto e tão feminino, por Julien, que também cuspiam dentes e sangue ao lado, incapaz de salvá-lo ou salvar-se, pela raiva, pela vida por um fio, pela raiva, pela raiva, sobretudo pela raiva. Giorgos, o grego, eu sempre o chamaria assim. E sempre seria o seu *nounou*. Ele achava que nunca mais pararia, aquela raiva.

Talvez um Scarface veado caçador de skins. Só me falta a gangue de bichas assassinas. Mas isso é fácil. Pegou o espelho e se examinou em minúcias mais perto da janela, sob a luz fosca que vinha dela. *Se decidir ficar mesmo aqui, Manu, é melhor não dar muita pinta. Não deixa que eles notem que você existe.* Continuei rindo enquanto lhe joguei um pano de prato sujo na cara e disse, pela quarta vez desde que nos conhecemos, *Foda-se, Giorgos, eu não sou gay.* As três primeiras quando tentou me arrastar para um dos bordéis que frequentava, que fariam Calígula se sentir muito à vontade, e onde Giorgos, o grego, obtinha não só fодas descomplicadas como também maridos fiéis. Ele ajeitou o pano sobre a cabeça como um véu de noiva. *Seja o que for, nounou, é melhor ficar invisível lá*

fora. Principalmente aqui nessa espelunca. Mas nunca se sabe onde eles estão. Lembra o nome deles, o que eles são. Nem todos têm a cabeça raspada ou tatuam suásticas. A primeira coisa que fazem é ferrar nossas caras. Querem nos marcar. Se pudessem, marcariam nossas portas e nos pendurariam em estacas com o pau enfiado na boca. Nos foderiam ou nos obrigariam a fodê-los muito primeiro, porque é isso o que querem e não aguentam. Quando nos matam, tentam nos matar dentro deles. Esquece esses putos, eles são uma minoria, eu disse e não acreditei e foi triste. Giorgos, o grego, também não. Você é bonito demais pra ter cicatrizes, nounou. Você precisa sobreviver e não deixar o mundo esquecer que somos lindos.

*

a neve me acalma.

Ontem te excitava.

hoje acalma. me deixa.

Viu a neve em Paris pela primeira vez meses antes através da sua única janela, buraco quase imperceptível no topo de um edifício igual a tantos outros do Boulevard de la Villette. Os flocos logo cobririam aquele ar mofado e sombrio das últimas semanas. Se tivesse sorte, pela manhã, olharia para fora assim que acordasse e Belleville estaria pálida e pacificada como uma morta. Sob esse véu e do alto costumava ser mais fácil suportar o bairro. Mas tudo pareceria ainda pior logo que a temperatura subisse poucos graus. A ressaca da neve viria sempre, pegadas profundas na lama que engole o gelo, lixo transbordando nas sarjetas, a merda dos cães que carregamos sob os sapatos, passando a nos pertencer.

A garrafa logo seria vencida. A que estava prestes a abrir logo a venceria.

precisou se trocar e descer até o mercadinho marroquino para comprá-la. uma garrafa nunca é o bastante, ele sabe, mas tenta operar na contenção. enfiou algumas moedas no bolso e deixou as notas na carteira. sabia que levava pouco. como sempre, amine sorriu diante daquela sua careta consternada e disse que poderia pagar a diferença no começo do mês. uma artimanha que só funcionava com amine, qualquer outro bufaria e lhe daria as costas. que mastigasse um punhado de neve suja. mas o marroquino ainda o elogiava, dizia que era um bom rapaz, que nunca se enganava sobre quem era bom e quem era ruim. por isso ele não deixa de pagar amine. outros continuarão esperando, mas o marroquino está

no topo da lista. voltou para a toca com a garrafa e mais uma pequeníssima dívida. para lá, onde tudo estava sempre prestes a acontecer.

E no entanto nada. Não ainda. Nada perceptível além dos gestos e acessórios de costume. Batom vermelho, pulseiras e braceletes se fundiam numa espécie de instrumento musical que ela ainda não dominava. Anéis em quase todos os dedos, um par de brincos longos, chamativos, a camisola preta com decote profundo nas costas. Novidade foi o xale russo sobre os ombros. Krzysztof Komeda e Zbigniew Namysłowski Quartet na vitrola da Ewa já podiam ser considerados tradições. Criou gosto por jazz polonês e então decidiu que, como a Ewa, ouvia jazz polonês desde criancinha. Dava-lhe prazer extremo pensar que não havia outra mulher no mundo com tantos anéis e pulseiras e um xale russo sobre os ombros ouvindo Zbigniew Namysłowski Quartet numa vitrola azul. Tão única e tão injusto que continuasse incógnita, confinada no quatinho bolorento. Mal precisou estender o braço para se servir outra vez. Sempre que aparecia, bebia demais. Dentro da toca, podíamos estar simultaneamente na sala, na varanda, na cozinha e no escritório sem que fosse preciso dar um único passo. Mesmo assim, ela fazia questão de dizer em voz alta, entre suspiros, *Seria bom ir até a cozinha agora e me servir de mais vinho* ou *Vou me fechar no escritório para trabalhar um pouco, não me perturbe até a hora do chá* ou *Tudo o que quero hoje é me trancar no quarto e dormir o dia inteiro* ou *Um pouco de privacidade, é pedir muito?* Achava bonito suspirar, caía-lhe bem. Paredes e cômodos novos eram erguidos pelas palavras da diva. Mas a única porta ali era aquela que nos mantinha separados do mundo.

Continuou parada diante da janela lambendo o vinho que escorreu pelos dedos. As cortinas cuidadosamente arranjadas para que pudesse xeretar sem ser vista. Mesmo que não houvesse muito para ver àquela hora da madrugada. Onde pusesse os olhos, as mesmas árvores secas, as três fileiras de carros vazios estacionados ao longo do *boulevard*, às vezes um zumbi que se desintegrava repentinamente. Os mortos-vivos abundam em Belleville. E as janelas fechadas de apartamentos que pareciam tão habitados quanto mausoléus. E, no entanto, estavam lá, continuam lá. Respiram, trepam, se masturbam solitários ou se conformam com a abstinência, bebem, fumam, cheiram, tomam comprimidos, têm

sonhos, insônias, pesadelos, apneia, rangem dentes, roncam, babam, suam, coçam urticárias e sarnas, tremem de frio, precisam acordar cedo, tarde e seguir, os que não morrem dormindo. Alguns devem rezar por isso ao se deitar, outros se agarram à vida como fungos. Que todos nos ignorem, que a existência magnífica dela lhes seja totalmente desconhecida a entristece. Mas logo passa, sua plateia é outra. Na ordem, chineses, árabes, africanos, latinos e franceses que não se importavam em dividir seu pasto com a erva daninha estrangeira ou não têm outro lugar para ir no momento. Ocupamos Belleville, transbordamos como esporradas, estamos em toda parte, maltratados muitas vezes por dia, a burocracia sempre pronta para nos espremer como acnes infectadas. Que esprema. Estamos entranhados. Paris é um engodo e nos pagará caro por nos atrair com tanta luz e tanta pompa. A praga das mariposas. Debatendo-se dentro da grande luminária do mundo. Aprendemos a maltratar também. Bufam para nós? Pois bufamos para eles, e entre nós, principalmente. Bufar também é o nosso verbo agora.

Mesmo os inferninhos do bairro fecham as portas cedo numa quarta-feira de inverno. Os clientes são escorraçados e não se ressentem. Imploram por um último copo, que não será concedido, e voltam na noite seguinte para buscá-lo. Ela também seria enxotada do quartinho e voltaria se a chamasse ou mesmo que não, porque dispensa convites. Os outros logo se dispersam e desaparecem no buraco do metrô ou atrás de uma das dezenas de portas e esquinas ao redor. Os rastros dela também seriam totalmente apagados. Embora ela não tivesse para onde ir, e não iria a parte alguma sem mim, era obrigada a sumir antes que a Ewa voltasse do plantão. Ela precisa do meu corpo para existir.

ele precisa que eu exista. mas também gostava da Ewa, gostava até demais.

Então os olhos não tinham escolha a não ser ver o máximo possível. Enquanto pudessem fazê-lo. Se alternavam entre a neve que caía, as três putas chinesas que se encolhiam debaixo da marquise mínima e dentro de seus casacos térmicos de nylon, e a mensagem aberta na tela do computador. Podia ser pouco, mas mesmo assim era bom ter olhos para ver.

ele arrancava os dele e os dava para mim com alívio.

que sua irmã o acusasse de deixá-la sozinha cuidando da mãe, não era nenhuma novidade nem o espantava. que a mãe se tornasse a cada dia mais intratável, que a cris chamasse de cuidar o que fazia, tampouco. essas duas mulheres que, anos atrás, tinham o poder de o consumir até o caroço, agora soavam-lhe tão monótonas e sem interesse quanto as próximas eleições parlamentares em kiribati. no máximo, uma fina camada de culpa sobre o sentimento geral que se instalou depois que leu as cinco linhas mal escritas daquele e-mail. uma lembrando cotidianamente a outra de que a beleza não vai durar. nenhuma palavra precisava ser dita a respeito. e a irmã ainda escrevia como uma garota estúpida. estacionada na forma paqueta há mais de 20 anos. estou sendo tristemente literal. foi breve, uns oito ou nove meses, a paquitice de fato. depois, um eco que nunca silenciou. ela não tinha carisma e não gostava de criança, não podia evitar o nojo quando as mãozinhas grudentas de bala a tocavam e as bocas afoitas carimbavam sua maquiagem. uma assistente do programa percebeu e a confinou num canto onde a câmera nem sempre chegava. era linda, mas não prestava para o trabalho. nenhuma criança da época, além dele, se lembrava mais daquela paqueta obscura de coxas torneadas. ele cabulava aula para vê-la e imitá-la diante da televisão. depois não podia perguntar por que tinha aparecido tão pouco. mas enquanto a cris vivesse, a catuxita caramelo não morreria. ao mesmo tempo burra e exigente, um clichê preguiçoso, e isso o incomodava mais que qualquer outro dado no seu caráter incômodo. check. e mais uma vez a constatação de que se sentia aliviado pela distância, pela impossibilidade de que elas girassem a chave e lhe invadissem. check. não mais, não ali, não tinha volta.

aconteceu assim que o avião decolou. se convenceu de que a impossibilidade de ser fisicamente acessado faria dele uma pessoa nova. novidade que não nasceria à sombra daquelas duas. mas não estava livre do sentimento ligeiro de uma obrigação que não cumpria. *uma obrigação que só diz respeito ao sangue*, falava para si mesmo. ou para mim. *uma contingência da espécie*. e queria que a matéria original, tão ínfima, não fosse, por si só, capaz de sustentar os laços durante toda uma vida. doenças e anomalias podiam ser gravadas nos genes, o amor não. idílico ou aberrante, são como próteses que acoplamos nos nossos vãos. mas ali

também cabem armas, livros, sêmen, tumores, chocolates, sexo, flores, línguas, drogas, drinques, apartamentos, espressos duplos, automóveis, cartões de crédito, implantes de silicone, sapatos, picanha, herdeiros, surubas, joias, lacaio, animais de estimação, vícios e máquinas infinitas. há buracos rasos, profundos, negros. pode-se tentar eliminar alguns, fazer virem à tona, vertê-los em exterioridades, pode-se aterrá-los e cair buraco adentro vertiginosa e indefinidamente, tentando encontrar no fundo o que tanto falta. pode-se passar uma vida inteira sem fazer outra coisa. e fazendo qualquer coisa, menos isso.

seguindo a lógica da contingência, ele seria capaz de encontrar mais parentesco num gorila ou no asteroide chicxulub.

os quatro anos perdidos na faculdade de medicina poderiam sugerir diagnósticos, levando em conta os sintomas resumidos porcamemente pela irmã como caprichos de uma velha, primeiro apenas egoísta, depois, egoísta e louca. mas fisiologicamente louca? quando pedia detalhes, logo se arrependia. a cris estava a caminho de ser outra, talvez pior que a mãe. e ia rápido. mas ele não se lastimou especialmente ao pensar que a Stela pudesse ter um fim como aquele, esquecida de si, dos filhos, de um passado, um presente e um futuro.

No fundo você não acredita que haja lá algo que valha a lembrança, ela balbuciou, emborcando a taça cheia. Ela parecia saber tudo a meu respeito.

ele ainda nem sabia o meu nome.

o caráter duvidoso, a existência oca disfarçada com banalidades, dois filhos que tentou adestrar como chihuahuas para que coubessem na bolsa e não fizessem porcarias nos tapetes. se continuasse deixando o gás escapar do fogão e tomando aquelas pílulas que conseguia deus sabe como, poderia apressar o processo, talvez arrastando junto a cris e alguns vizinhos inoportunos. todos os vizinhos, segundo os relatórios mais recentes da stela, eram desprezíveis e imundos e, portanto, *é preciso ser racional e pragmático de vez em quando, meu filho*, não fariam falta neste mundo. os únicos que prestavam morreram ou se mudaram para ipanema ou

o leblon. *e a morte tem levado os melhores, manu.* deixava claro como se sentia a respeito dos novatos sempre que saía do apartamento, negando-lhes até seu cumprimento mais seco, torcendo o nariz quando tinha de dividir o elevador, escrevendo longas queixas sobre qualquer deslize no livro do condomínio, odiando seus cães, perseguindo suas crianças porque ousavam brincar no pátio e macular suas *únicas horinhas de descanso*. mas gostava de um dos porteiros e do zelador. às vezes descia para regalar os dois com comida velha e conspirar contra *as ratazanas do edifício*. o resto do tempo, investia em sites e chats de namoro, e era lá que deixava fluir o lado meigo e divertido. seus perfis, os verdadeiros, atraíam machos de todas as espécies, e administrar tantas demandas tomava-lhe a maior parte do dia. continuava uma adolescente dos anos 50 que sonhava com um marido. três não lhe bastaram. os três nunca existiram, o fracasso os anulou, o sonho continuava vívido e imaculado. se os velhos da sua idade não estivessem sempre correndo atrás de carnes mais firmes, *se pelo menos arranjasse um bom homem que me desse valor, mimasse e consolasse*. enfim, como eu ia dizendo, a demência não seria uma benção para alguns? enquanto tantos septuagenários, e assim por diante, quanto mais próximos da morte, mais se arrependem e lamentam, ela estaria destinada a um fim sem mácula. se sempre teve horror à velhice e à doença, acaba seus dias como recém-nascida, livre do erro e do remorso.

Ela ficava pior, uma pessoa muito ruim, quando bebia.

ele passou a lidar com o assunto de forma objetiva, ou se esforçou para isso: não as amava. justamente por serem sua mãe e irmã. por terem feito disso o que fizeram. por continuarem tentando fazê-lo. que bobagem, eu dizia. o problema está em esperar do amor esse lugar ensolarado, uma primavera florida. ele faz uma puta sujeira, meu bem, enobrece e também constipa. essa mágoa profundíssima por aquelas duas seria impossível sem uma ligação que não fosse igualmente profunda. mas ele estava convencido que minha função era contradizê-lo e confundi-lo. a bêbada, a louca, deixa que ela fale à vontade, ela me diverte. não conseguia encaixá-las em nenhuma ideia que fazia do amor. já foi capaz, não mais.

A Fulana falava sobre o amor com propriedade, como se esse entendimento fizesse parte da sua natureza e a ignorância da minha. Quando tocava no assunto, assumia um tom professoral e condescendente. Detestava ser chamada de Fulana, e achava desnecessário me dizer o próprio nome.

olha, chegou mais uma. a gorda.

as três putas chinesas sob a marquise do prédio em frente. aqueles corpos envelhecidos, cobertos por camadas sucessivas de tecidos sintéticos continuavam ali para quem? algum amor para elas? talvez na china? no andar debaixo? atrás de alguma porta da rue Civiale? passava das duas da madrugada, ninguém além delas lá fora, a neve fina encharcava como chuva. fazia parte da sua obsessão pelas putas chinesas formular perguntas que permaneceriam sem respostas, gerando outras infinitamente. porque não podia se aproximar de uma e convidá-la para subir para uma taça de vinho. ela abaixaria o rosto e se afastaria como um corvo assustado. dois ou três caras, vigias antes incógnitos, surgiriam de seus covis. e isso não seria seguro. belleville é hostil à curiosidade. haveria algum sistema de rodízio que as obrigava àqueles plantões infrutíferos? estavam ali porque queriam? outros olhos, mais violentos que os nossos, também estariam aferrados sobre elas naquele instante, garantindo que não fossem se esquentar solitárias em suas camas? as putas chinesas eram muito semelhantes entre si. todas pareciam ter mais de 40 anos e corpos meio rechonchudos que prefeririam qualquer outra atividade. profissionalmente falando. ele gostava de dizer “putas chinesas” e de pensar nelas não só como putas diferentes das outras, mas como suas iguais.

as putas chinesas do boulevard de la villette, as putas móveis dos bordels militaires de campagne, os travestis e transexuais da place clichy, st-denis, pigalle, bois de boulogne, as empregadinhas, os ciganos, os romenos, os *clochards*. ele veio a paris para ser marginal, subalterno e miserável. eu vim para resplandecer.

o garoto árabe outra vez! está apaixonado pela ruiva! prevejo um crime de amor entre os guetos! troque o disco, sim? acho que hoje acordei mais Iggy Pop...

ele se contorcia de ciúme se flagrava uma negociação em curso. durante o dia, enquanto famílias chinesas circulam pelo bairro, e porque sempre haverá patrulhas e vigilância, elas apenas conversam entre si, se deixando à vista dos passantes sem maiores exibicionismos. mesmo quando uma delas é escolhida, os movimentos que se seguem são felinos. seriam chacinadas e enterradas no bosque do bois de boulogne se ousassem requerer um território. hollande tinha um plano para elas. era democrático: incluía brancas, pardas, negras, amarelas, rachadas ou bem dotadas, e quem pagasse por seus atributos. que aguardassem a hora do extermínio. sarkozy também fez o que pôde. eles vêm e vão com suas ratoeiras e ameaças, elas permanecem e multiplicam seus buracos vertiginosos. à distância pareciam tristes e perdidas, de perto, podiam passar por santas de altar. diante delas, manu baixava os olhos em respeito, mas da sua janela, encarava-as com devoção. *excusez-moi, bonjour, pardon* eram as senhas para entrar e sair do edifício. fazia parte do cotidiano dizê-las e ganhar passagem. os vãos das portas não são vãos de portas, mas suas vitrines. *excusez-moi, bonjour, pardon.* e elas sorriam e respondiam nesses momentos de civilidade como vizinhas cordiais fariam. belleville então era menos sórdida e o fracasso tão mais doce.

Naquela noite, pouco depois das três da manhã, Ewa disse a senha meio a contragosto, subiu sem fôlego os seis lances de escada até o quartinho, abriu a porta e não encontrou nada que denunciasse que uma mulher esteve ali. Que outra mulher era a verdadeira dona daquela toca.

*

Pergunto sobre os pais dela e a resposta imediata é aquela pausa que eu já conheço, preenchida com uma sequência de ações que parece infinita. Abre a janela, está menos dois graus lá fora e venta, acende um cigarro, se volta para a rua, fuma, pega um copo sujo, enche com água da torneira, não bebe, pega a taça de vinho, bebe, sempre de costas para mim, como se isso me apagasse do quarto e encerrasse o problema. O problema é eu estar no quarto lhe fazendo perguntas. Fecha a janela, investiga as sombras que se projetam pelas paredes como se fossem novidades na decoração, depois, por um instante, para o meu rosto, não diretamente nos olhos, depois para cada uma das unhas das duas mãos, à procura de alguma que ainda possa ser roída. Não sei quanto tempo dura isso porque pego um livro e finjo que a pergunta não tem nenhuma importância. Mas enquanto espero, posso posso me ver com 90 anos, metade do corpo paralisado por derrames, catarata nos olhos e ainda esperando, a pausa é nosso estado definitivo, nunca mais poderemos nos dizer coisa alguma.

*

começa em madrid. mas não se trata de começar. assim como eu não estreei na primeira calcinha de renda que você experimentou e ficou frouxa na tua bunda magra e você preencheu com a mini toalha do lavabo onde a stela mandou bordar nesse lar tem amor. nem no sutiã que roubou das lojas americanas. nem na boquinha lambuzada de batom cor de vinho e nos brincos de pressão que tua mãe usava em quase todas as festas, que fizeram a cris rir até verter lágrimas quando você surgiu no quarto dela imitando os cacoetes da stela, e ela te abraçou com força e você sentiu como eram macios aqueles peitos contra tua fronte e pensou que peitos eram o lugar mais aconchegante do mundo.

não é algo acessório, que possa ser implantado ou acoplado. talvez esteja mais para o vão anterior ao encaixe. talvez sejam exigências do vão. mas a montagem ajuda a esculpir e desfazer formas. me torna visível, ainda distante de qualquer perfeição.

embora o material seja maleável, às vezes se comporta como rocha maciça e se recusa ao escultor. permanece rígido ou se quebra sob o impacto de qualquer intervenção.

ele retrocede e tenta localizar quando e onde o desejo começou a se deslocar por mim. se encontra um lugar reservado, chora por não saber a resposta ou simplesmente porque acredita que houve um momento e um lugar em que tudo começou. a pergunta que sempre vem nessas horas: podia ter evitado? a pergunta errada.

o começo aqui talvez seja um corte, uma rachadura ou mesmo uma protuberância. como as cinzas que precedem erupções e os tremores que indicam deslocamentos

e choques são manifestações de matérias incontidas, não a origem dos seus movimentos. madrid foi mais um. continua aqui. às vezes na região da omoplata, às vezes uma enxaqueca, espirros, uma alergia, uma lembrança que o faz rir ou se arrepender. no calo sob o pé direito, talhado com caminhadas em um all star preto. nunca o abandonarão. todos os lugares onde vai se instalam em você, te modelam e deformam. o rio de janeiro, ele sabe, costuma se manifestar no sacro, aquele osso que, com uma rotação mínima, faz dele um velho encurvado. a esquina da domingos ferreira com a figueiredo de magalhães fica numa cicatriz entre o polegar e o indicador direito. nunca mais deixarão de ter estado nele e ele nunca mais deixará de ter estado lá. você saiu do corpo da stela, entrou no corpo de copacabana, foi engolido, mastigado, atravessado e cuspidos tantas vezes. e o que quero dizer é: se eu dissesse que nunca se sai, que você sobrevive devorando por dentro aquilo que te engoliu?

o primeiro bilhete, rio-mad, você olhou dezoito vezes para ele assim que passou pela porta da agência de viagens. não, eu não contei, é um cálculo impreciso. aos 24 anos olhamos muito para as coisas que nunca fizemos antes. como se o olhar não se corrompesse e traísse com tanto descaramento. mas já vivemos o bastante para nos certificarmos de que o erro espreita e estamos convencidos de que não se erra impunemente.

o dinheiro que a avó lhe deu escondida cinco meses antes de morrer porque, de todo o mundo, só gostava dele e já não disfarçava, estava ali. ela tinha chegado numa idade em que esse tipo de fingimento não fazia o menor sentido. para que ninguém mais, principalmente a stela, herdasse seus *últimos réis*, os entregaria em vida. a avó dizia réis, fazia uma pausa antes de prosseguir para se certificar de que ninguém a corrigiria. não o fazia por senilidade, porque não soubesse discernir as moedas, mesmo que mudassem tanto de nome, mas por insubordinação. lia todos os cadernos de economia, tinha tesão no capitalismo. ninguém além do neto preferido: *é cruzeiro agora, vovó*. e ela ria. as risadas começavam com um ronco que o fazia rir também. um estudo dela aquele jogo de se fazer de demente sendo uma águia, dizer asneiras, forjar lapsos e fazê-los acreditar que eram bons cristãos por deixá-la viver no delírio. um desses aparelhos velhos e ultrapassados que já

não valem a despesa do conserto. era assim que a viam e ela estava forte o bastante para se vingar e o faria enquanto lhe restasse ânimo. sempre foi rica, ou quase, menos do que gostaria, o suficiente para nunca ter trabalhado a sério e, como planejou, sobrou pouco no fim. o resto foi gasto com eles, os que amou antes de você surgir e ser incluído. a stela tinha vergonha, não se podia falar sobre aquilo sem estragar seu dia. a avó se orgulhava. ter sustentado tantos homens, por regra todos muito mais jovens e muito mais pobres. idolatrava a juventude, então achava justo que se investisse nela. na véspera da morte, ficou ainda mais falante com você e impenetrável diante dos demais. nos momentos que tinham a sós, contava que ainda podia sentir nas pontas dos dedos as peles daqueles que amou. os tecidos mais caros não se comparavam. também houve mulheres, chamava-as de experimentos. tecidos macios, finos, espessos, ásperos, lisos, rugosos, leves, texturas incrivelmente distintas. os dedos murchos desenhavam no ar enquanto falava e você quase podia vê-los. quis saber qual preferia. *gosto de garotas, vovó.* e, de repente, uma bruxa má. se estivesse mentindo, deserdaria sem dó, daria o dinheiro para um abrigo de cães, a ela devia contar tudo, qual você preferia? poderia ter falado sobre mim se não temesse tanto perder a herança. de certa forma, parcialmente, contou. *eu sei, vovó. mas é que gosto de garotas mesmo. gosto muito das garotas.* ela ficou desapontada, a resposta certa seria ambos. era um desperdício. então quis ver teu pau. você pensou mais uma vez no dinheiro e abaixou a bermuda. as mãos trêmulas, o rosto quente, a cabeça pesada contra o peito. *não seja estúpido, sou tua avó.* e sorriu. agora uma fada velha. *se acreditasse em morte pacífica, diria que posso morrer em paz. não preciso mais me preocupar com você, meu menino.*

o dinheiro o esperava numa caderneta de poupança, a sala dos tesouros onde ele também passou a enterrar pequenos furtos domésticos e superfaturamentos com material escolar. a herança secreta ficou lá por muito tempo, como a própria avó embalsamada. tudo isso também estava escrito no bilhete para madrid.

a stela não se cansava de perguntar *por que madrid?! o que é que tem em madrid?! vai me deixar aqui sozinha?! nenhum motivo especial além da*

proximidade entre as línguas e a distância continental que se abriria entre ele, ela e a cris. mas certas coisas não podem ser ditas para uma mãe.

ainda assim, uma vez instalado e empregado num restaurante galego de frutos do mar na calle santa brígida, descobre o quanto é difícil formular frases complexas sem ter pensado com antecedência ou parecer estúpido. sendo estrangeiro, existir socialmente é algo que precisa ser feito de improviso, e ele tropeça, gagueja. é branco, bonito, tem olhos claros e gentis, tão europeu para um brasileiro. também tem talento para disfarçar as roupas baratas com peças caras que lhe abocanham o orçamento. essa habilidade não passa despercebida. em troca, conseguirá trabalho em lugares onde não será muito maltratado, se fizer questão de mais esse luxo. ainda assim será mal pago. Seus documentos permitem que trabalhe o bastante para continuar pobre e não se sentir confortável o bastante para querer prolongar a estadia. mas veja pelo lado positivo, poucos se negam a erguer o olhar para responder se você faz uma pergunta com educação. embora testemunhe diariamente respostas diferentes quando se trata de outros latinos, negros, árabes, putas, travecos e bichas pobres, operários e subempregados encardidos. a submissão aos poucos adiciona uma película sombria e impossível de alvejar. nos guetos, a lógica se repete, cada qual com seus regulamentos. ali você pode ser mulher, mas mantenha o bico calado e os canais lubrificados. se for negro, ande mais dez estações, lá é seu lugar. desde que não seja veado. acalme-se, mais adiante está livre para ser veado, mas não efeminado, ou, sim, ok, efeminado, desde que não seja soropositivo. avance no tabuleiro e roube, espanque, estupre, invada territórios, expulse, exploda-se, segregue, mate, mas isso não quer dizer que se possa ignorar o código de conduta. sempre haverá um, por mais que te pareça incompreensível. procure se inteirar antes do próximo passo, isso talvez renda um bônus de alguns anos a mais de vida. então o problema da sobrevivência se imporá e você estará autorizado a não se ocupar com os menos afortunados, se puder. as vísceras geralmente se acostumam. há as mais sensíveis. se prepare para eventuais constipações e disenterias. você consegue, a princípio, alguns minutos de atenção. é sempre um avanço. mas não há ferrolho em parte alguma nem memória partilhável. às vezes é como se sua sanidade dependesse disso. por mais que ande e tente construir sua própria cidade, ali nunca encontrará a infância.

nenhuma fachada, nenhuma rua ou praça falará a respeito dele, sobre os amigos, hábitos e gostos que um dia o definiram e ele abandonou sem qualquer cerimônia. o cotidiano é uma sucessão de episódios irrisórios e cansativos. aqui, não importa o que faça, e ele tem reduzido muito seus feitos, a insignificância o acompanha. aos poucos começa a sentir que ela cai bem. se para de combatê-la e se deixa levar pelo empuxo, se encaixa perfeitamente. enquanto no rio de janeiro sempre presumira o contrário. todos os dias ele acordava para se sentir relevante.

o sobrenome, o rosto, como marcas, tatuagens. no brasil tem cara de gringo. *russo? polaco?* os judeus perguntam se é um deles, prontos para estender a mão e convidá-lo para o próximo shabat. mas seus bisavós e avós, até onde ele sabe, eram cristãos, então os desaponta. é na europa que volta a ser latino. em madrid é um *sudaca de mierda*.

por não conseguir dizer o que gostaria, não da forma exata, aos poucos se recolhe para os bastidores e reduz a fala ao essencial. até entende o que dizem, o que significa que continuará ouvindo. por onde passa é logo identificado e aceito como aquele que fala pouco e ouve bem. como numa maldição.

num processo compensatório, minha voz cresce e se ramifica. mas só você a escuta.

os colegas de trabalho, sobretudo as mulheres, logo o acolhem porque, basicamente, é um ouvinte metuculoso. ouve até o fim, num silêncio concentrado que não denuncia quando deixa de ouvi-los e começa julgá-los e catalogá-los. forçam longas expedições íntimas em horas impróprias, roubando-lhe os únicos instantes que teria para si mesmo. a par de seus dramas e horrores, não consegue evitar o instinto de salvá-los. embora goste de alguns e se divirta com eles, não ignora que se tornam mais vívidos quando reclamam ou acusam. todos vítimas de todos. todos carrascos de todos. você não se distingue. eles têm a coragem de admitir e o prêmio é tê-lo como receptáculo. há tanto a dizer sobre as vidas deles que é raro lhes ocorrer perguntas a respeito da tua. quando acontece, esse jeito lento e auto-constrangido de falar logo lhes dá pretextos para mais relatos que

você, tão pobre de si mesmo, certamente, mais que qualquer outra coisa, deve querer ouvir. o sentimento inicial, ser uma pessoa querida, confiável, o confidente global, não se sustentará. você começará, um a um, a detestá-los. e eles jamais perceberão.

não é diferente com carmen. o que não te impede de se sentir desesperado por ela durante três meses e prolongar o caso aos trancos durante mais dez, por carência e/ou apego estético. a vassalagem universitária, da qual você faz parte, embora não passe de um estudante medíocre e indeciso de castelhano, se alvoroça. vocês se tornam o casal fetiche, objeto de desejo das surubas que seu grupo planeja em minúcias e obsessivamente todos os finais de semana depois do trabalho, enquanto bebem e fumam maconha e haxixe até a inconsciência, jamais as consumando. seriam tipos glamourosos e apareceriam em revistas, não tivessem que contar trocados, dividir despesas sovina e desistir dos programas que adorariam ter feito juntos porque não podem pagar por eles. também são convencionais e assépticos demais para uma descida a sério ao *underground*. então o negócio se reduz a serem dois *sudacas de mierda* muito mais atraentes que a média.

carmen fala, manu escuta. no começo com alguma devoção. nunca há silêncio, não sem embaraço, sem que pareçam tristes e irremediavelmente estranhos um ao outro. quando não lhe ocorre mais nada para dizer, carmen beija-o, guia suas mãos até os seios de que se orgulha tanto ou canta algum rock argentino olhando para o vazio. o que quer que carmen faça, sempre acaba às lágrimas. tem tanta saudade de casa quanto teme à ideia do retorno. tem cabelos longos e selvagens, usa as mesmas botas no frio e no calor, garimpa brechós e consegue o impensável com 30 euros na bolsa. pagam-lhe tantos drinques nos pubs que precisa vomitar duas ou três vezes para não desperdiçar as cortesias. dão-lhe as melhores gorjetas do restaurante. tem estilo, empenha-se para que pareça accidental, mas o que a define é a imaginação fértil e persecutória e uma pasta no computador com 1258 autorretratos que pretende transformar numa instalação sobre si mesma ou a imagem do eu na contemporaneidade. fala muito, bebe muito, fuma muito quando bebe, gosta muito de dançar, quer muito ser cineasta e fazer um filme

autoficcional onde dirigirá a si própria. acha que vai morrer antes dos 40 e por isso tem pressa, angústia, ansiedade e trepa mal, incapaz de se concentrar, apavorada diante da vulnerabilidade que a atravessa nas raras vezes em que goza. há planos funestos contra ela. seus perseguidores vão dos pais ao senhorio, das colegas da faculdade de cinema à caixa do supermercado, que sempre lhe trata mal. as mulheres atacam-na porque é linda, os homens, diante dela, não passam de leões carniceiros. quando fica melancólica, menos convicta da própria importância e se desmonta em dúvidas, sempre que consegue antever alguma escassez em carmen, você a acha comovente, complexa, interessante e linda demais para deixá-la. lamenta que dure tão pouco. o detector de conspirações dispara, a intensidade volta e, quem diria, isso pode não ser bom. os inimigos mantêm sua pulsação acelerada. mesmo assim, você ainda a escuta. depois de seis meses tem a impressão de ouvi-la mesmo quando não estão juntos. é um zumbido dentro da sua cabeça. quer tocá-la cada vez menos. o inferno, se existir, deve ser um lugar repleto de corpos lindos como os de carmen. em que não se tem nenhuma vontade de pôr as mãos.

os homens do grupo não demonstram que se incomodam com sua popularidade porque também cedem à tentação de escuta tão disponível. muitos não perdoam a conquista de carmen, mas ele é oásis num mundo surdo e hostil. todos, sem exceção, ficam aliviados quando o namoro acaba. carmen sempre foi egocêntrica, demandante e louca, é o que dizem como consolo, sem desconfiarem do desengano, da sua vitória sobre si mesmo.

carmen se muda para barcelona sem se despedir. três lingerie, uma pulseira, um punhado de grampos e um vestido comprido de algodão azul com a bainha manchada de alvejante esquecidos em seu quarto são confiscados. assim recomeça meu pequeno acervo. objetos deixados para trás pela ex namorada não precisam ser escondidos debaixo de meias ou em caixas de sapatos, nem requerem desculpas. mas às vezes arranham a madeira e gritam como um enterrado vivo. quando não é mais capaz de nos evitar, enquanto o cidade faz a siesta ou no meio da madrugada, você os leva para o banheiro e permite que cumpramos nossos destinos, tenhamos um corpo para vestir.

a pele dele é o território por onde deslizariam mundos. uns conformes e, por isso, expostos, outros, confinados à mesma privacidade que sua merda lhe exige.

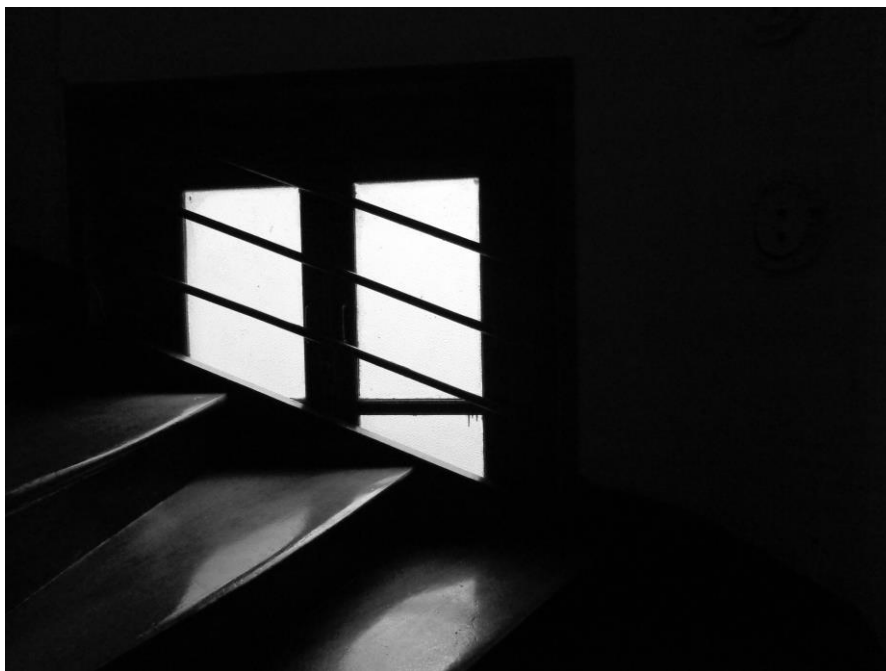
a alegoria, extremamente precária, é pensar num avesso e num direito.

privacidade é artigo raro nessa existência de alugar quatinhos e dividir cômodos com estranhos que também alugam quatinhos e compartilham o vaso sanitário com você porque também não têm escolha. estariam todos encastelados, se pudessem. e que alívio se puxam a descarga, não comem teu último iogurte, lavam a panela que usaram para fritar bacon e ovos, e não reclamam do tempo que fica no banho, quando vocês não se odeiam homicidamente, tomam o primeiro porre e cozinham juntos e se chamam de amigos porque assim o constrangimento é bastante minimizado.

para eles, a escuta, o silêncio cúmplice, alguma ausência se passando por doação, poucas palavras, nunca sobre nós, sempre sobre eles. assim todos se deixam conquistar. da insegurança, da incompletude, do orgulho estropiado, do quanto o exasperam e desapontam, do quanto é capaz de fazer o mesmo sem eles, sequer desconfiam. ninguém pode acompanhá-lo além de mim.

mas me esgueiro entre interditos. às vezes você quer me arrancar do fundo e nos fazer deslizar juntos pela superfície. tão fluidamente que o próprio movimento pudesse desfazer as fronteiras entre o que somos. me dar voz, se calando. tornar a falar, sabendo que te escuto.

poderia não haver avesso e direito. mas enquanto houver, sou algo como um forro. desperdício de tecido fino.



Mas teu pau me diz mais sobre você do que você imagina, Manu.

*

O corpo da Ewa. Ele vai e vem em ondas salobras e escuras que não animam para o mergulho. Tem voltado cada vez mais coberto de sargaço e petróleo. Monstro marinho. Filhote de pinguim. Minha polaca. Não consigo me decidir. As asas encharcadas são inúteis. Mas ele volta, mesmo que tenha que rastejar até aqui. Volta porque eu volto. Como um desses fungos de unha. Que sobrevivem a nós e devem se alastrar e construir impérios sobre a matéria que ainda cresce a sete palmos. Pratico imagens, analogias que a expulsem pelo asco. Ela persiste, talvez seja incurável, definitiva como a mancha.

Um perfil amarrotado sobre o travesseiro, o hálito forte, morno, mau, mas não pra mim. É o sopro mais íntimo que escapa da boca como um segredo sujo que ela não pode conter. Não até que acorde. Algumas mechas de cabelos coladas ao rosto pelos óleos e líquidos que brotam dela quando dorme ou quando goza, deixam frestas pálidas visíveis. Nunca a vi dormir sem ter gozado antes. Talvez isso lhe seja impossível. A pele branca manchada de vermelho. A mesma cor nos pontos minúsculos que só olhos íntimos podem ver. É preciso procurar, espreitar motivos para o desassossego que se insinua porque, cedo ou tarde, ela não vai mais estar ao alcance. É preciso consumir, gastar o corpo. Vamos morrer para ele, um para o outro ou para todos. Um dado que justifique eu estar pensando nisso tudo enquanto ela dorme, apenas dorme. Coisas injustificáveis me imobilizam mas não impedem de pensar. É aqui que estou, penso como um demente. Talvez esteja mais nas manchas que se escondem do que naquelas que a pele exhibe. De autoria incerta. Mas não, está em toda parte. Ou estaria se eu tivesse mesmo a intenção de ver.

No braço solto sobre o colchão, a pele translúcida da Ewa exhibe um bordado complexo de veias azuis muito nítidas, algumas em relevo, outras quase

imperceptíveis. Ela tem orgulho sobretudo das veias nítidas na face interna dos braços, aquelas *boas para tirar sangue*. Uma auxiliar de enfermagem sabe o valor de veias salientes. Ewa as exhibe aos colegas do hospital como uma criança que mostra seu melhor desenho ou um brinquedo novo. Penso no sangue que cruza incessantemente por esse circuito fechado, preenchendo-a. Nas pequenas hemorragias desenhadas por dentes e dedos descuidados e violentos. Eu sou um dado qualquer que corre fora e não participo de quase nada depois do seu gozo. Talvez do cansaço. Minha única gratificação está no cansaço dela. E para isso ela também tem o trabalho. Tem os outros. Não quero saber quantos nem quando. Quero que não existam. Farejo indícios, pistas, planejo segui-la, obrigá-la a deixá-los. Ela diz que o trabalho a esgota muito mais. E que eu a irrita quando faço perguntas.

O peito se move como resultado de um mecanismo bem executado, o sucesso da engrenagem milagrosa. Depois de ver e estudar um cérebro, não faz sentido que uma coisa como o cérebro funcione. E, no entanto. Também não é lógico que um corpo tão pequeno e imperfeito tenha vindo da Cracóvia para me jogar, sob a força da sua presença ou ausência, do êxtase à indignação. Extirpado o romantismo, esmiuçadas as neuroses e as carências, restam o cérebro e os processos químicos. Se Julieta fosse uma louva-deus, se Tristão fosse um bonobo, Anna Karenina, uma mosca... Foda-se a ciência, os estrogênios, as testosteronas, as dopaminas, as serotoninas, as endorfinas e os clássicos. Nunca aconteceu antes, Ewa, fomos nós que inauguramos esse estado.

Tu me casses les oreilles, ela diria se me ouvisse. Com o enfado francês e a gravidade eslava. Fico contente que durma. O molusco horripilante que procurava debaixo da cama quando menina agora se esparrama no andar de cima. Quero arrastá-la para o subterrâneo onde só terá a mim como alternativa. Vigio o ar que entra e sai pelo nariz e pela boca e catalogo cada som que escapa junto com o hálito. Agora jogo contra ela. Você também fede, Ewa, não me venha com essa de que sua passagem por aqui não me afeta enquanto respiro os seus piores cheiros. Ela se alterna entre o ronco, o ronronar, o canto atonal, murmúrios, rugidos e frases inteiras em polonês. A Ewa sempre sonha na própria língua.

O dia começa a se alojar nas frestas da cortina. Só quando amanhece lembro que preciso comprar outra. Ewa se volta contra a parede e faz a noite voltar para o quarto. Enquanto estamos na cama, tudo ao redor é o quarto. Seus pés encontram os meus e se esquivam deles. Tenho pés gelados e macios que ela se recusa a tocar, lhe dão agonia. Os dela são quentes, úmidos, rústicos, calosos. Sinto sua aspereza na minha língua como se lambesse o asfalto. Blocos minúsculos feitos de concreto maciço que pisam como patas de um animal imenso e deixam desníveis nas solas de todos os sapatos. Pés feitos para o chão. Pedregulho, cascos, a base da montanha. Vieram até aqui e vão se afastar, deixando para trás pegadas arqueológicas que serão medidas, estudadas e comprovarão sua passagem pelos meus dias. Ali estive a Ewa. Ali estive outra mulher além dele mesmo.

Ela balbucia qualquer coisa que soa como uma maldição. O que não posso traduzir amplia o enigma. O pau, no entanto, responde encantado. Arrisco uma bolinação sutil e ela remove meus dedos como se espantasse um inseto. O movimento é regressivo, a cada dia a conheço menos. Às vezes ela se solta antes de se retrair de novo, confia, se arrisca e entrega pedaços maiores daquilo que é. Os pedaços não são palavras. Às vezes ela não cabe em si, é um derramamento de Ewa e dos ecos de Ewa, jorra como uma artéria esfacelada que, sozinho, não estanco. Foi ríspida quando me viu chorar. O choro tinha eclodido em mim como último argumento. Perguntou se por acaso perdi uma perna ou um tumor rompeu meu baço ou fuzilaram meu avô em Katyn. De resto, chorar era injusto e injustificável. E, por fim, *Seja homem*. Quando me recompus, explicou que trepa com outros caras porque lhe é natural que seja assim, porque gosta de sexo e o sexo é sempre outro com outro homem. Que o valor do aluguel não me dava direito a nenhuma exclusividade. Às vezes a Ewa me deixa bilhetes por nosso quarto mofado, mas não aceita os convites que nos cuspiriam para fora dele. A não ser pelas compras quinzenais no LIDL, quando andamos lado a lado com nosso carrinho e discutimos ardentemente se penne, spaghetti ou fusilli. Ao mirante, prefere ir sozinha. *O que temos cabe bem nesse quartinho*. E eu, analfabeto diante de um texto tão complexo, a desaprendo cada vez mais.

Nunca houve uma língua para nós.



*

mas não eram como prolongamentos indefinidos quando atravessavam, lambiam, mordiam e mastigavam um ao outro? quando se acoplavam, buracos e pontas abundavam em ambos. homem-mulher, manu-ewa, ela-ele. pouco importa. não eram finalmente um nem dois, mas a multidão.

*

Acordou tarde. Isso a perturbará até que tenha chance de se retratar e talvez não tenha. Investe grande parte do seu tempo achando que deve desculpas. Nos intervalos, dedica-se a descobrir credores. Mme. Costa oscila entre alguém que lhe deve e a quem tem que pagar, a grande vaca portuguesa, a mãe postiça e a melhor abastecedora.

Perto das cinco da tarde, pincela duas camadas espessas de esmalte *Impulsive* sobre unhas recém coladas, depois sacode os dedos e assopra com energia desnecessária. O pink cintilante com toques de púrpura combina com sua pele. Os anéis de ouro e pedras preciosas, mesmo os que não chegam até o fim dos dedos, combinam com tudo. Uma harmonia se instala. Ainda que emprestada. Antevê os próximos passos investigando à distância a caixa de maquiagens, meticulosamente devassada, que Mme. Costa deixou ao lado da cama onde ela não deveria ter dormido.

O telefone toca e ela o ignora. Está ali pela cadela, um favor que faz, e não é garota de recados.

Foi assim a tarde inteira. Pequenas distrações, resistências, desperdícios – o avesso e o direito do mesmo impulso. Ela precisa comprar meias de seda. É só disso que precisa. Faz algum tempo que cobiça as da Mme. Costa, mas um fio puxado e o Armagedom eclodiria na sua Riviera postiça no centro do 16ème.

Estranho não ter ocorrido antes do filme. E pensar que se não estivesse sem sono e não ligasse a televisão, se não fosse seu desinteresse por quatro ou cinco canais consecutivos, se não persistisse, mesmo sem objetivo claro, e não continuasse apontando firmemente o controle remoto até chegar naquele filme, se não tivesse achado alguma graça na sequência inicial, se não fosse o Fred Astaire, não era fácil lhe dar as costas, se não tivesse concluído *É disso que preciso hoje*,

não teria descoberto um dado importante sobre si. É o tipo de mulher que deveria usar apenas meias de seda. Nenhuma outra certeza surgiu tão límpida como aquela no instante meditativo à que se entrega antes de dormir.

Agora, sem as meias, tudo à volta parece flunar desprovido de peso e sentido.

Doze horas mais cedo, alguma coisa a acordou e resgatou do sonho turbulento que incluía perseguições de carro e uma cobra verde que se enrolava ao longo do seu dorso e fazia ameaças telepáticas. Olhava-a nos olhos enquanto falava dentro da sua cabeça com uma voz grave e meio demoníaca. Depois, abria enormemente a boca e mordida seu braço, não como um réptil, mas um tigre que, em vez de inocular veneno, quisesse comê-la.

A lembrança daquilo e a certeza de que não deve ser bom sinal, sonhar com cobra, bicho rastejante e peçonhento, a dúvida sobre o tipo de desgraça que a aguarda, irrompem como um calafrio. Uma profecia que ela é incapaz de decifrar? O fim dos tempos? Mas doze horas mais cedo, embora sinceramente agradecida, não pôde nomear a coisa salvadora que a despertou como um príncipe. A camisola ainda nova, que encontrou largada com displicência no fundo da cômoda, branca e pequena demais para seu manequim, a camisola destinada a outro tipo de corpo, que Mme. Costa também já não tinha, estava encharcada, o braço direito dormente, e ela nunca se sentiu tão frágil e desprotegida.

Talvez um grito na vizinhança ou uma batida brusca de porta no corredor do edifício. Arriscou o palpite, ainda que o silêncio de Greta, que ali, olhando bem para ela, tinha mais cara de Ninotchka, enfim, ainda que o silêncio de Ninotchka a desmentisse. Nada num raio de dois andares acima e abaixo escapa ao sonar da cachorra.

Enquanto assopra a ponta dos próprios dedos com energia desnecessária, lembra-se apenas que acordou de repente, tateou na mesa de cabeceira, viu que eram 5h17 e disse para Ninotchka, como se lhe devesse satisfações: *Só mais uns minutinhos com os olhos fechados*. Disse sabendo que mentia, que, se voltasse a fechá-los, seria quase meio dia, outra manhã de sábado perdida e outro adiamento

do seu projeto especial, o Dia da Princesa. Pois não lhe era custoso admitir, não ali, a sós com Ninotchka, que nunca fora capaz de extrair nada de novo, saudável e produtivo de um domingo. Já os sábados a enchiam de esperanças. E perder esse, um sábado inteiro no apartamento espaçoso, cercada dos luxos de Mme. Costa, seria inconcebível mesmo para alguém tão pouco cumpridor de promessas. Então sairia da cama num pulo, teria pressa de correr até a pia para apagar as marcas que denunciariam o sono recente no rosto, se depararia com o matagal que sobejava ali e, por um curto espaço de tempo, concluiria que talvez fosse mesmo melhor não existir e talvez fosse adequado começar a pensar no jeito mais certo e menos doloroso de resolver o assunto.

Mas, na cama, às 5h17, mal terminou de dizer *fechados*, já caía num sono indestrutível. O resto, apenas constatou depois. Mais precisamente ao ser acordada às 12h32 pelos gritos de uma criança que alguém parecia esfolar no andar de baixo.

Então teve certeza de que precisava de pelo menos um par de meias de seda para ser um pouco feliz.

Vira-se para a janela da sala em busca do instante contemplativo que a dignifique. A paisagem ampla e a Torre envolta pela neblina combinam com o penhoar que escolheu. O turbante é a coroa da diva. A parede espelhada em frente não faz nada além de confirmar. Não consegue tirar os olhos de si. Ninotchka dorme com a cabeça recostada em suas coxas e, embora a ama-seca comece a padecer com o desconforto de continuar na mesma posição há quarenta minutos, não se move para não despertá-la. O fato de abanar o rabo branco com fervor dezenas de vezes por dia, em aprovação contínua e incondicional, qualquer seja seu estado, garante-lhe o sacrifício. Ela deve isso a Ninotchka. Tudo o que faz é esticar o tronco até a mesa e o computador já está aberto, dividindo território com a cachorra. Não há qualquer obstáculo a não ser o pudor fabricado incessantemente pela própria pobreza.

Joga a cabeça para trás. Ouve o barulho da chuva, se esforça para isolar o som. É natural, inevitável, foge ao seu comando. Impossível. Uma jornada começará na segunda-feira e ela não está pronta. Procura se concentrar em coisas úteis. O horror a esperas em aeroportos, decolagens e aterrissagens, doze horas de voo, cada segundo suscetível a mortes violentas, uma explosão na turbina direita, a máscara caindo sobre sua cabeça, os cheiros dos corpos, lasanha e carne assada na classe econômica, farelos sobre os cobertores, a intimidade forçada por cotovelos intrusos nos seus encostos, mais seis horas metida dentro de um ônibus fuleiro, deus sabe quantas visitas a hospitais e exames, e que tipo de hospitais e exames, os movimentos reinaugurais e o constrangimento inevitável – de parte a parte – no primeiro reencontro com o pai depois de. Se fizer as contas, se concentrar no intervalo desde o último, desiste. A vontade de dizer filho da puta, como você pôde me deixar pra trás com aquelas duas. De arranhar a cara dele com essas unhas pink. Não faz sentido. Não tem dinheiro para a viagem. Mais empréstimos e a consciência deteriorada, a pesar cada vez menos diante dos credores. Não faz sentido. Não tem aquele sangue. E agora, além do pai, mas o que é um pai?, a mancha. A mancha a mancha a mancha. É desumano submeter rapariga tão sensível e delicada a uma série tão extensa de experiências que a horrorizam. Reflete se poderia ficar fora do processo. A barganha não resulta. Também é seu pai. É filha daqueles olhos. Foram contaminados. E, naturalmente, deseja um dia chegar a acreditar num Deus apenas para poder lhe cobrar o insulto.

Encontra o que procura nas mãos espalmadas enquanto espalha o melhor creme para mãos da Mme. Costa. Talvez assim conserte o estrago que as pilhas de louça suja dela têm feito ali. Contempla as unhas recém-pintadas e percebe que uma delas foi avariada. Ainda não é tristeza o que consegue extrair daquilo. Contudo, a constatação de uma insensibilidade simulada, ao menos no que se refere ao Augusto, faz um estrago considerável. A cabeça pesa, os ombros se ressentem. E ela sabe qual o antídoto. O antídoto é algo doentio, um impulso que precisa combater. Está subentendido em seu pacto comigo que deve ser moderada como uma carmelita descalça. Não posso sustentar os caprichos dela.

Garante a si mesma que me fará alguns pequenos favores. Moderada e agradecida. Uma Joana D'Arc. Checar os e-mails, o saldo no banco, os limites dos cartões. Até porque uma viagem longa implica em certas providências. A meteorologia. Notícias do mundo. As cinzas do vulcão Puyehue encobrem o céu de parte do Brasil, voos cancelados, caos aéreo. Horóscopo. Dicionário de Sonhos. Cobras e serpentes indicam cura e regeneração. Tarot virtual. Runas virtuais. I Ching virtual. Tudo bem, tudo indo, tudo se encaminhando. E antes que possa se conter, o site proibido já está ali aberto na tela, e as unham pink golpeiam o teclado, criminosas: *bas de soie*.

A compra não será autorizada pela administradora do cartão de crédito.

*

Passo a conviver com os vestígios da Ewa pelo quartinho. Fios de cabelos castanhos sobre o travesseiro e o lençol, o cemitério de baganas na lata enferrujada que já recendeu a jasmin, a xícara ao lado do colchão, em que tropeço, farelos de pão sobre a pia, roupa usada dentro da sacola, toalha e calcinhas úmidas sobre o aquecedor. Poniedziałek, 16-go Gdy czyściłeś łazienkę Madame Costa, ponownie zastanawiałeś się po co to robisz. I gdy pod koniec dnia wypłaciła ci 80 euro pomyślałeś sobie, że ona jest ci winna więcej, że to ty powinienesz być właścicielem tego mieszkania ponieważ to dzięki tobie jest ono prawdziwie mieszkalne. Przed powrotem do domu, pospacerowałeś się por parku, pomarzyłeś sobie o własnym piesku. Nie o takim malutkim jak Napoleon, lecz o ogromnym i dystygowanym. Znowu nie zjadłeś porządnie. Źle się odżywasz. Potarłeś ręce pod ciepłą wodą bo uparłeś się, że jeszcze cuchnie detergentem. Poszedłeś do pralni, pościeliłeś łóżko i na mnie czekałeś. Segunda-feira, 16 Quando você limpar o banheiro Madame Costa, mais uma vez me pergunto por que você faz isso. E quando, no final do dia, você paga 80 € pensei para mim mesmo que ela lhe deve mais que você deve ser o proprietário do apartamento, porque é graças a você, é verdadeiramente residencial. Antes de voltar para casa, pospacerowałeś parque poros, pomarzyłeś-se sobre seu próprio cão. Isso não é como um minúsculo como Napoleão, mas de grande e distinto. Novamente, não é comido corretamente. Mal você come. Potarłeś mãos sob a água quente porque uparłeś que ainda cheira a detergente. Você foi para a roupa, cama e sua cama esperando por mim.

Escreve bilhetes na língua dela. Encontrei o primeiro preso num minidicionário polonês-francês sobre meu computador. Uma carinha sorridente no fim. Catei algumas palavras como se montasse um puzzle de 24 mil peças. Foi exaustivo e acabei no tradutor do Google. Fez tanto sentido quanto todo o resto.

Poucas vezes tivemos encontros diurnos e de duração decente, desses que envolvem caminhadas no parque, almoços e sessões de cinema. Os rituais iniciáticos dos romances normais, os faço sozinho. Nossos raros momentos juntos em geral são usados para o sexo. Não me parece ruim que seja assim, mas soa incompleto. Acontece da Ewa surgir no meio da madrugada como um ectoplasma, me endurecer o bastante para o uso, depois tomar uma ducha, *para ficar limpa*, e sumir. É difícil descrever o acordar sendo engolido pela Ewa. Ficar duro, crescer, expandir para então me desfazer, me decompor. Um abandono das formas conhecidas que só se produz dentro dela, naquela temperatura, naquele perímetro e no nosso arranjo sonâmbulo. Dois espelhos sob suas pálpebras me refletem como nenhum outro. O que não é a massa esculpida nesse encaixe se dissipa ou passa a existir como um fundo desfocado. O quartinho, a cama são como cidades vistas do avião, a tela do cinema sem a lente dos meus óculos. Mas ela vai embora e eu me encolho, amputado.

Comprei uma tradução francesa de Szymborska. Leio tão mal o francês quanto a Ewa. Se ela não aparece, a falta se volta contra mim e eu me volto contra o mundo. Ambos me escapam. Sonhei que meu pau era um hamster anão russo e se despregava de mim para deflorar a virgem que a Ewa foi em tempos remotos. Depois fodia suas avós, mãe, irmãs, tias e primas numa suruba familiar, muito solene e delicada. Ewas, todas elas, velhas e jovens, sobreviventes de invasões e campos, em fila, sobre lençóis brancos de linho, mãos e corpos estendidos à espera do hamster encantado. Pesadelos diários. Num deles, Ewa transfundia meu sangue para quatro garrafas de um *bordeaux* ruim e o fazia retornar a mim num cálice de cristal finíssimo, muito diferente daqueles em que bebemos no quartinho. Brindamos e nos embebedamos e eu acordei chorando. Nunca mencionei suas crueldades nos meus sonhos, mas me ressentia delas e maquinava como ir à forra. Foi uma barganha e uma covardia quando escrevi que a amava. Em polonês. Kocham cię. Depois não nos cruzamos por quatro dias. Pelos rastros no quartinho, sabia que a Ewa tinha passado por ali e não havia possibilidade de ignorar um post-it amarelo colado sobre o despertador. Desprendi o bilhete, amassei até que virasse uma bolinha débil, a joguei no lixo, descí com o saco e na

manhã seguinte tudo foi despejado em algum aterro distante e a coisa toda cumpriu seu ciclo.

Só dava o nome de amor ao que supunha ser o próprio quando partes minhas doíam. Para não doer teria que ser simples, muito mais simples, alguém me disse em Madrid, alguém com a boca roxa de vinho e os dentes cheios de macarrão. Mas talvez assim seria tão pouco familiar que me passaria despercebido ou eu chamaria de outra forma. Sinto a falta, então amo. Aliás, só pensei em amor depois de dois dias sem conseguir ver a Ewa. Antes gostava dela, gostava muito e parecia o bastante. Talvez *Kocham cię* num post-it amarelo tenha sido um exagero. Claro que foi estúpido e ela me concedeu uma réstia de dignidade ao fingir que lhe passou despercebido. Não tocamos no assunto, ele nunca existiu. Mas como ela não respondeu nem mencionou o bilhete, posso defender a causa amorosa num tribunal. Você diz que é a cena toda o que me agrada, mas só na ausência da Ewa, nosso encontro eclode. *Convenhamos, queridinho, não é uma troca ruim.*

*

em colônia, começa a não entender no aeroporto. reconhece algumas sinalizações. se detém apenas com a intenção de encontrar a bagagem e a saída. mas aeroportos são sempre aeroportos, espaços construídos para que partir pareça tão conveniente quanto chegar. um ideal e uma mentira. aeroportos mentem porque é preciso.

quando passa pela porta automática, a incompreensão se instala como um milagre, espécie extrema de conforto que transborda do desconhecido. obviamente não poderia durar. esses são eventos feitos para durações mínimas. não suportaríamos mais.

no lado de fora, caminha para longe dos táxis, ônibus e estacionamentos, em oposição ao fluxo. são movimentos instintivos. se quiser esgarçar ao máximo a experiência, precisa ampliar a distância. segue até uma mureta de concreto, pelo menos cinquenta metros além da última pessoa que avista. ela agora é o parâmetro, seu ponto de referência. senta-se sobre a mureta, acomoda a mochila sobre a mala, lança o olhar sobre tudo o que a vista cansada arranha. não apenas não entende o que faz ali, não sente o menor ímpeto. em órbita no espaço. por cerca de 30 minutos pode-se dizer que é livre.

aí vem a sede, uma leve pontada de fome, lembra que precisará encontrar o endereço que johann indicou. para isso tem que enfrentar a cidade.

ela passou a existir pela voz de johann, durante os instantes em que saíram juntos da cozinha do restaurante, insubmissos à proibição de descanso em duplas. johann sempre lhe soou vago e muito pouco nostálgico quando mencionou o lugar onde nasceu. mais um fugitivo, ele pensava, e isso os tornava mais próximos. mas os mesmos lugares podiam ser bons para uns e ruins para outros. madrid não servia

mais. ele só queria conseguir não ouvir ninguém além dele mesmo. e jamais seria capaz de ouvir em alemão.

soou tão pura a ideia de não contar com nada além dos relatos frouxos de um dissidente desencantado. o mais baixo que poderia ir naquele momento, em termos de expectativas. talvez assim pudesse começar de novo. mas mal se desloca por colônia, a impressão de recomeço se esvanece. isso tudo já foi feito antes e você ainda acha que é o mesmo de um dia ou um ano atrás.

a língua parece inventada por crianças loucas. a segunda língua que mais ouve é o árabe, o que dá no mesmo, cumpre-se a função. os turistas e os estrangeiros latinos são mais escassos que em berlim, mas existem, é preciso estar atento. o carnaval acabou dias antes da chegada, a cidade ainda está de ressaca e não se interessa por você. tudo bem, tudo certo, tudo se encaminhando. o ouvinte logo se converte em observador. você nem precisa se esforçar para isso. tudo bem, tudo certo, tudo se encaminhando.

está matriculado num curso barato de alemão. esses são os lugares certos para quem precisa se arranjar no mercado informal. um transbordo de informação e ofertas de empregos ruins. são vacas atoladas no mesmo brejo e quando pensam que está tudo perdido, que a europa despreza suas tetas magras e seu leite agüado, se surpreendem como colônia as trata bem. logo se encaramuja na cozinha de um hotelzinho fora do centro turístico. chega às quatro horas para preparar o café da manhã. dorme das nove às duas. as instruções que a cozinheira estoniana passa são charadas no começo, mas nada intransponível. você nunca a verá sorrir, e isso, estranhamente, não faz dela uma pessoa triste. ninguém parece triste em colônia. tampouco feliz. mas todos estão em ótimo estado. descobre como é fácil compreender o que mandam fazer. talvez seja um dom. logo assume a dádiva que é não precisar tomar nenhuma decisão durante algumas boas horas por dia. basicamente, recebe os pães que chegam do fornecedor, pães de todos os tipos, formatos e tamanhos, prepara grandes pratos com presunto e salames e uma infinidade de queijos, espreme laranjas, faz ovos cozidos, mexidos, gratina berinjelas, lava a louça e limpa o chão. o silêncio entre os laticínios, as massas, os

embutidos e tudo o que compõe a fartura nórdica é balsâmico. se é localizado por algum brasileiro ou qualquer um que se comunique numa língua conhecida, você se esgueira e desaparece como uma barata quando acendem a luz da sala.

lenna tem pelos abundantes nas narinas e rugas profundas ao redor dos lábios, embora mal passe dos 45. quando encerra o expediente, desfaz o coque, escova os cabelos compridos, se enfeita, delinea os olhos com traços grossos e emplasta as pálpebras com sombra azul cintilante. parece outra e também não sorri. tem um homem ciumento que a espera na esquina do hotel todos os dias. quando está com ele, não se despede de você. um dia a encontra chorando no banheiro de serviço e antes que cogite consolá-la ou qualquer coisa do tipo, é enxotado com algum xingamento estoniano que continua audível depois que ela bate a porta na sua cara. entre vocês não há mistérios ou mal entendidos. ela manda, você obedece. tudo bem, tudo certo, tudo se encaminhando.

aos poucos ele desenvolve uma expressão miserável canastrona para os que tentam puxar conversa. tem aprendido algumas palavras, mas já não vê nenhum problema em não usá-las ou usá-las mal e parecer estúpido. eles não podem imaginar. o nosso confinamento, você em mim, eu em você, vai nos ungindo de intimidade total. temos conversas longuíssimas, falamos em coro, podemos cantar, grunhir, uivar, latir. p-in-p-ven-p-ta-p-mos sons que dão novos nomes para as coisas que não sabemos nomear nas línguas deles. vrrrrrr: sofá; bzzzz: bife com batatas fritas. os mesmos sons podem significar o que mais quisermos porque imediatamente entendemos o que pretendíamos dizer, e porque não somos muito habilidosos em inventar sons novos. o importante é que sempre dá certo. experimentamos tudo o que podemos imaginar em termos de linguagem, no limite do inaudível. mesmo que a nossa língua original seja um cacoete incurável. as velhas palavras brasileiras se impõem na falta das outras, se metem entre castelhanas, inglesas, alemãs e, logo se meterá entre as francesas. o sofá volta a ser o sofá, um bife com batatas fitas não pode ser descrito de outra forma, e a cama, os lábios, o casaco, o frio, os dentes, o vulto que nos assustará quando, mais adiante, chegarmos tarde ao boulevard de la villette e enxergarmos sombras ameaçadoras em cada beco, as putas chinesas, e aquela palavra que queremos

dizer mas não conseguimos nos lembrar qual é nem de nenhum dos seus sinônimos, ela também se nega às outras línguas. em relação aos outros, as possibilidades também continuam limitadas.

johann falava com desprezo dos milhares de cadeados presos às grades da ponte hohenzollernbrücke. falou pelo menos três vezes dos cadeados e da ponte, e johann nunca falou tanto assim sobre mais nada além dele mesmo. que duas pessoas quisessem se manter unidas por uma tranca sem chave lhe parecia obsceno e acintoso. johann desejava e repelia em proporções equilibradas as mulheres com quem se envolvia. era um acumulador de mulheres, trabalhava num esquema de rodízio para retardar o cansaço que logo sentiria delas. dizia que todas sabiam mais ou menos sobre isso. e que todas eram mais ou menos cansativas. ou pelo menos tinham que desconfiar. ele fazia questão de deixar as pontas soltas, fios de cabelos enroscados nos lençóis e camisinhas usadas pelo chão. amou uma única vez e achou excessivamente demandante não ser amado de volta. há um cadeado para a irmã e o cunhado e outro para os pais de johann e isso o exaspera. nenhum cadeado poderia tê-lo mantido em colônia. mas quando você atravessa a ponte hohenzollernbrücke pela primeira vez, só pensa nas milhares de chaves que enferrujam no fundo do reno. chaves que jamais destravarão nenhum cadeado. como ainda podem ser chamadas por esse nome?

ele sente uma espécie de vertigem imaginando vidas que não são a dele, possibilidades que ainda não alcança, quando se senta no seu banco na praça heumarkt, bem em frente à entrada do metrô e à estação das bicicletas. de costas para Friedrich Wilhelm III, o rei da prússia, porque lhe parece antipático. meses atrás, saiu do hotel, caminhou sem rumo por algum tempo e se sentou ali para comer ou ler ou porque não teve mais aonde ir ou não quis ir aonde tinha que ir e gostou do efeito que a simples decisão de parar sem propósito impôs à rotina. encontra seu lugar no planeta naquele banco, na praça cimentada e insípida que já foi um pântano e uma das alamedas mais bonitas da europa. agora é onde o carnaval irrompe em novembro. a placa não dizia nada sobre enforcamentos, fuzilamentos, paradas militares nem bombardeios, mas é possível ouvir o sangue,

os gritos e os escombros escoarem pelos lençóis freáticos sob seus pés. também pode se concentrar em sons mais brandos, como os saltos de alguns sapatos, risos, latidos distantes, os sinos da köln dom. não é exatamente confortável, mas o banco está sempre vago quando você chega, e parece limpo o bastante para que se sente nele. enquanto está ali, todos se deixam examinar. teus olhos e os corpos que transitam por eles compõem ritos errantes. aqui, não importa quem sejam, mas como te parecem. você lhes concede a graça de se desdobrarem em outros que permanecerão estranhos a eles mesmos. antes de saírem de casa, sabe que alguns escolhem como querem ser vistos e que outros não têm escolha. roupas esportivas, ternos, jeans, vestidos, tailleurs, fardas, uniformes medonhos. você acredita que adivinha, com pequena margem de erro, quem é quem debaixo dos tecidos pela forma como se movem e pela posição dos ombros e das cabeças. mesmo os que disfarçam e andam com ar de quem sabe para onde vai e de onde veio. parece-lhe tão claro que há mais fantasias, planos e projetos do que realidade, direção e controle. caminhos são desfeitos, um é osso quebrado, um filho é perdido, planos são esquecidos, tudo acontece e desacontece, barganhem ou não por garantias. às vezes sente vontade de subir no banco e gritar tudo isso, ser um desses profetas de rua. mas seus papéis sugerem que continue invisível.

há sempre pouco dinheiro, o que é limitador e corrosivo. nossos gostos não seriam baratos se pudessem e ambos sofreremos por rebaixá-los. decidimos nos restringir a lingerie – de menor custo, fácil transporte e ocultação. em banheiros públicos, usamos o reservado. para os que racham o aluguel, são souvenirs. conhece quem leva sem qualquer conflito uma vida monástica, barbáries alimentares, abstinências variadas, nenhuma diversão, migrantes também, alguns tão ilegais que mal respiram para não acionar os sensores de pragas, colegas que preferem não fazer amigos para não terem que lidar com os gastos da vida social. relações envolvem custos, e não há sequer o bastante para se estar só. logo, a solidão, as frituras, os embutidos, os corpos e as roupas sempre mais fedorentos que o aceitável, os euros forrando contas ou latas, tudo para quem sabe um dia comprarem um futuro à vista. você não é como eles nem mesmo quando compartilha da sua solidão e da sua pobreza. aconteça o que acontecer, se manterá limpo e suas roupas serão boas e você comerá bons pratos e beberá bons vinhos e

boas cervejas e comprará bons sutiãs de renda. o futuro soa como um desses monstros míticos impossíveis. aqui e agora é o lugar mais seguro porque é o único onde pode se instalar. para não ser enterrado vivo, basta estilhaçá-lo em um milhão de pedaços, fazê-los brotar do chão e chover sobre sua cabeça e arremessar a poeira mágica contra o nada.

quiseram fazer uma conferência anti-islã na praça. disseram que le pen subiria ao palanque. ele negou, a conferência foi cancelada horas antes pelo governo. mas tinha se materializado em muitos corações. os corações do pró-colônia. que agora pululam em suas tocas. do teu banco você jamais segrega, acolhe todo tipo de gente, embora prefira as mulheres. se dedica aos detalhes escondidos nos modos como se vestem e se movem e arrumam os cabelos e se maquiam e nos aromas que compõem seus perfumes e em todas as coisas que foram feitas para que elas se sintam elas mesmas, sem sombra de dúvida. mulheres. vamos admitir, você segrega um pouquinho, não faz por mal. por mais que se esforce, se exaspera com alguns gordos e não compreende as freiras e suas formas acinzentadas, sobretudo as muito jovens, ainda que sempre se comova diante dos corpos negados e das belezas escondidas. a garota-garoto de jeans caído, piercings nas sobrancelhas, cabelos curtos, tênis sujos, e a namorada rosada, macia, miúda como um porquinho-da-índia, que traz sempre ternamente encaixada sob um braço, gostaria de estender a mão e lhes pedir a benção e colocar coroas de flores frescas em suas cabeças. a executiva alemã imensa, de pernas longas e roupas caras, a maior derrota é saber que não pode comprar o que ela compra, ter aqueles sapatos e os mesmos cabelos longos e esvoaçantes. e deixar de tê-los na manhã seguinte. mas nem tudo se reduz a pulsões consumistas, você também percorre as linhas e sinuosidades escondidas pelos vestidos largos e casacos compridos, contorna seios, supõe vozes e o que diriam sobre si se contassem seus pensamentos censuráveis. de mulher para mulher. se pudessem me ver. às vezes se apaixona, em outras, gostaria de se parecer com elas. e faz tempo que jogou no lixo as coisas da carmen. não por serem da carmen. por poderem ser tuas.

já não são mulheres, são fantasmas que o assombram. mais que a solidão, perturba-o a ideia de que o que quer fazer seja sujo e tudo se torne tão sujo que

não haja volta. porque não pode ser compartilhado em praças como a dele. embora a revolta dos pró-colônia contra a construção da nova mesquita possa.

desde carmen, você se converteu num especialista em mulheres complicadas, encontros que resultam em pequenos dramas de curta extensão e coitos interrompidos.

ele ama seu corpo e não o culpo. tem um corpo fácil de ser amado. também deseja o meu e não quer um ao custo do apagamento do outro. quer ambos, não pode ter. há uma negativa no fim de tudo. o mundo gosta dessa palavra mais do que de qualquer outra. isso não, aquilo também, não. e... não. nem pense nisso, rapaz, não custaria nada deportá-lo.

em maus dias, gostaria que eu facilitasse e tivesse a fineza de deixar de existir. em piores, atiraria pelas minhas costas se pudesse. então vai e vem através da ponte hohenzollernbrücke e pensa nas chaves que não abrirão nenhum cadeado, mesmo que o amor acabe. que sequer tenha começado. que às vezes tudo seja só uma questão de dar o nome errado ou simplesmente nomear o inominável. que o fundo do reno, na altura da ponte hohenzollernbrücke, seja só um depósito de cacos imprestáveis de latão.

mas é sobretudo fácil viver em colônia, sentar-se em seu banco, cortar e dourar berinjelas, receber a entrega dos pães, receber ordens, obedecer, até que uma arrumadeira tem febre e ele se oferece para cobrir seu horário por alguns tostões a mais no fim do mês. o milagre o espera no quarto 05, ocupado há dois dias por uma turista francesa.

eu estou à sua espera no quarto 05.

primeiro a camisola de seda e renda branca sobre a cama. apenas metade desfeita porque a francesa tem dormido só e encolhida, embora haja um segundo nome na reserva e a arrumadeira coloque duas toalhas de banho e duas toalhas de rosto limpas todas as manhãs. depois os vestidos lindos pendurados no armário que ela

deixou aberto, e o arsenal cosmético sobre a pia do banheiro. tudo meticulosamente arranjado. com a sutileza de uma emboscada.



*

No começo é marrom, amarelado e cinzento.

Parada só pra pegar passageiro. Em dez minutos a rodoviária de Caruaru fica para trás. A esperança de uma mijada restaurativa com os pés bem firmes no solo é logo vetada pelo motorista, que nem desliga o motor. Ele é odioso mas não o que pode nos acontecer de pior. Aliás, presta um serviço não incluso no preço da passagem. Está ali para nos lembrar. Nem sempre seremos esperados. No banheiro escuro e nauseabundo do ônibus da Viação Progresso, a descarga não funciona. Nem filete de água sai do caninho na pia imunda. Não que não esteja familiarizado com o fedor humano, quase uma instituição parisiense. Mas respirar lá dentro é uma queda fatal pelo esgoto das nossas entranhas. Poucos se aventuram e resistem. Saem de lá cabisbaixos, derrotados. Durante a travessia da zona da mata, um acordo tácito foi firmado. A porta permanece fechada a maior parte do tempo. Como se guardasse a tumba amaldiçoada do faraó e todas as pragas do Egito. Os vendedores ambulantes que invadiram o ônibus na rodoviária de Caruaru agora são espectros. Seguem fanfarronando pelo ar regelado na forma de profusão de cheiros. *Leva um milho que é pra ir mastigando, É bom, mas só provando pra tu saber o gosto, Ei, psiu, água a um e cinquenta, duas dá pra fazer por três.* Só o céu pode ser fixado no agreste em movimento. O ônibus azul é veloz como coisa viva cruzando um vale mal-assombrado. Fugimos todos e mastigamos. O céu é mais azul do que eu me lembrava que o azul e o céu podiam ser. Em contraste com o cinza amarelado da terra, os arbustos escuros que cobrem os morros, as poças lamacentas, os bichos magros atrás das cercas e os primeiros cadáveres que vejo tombados na beira da estrada, é tão azul que parece deboche de alguém. As nuvens brancas mais brancas, espessas e magníficas do que jamais serão em Paris. E nem uma gota cairá dali. A paisagem começa a arranhar dentro de mim de tão seca, em conformidade com todos os anúncios. Mas não é assim

tão simples. Logo a vida responde pipocando das bordas trincadas pelo caminho. Privê Vale das Russas, Mecânica Final Feliz, Dormitório Alto Astral, Temos prensas excêntricas, Agreste Water Park. Ao lado da Churrascaria Renascença, a santa enorme convida para entrar na cidadezinha que não posso ver da estrada. Talvez a cidadezinha nem exista. E a santa, a avenida recém asfaltada e as pequenas árvores que a margeiam, excessivamente verdes e bem aparadas, sejam falsos grãos de esperança que as autoridades espalham pelo caminho para maquiagem a calamidade. Talvez a santa seja uma sereia sem mar querendo nos fritar no seu deserto. Ou venha dali o motoqueiro que carrega dois botijões de gás, mais a rapariga de coxas fartas e um short que parece enxertado. A seca também é pau duro, óvulos saudáveis, umidade, carnuda e entumecida, de dentro do ônibus da Viação Progresso. Churrascaria Vitória. Otimismo em toda parte. Churrascarias a céu aberto também para os urubus e demais bichos igualmente famintos. O asco nos olhos da Ewa quando a toco e imploro. Ouço um risinho, olho para o corredor e ele me mostra dois bonecos musculosos. Tem uns oito anos, o cabelo em formato de cuia, a língua metida nos vãos dos dentes que deve ter perdido há pouco, ainda está se acostumando com a falta. Me lembro de Giorgos, o grego banguela, sinto ternura por ele, pelas cicatrizes no seu rosto, pelo dia em que me ligou chorando porque pegou chato e eu fui de Les Lilas a Belleville para lhe dar perimetrina, lençinhos kleenex e levar sua roupa de cama à lavanderia. Quis tanto dizer *Chato é não ter amigos, Giorgos* e que ele pudesse alcançar toda a riqueza, a poesia do trocadilho. Nenhuma falta de Paris, Belleville ou Ewa. Risos com algumas lágrimas ácidas encubadas. Seria produtivo começar a odiá-la. Uma coisa puxa a outra e Augusto vem de arrasto. Telefonei três vezes seguidas e continuo no vazio. O menino e os bonecos anabolizados me socorrem. Da fileira ao lado, a mãe sorri indecisa entre Desculpe o incômodo e Não é uma graça esse meu menino? Sorrio em resposta, e ela já não se sente obrigada a disfarçar. Se desmancha em maternidade. Ele ainda me olha incisivo e ri banguelamente. Percebo que não consegue desviar do círculo desmatado no meu queixo, que a barba crescida sublinha. Tanto não desvia que aponta e me inquirir. *Uma pequena falha no meu caráter* é o que me ocorre. Digo que os pelos caíram de maduros, como seus dentes. Depois tornam a crescer. Uma vez estabelecido o contato, entramos num acordo que, a princípio, só ele entende. Deixa os bonecos sobre

minha mochila, remexe impaciente e excitado nas sacolas da mãe e retorna com mais outro. *Tu é qual, moço?* Avalio os bonecos com cuidado extremo, determinado a tomar a decisão certa e não desapontá-lo. Parecem absolutamente iguais, a não ser pelas cores dos trajes. Meio motoqueiros, meio super-heróis espaciais, meio michês sarados. Escolho o azul. O menino aprova e deixa que ele se sente ao meu lado. Já não viajo sozinho. Ele também volta a se sentar, esquecido de mim. Cantarola e ri, ri até pegar no sono, enquanto passamos por mais uma cidade fantasma que talvez volte a ser habitada nos seus sonhos, enquanto passamos pela carcaça da casinha costeada por uma vala enorme, só um instante antes de tudo ali ser passado para mim como é para tantos outros, sem jamais sê-lo, o bastante para que eu leia Beira Rio Bar no letreiro quase sem cor.

*

A Ewa pede que, por favor, eu não esteja aqui enquanto faz a mudança. Tornei tudo muito difícil para ela. Melhor assim. Seu francês é quase perfeito agora. Ela o articula durante mais ou menos dez minutos num tom monocórdico para que eu entenda como e por que, fundamentalmente, a tenho perturbado, mas não há problema, ela sai, continuamos amigos, ou não, veremos, é muito grata por tê-la acolhido, ela se arranja, eu sou uma pessoa boa. Nunca me pareceu tão conscienciosa nem falou tanto comigo. Como não argumento nem a contradigo, encerra a apresentação parecendo satisfeita, aliviada ou nem isso, apenas uma expressão sutil de missão cumprida, como se tivesse terminado de trocar as fraldas de um velho, contente por só haver urina desta vez. E como somos civilizados, podemos até mudar de assunto, há um mundo lá fora. Pergunta se vou à manifestação de domingo. Não sei do que se trata, cogito uma greve de auxiliares de enfermagem ou de domésticas latinas, algo que nos diga respeito. *Na Champs-Élysées, é importante*, ela diz e me alcança um folheto vermelho, branco e azul. As cores da França adornam a chamada para um protesto que parece qualquer coisa menos importante ou possível ou sério. *La Manif pour tous. Le projet de loi Taubira ne passera pas! NON AU MARIAGE-DESTRUCTION... NON À LA FILIATION-FICTION... OUI À LA COHÉSION FAMILIALE. POUR LA COHÉSION SOCIALE ET NATIONALE!* *É preciso se posicionar, Manu, não sou contra os veados, óbvio que não, mas isso já não está certo e ainda há tempo.* Permaneço mudo e imóvel. Ewa pela coesão familiar. Talvez ela encerre a farsa com um sorriso malicioso agora. Ou agora. Talvez vá mais longe. Como é engraçada a Ewa, e eu não sabia! A encorajo com um semi-sorriso irônico. E não, a mesma Ewa, sempre pendendo um pouco para o grave demais. Acende um cigarro na janela e espera que eu diga algo concreto sobre o folheto. *Tous nés d'un homme et d'une femme.* Logo acima, papai, mamãe, filhinho e filhinha de mãos dadas, num arremedo de desenho infantil. Bem aqui, diante da coleção de bonecas russas de Giorgos. Qualquer certeza me escapa, talvez não leia o que leio, nem

seja quem penso ser, e a Ewa?, bem, não tem importância, estamos só em outro pesadelo. Ela bufa, pega a chave do banheiro, o rolo de papel higiênico e bate a porta do quartinho atrás de si. Espera que eu não esteja aqui quando voltar. O concreto duro e gelado serve de apoio às minhas costas e me mantém num estado de alerta imóvel. É melhor estabelecer prioridades. Ewa está decidida a se mudar. Experimento listar tudo o que há de bom em mim e ela estará perdendo assim que atravessar a rua, mas em três segundos produzo uma parada de deficiências. Irremediavelmente falido, faxineiro-dama-de-companhia, documentos em desordem, não sei dirigir um carro, não falo bem nenhuma língua, não sei nadar de costas, ontem à noite usei uma calcinha minúscula da Ewa por 15 minutos. Preciso de qualquer amálgama que encubra a donzela desonrada e impotente que cora no meu rosto, preciso reunir um conjunto de palavras, corretas, convincentes, algo para dizer à Ewa, que soe lúcido, talvez um pouco surpreso, definitivamente despreocupado, a convença a ficar. *Podemos só foder de vez em quando, polaca.* Um estalo de língua, um tapinha canalha na bunda. Seria mais capaz de chorar, mesmo sabendo que só pioraria as coisas. Ewa, a católica, e *Il n'est pas trop tard!* Mamãe e filhinha usam vestido, papai e filhinho, calça comprida. Seria mesmo capaz de chorar. Começa com um espasmo no abdômen, logo a boca se contorce, a pele ao redor dela se estica, o corpo treme e se debate. Em instantes, a risada é tão alta que acorda o bebê turco. Preciso ser rápido, antes que ela dê a descarga. *Il n'est pas trop tard!* Mas com os berros da criança e as minhas gargalhadas, talvez não consiga ouvi-la. Preciso ter alguma coisa a dizer antes que ela vá e eu me sinta aliviado.

*

Uma mancha no pulmão. Embora eu esteja atento, ouvindo cada palavra com a amplificação de quem busca o elemento revelador, até agora é impossível definir o que o faz emergir depois de tanto tempo. Não nos vemos há quinze anos, não nos falamos há mais de seis meses. E, ainda assim, não consigo me ocupar com nada além de antecipar para onde essa introdução longa e errática pode nos levar. Então ele ajusta o foco e me investiga com diligência. O tema, tudo de repente indica, sou eu. A voz ganha ânimo disparando perguntas variadas sobre minha vida, talvez para extrair alguma convicção de que eu desenvolvi qualquer capacidade de administrá-la.

Vamos, fale de você! Tem que haver mais pra contar sobre Paris! Não seja tão econômico! Estou pagando a ligação! Ele quer me encorajar, depois de cada balbúcio que responde, frouxo e monossilábico, às suas investidas. E o faz alegremente, quase aos berros, como se houvesse uma multidão a inflamar, de modo que o imagino discursando ao telefone sobre um imenso palanque, gesticulando exclamativo com a mão desocupada. O mesmo orador entusiasta e mal aproveitado pelo mundo que se revelava nos porres de domingo.

Se quase não nos cruzávamos durante toda a semana, e eu pertencia majoritariamente aos domínios de minha mãe, a primeira parte dos domingos da minha infância era protagonizada por ele. Eu não entendia como uma coisa em mim abominava domingos enquanto outra passava a semana esperando que o domingo chegasse. Essas coisas odiavam-se mutuamente e brigavam o tempo todo por maiores território.

Ele gostava de ser pontual. Às sete horas ligava o rádio no volume máximo para que pudesse ouvi-lo de qualquer parte da casa. Mesmo enquanto usasse o barbeador e o cortador de grama elétricos e se houvesse uma rodada matinal de discussões com minha mãe. Tentei vencer o barulho pressionando a cabeça entre

dois travesseiros, me enterrando debaixo das cobertas ou entupindo os ouvidos com algodão, até encontrar a solução dentro de uma das almofadas decorativas com que a Stela insistia em cobrir minha cama – um estorvo que me obrigava a duas operações diárias odiosas, de remoção à noite, e de reposição pela manhã, porque a perturbava especialmente a ideia de que as almofadas decorativas não cumprissem seu papel. Até o final das manhãs de domingo, aqueles dois pedaços de espuma me mantinham mais ou menos a salvo do que eu definiria, pelado sobre a cama de solteiro da minha primeira namorada, como *Nossa monstruosa vida em família*. Ou apenas *A família monstro*.

Num instante, eu abria os olhos, no outro, estava em pé, espiando-o do corredor. E ele sempre estaria lá, bebendo sozinho na cabeceira da mesa.

Venha cá, campeão, venha! Conte como foi a semana. Está impondo respeito praquelas bundas-moles do colégio? Está mostrando pra eles? Dizia coisas do tipo quando me via, enquanto enchia um copo de refrigerante até a borda, o Plaza Extra suave Uma classe a mais aceso entre os dentes, a taça de vinho transbordante logo em frente. Cada gesto com uma euforia que me soava tão assustadora quanto irresistível. Então propunha brindes aos meus triunfos fictícios. A violência do choque entre a taça e o copo parecia um acontecimento poderoso. *As grandes patas*, de que minha mãe sempre reclamava porque destruíam tudo o que tocavam, maculavam com refrigerante e vinho a toalha branca que ela insistia em estender aos domingos, também destruiriam o resto de tolerância e doçura que lhe restavam naqueles dias.

Você precisa mostrar a eles, campeão! Deus sabe que sou um homem da ciência e das ideias, mas às vezes é preciso usar os punhos pra ser respeitado. Eu ainda não podia dar conta das suas contradições, nem das minhas. Deus, ciências, ideias e punhos eram palavras que me arrebatavam. Ele invocava todas elas quando recebia os bilhetes da coordenadora pedagógica da escola. Eram relatos repetitivos sobre os *distúrbios* que aconteciam durante o recreio e as aulas de educação física – *Provocados sempre por outros meninos, aparentemente por causa de certas peças de vestuário que me distinguiam dos demais alunos*. Por *distúrbios* entendia-se uma grande variedade de humilhações às quais três

moleques me submetiam por causa de *peças de vestuário* como o colete jeans enfeitado com tachinhas e pele de coelho que a Cris não usava mais e minha mãe aprovou que eu vestisse sobre o uniforme, justamente porque usando-o eu me distinguia dos demais. *Nada nesse mundo é pior do que ser uma pessoa ordinária*, era uma frase que ela gostava de dizer. A coordenadora não se preocupava com a minha agressividade diante dos ataques, mas com *a fragilidade incomum para um menino da minha idade*. Ela me preferia aos outros, tratava-me com mesuras, como se fosse algum bibelô muito delicado que quebraria sob o peso da palavra errada. E eu sentia raiva dos olhos molhados, das rugas na testa enorme, da curvatura que surgia na sua boca sempre que eu me sentava diante dela. Minha mãe só resmungava enquanto lia os recados. *Mas o que eles querem de você?! Que saia por aí arrancando cabeças?! E*, uma vez terminada sua parte, que era ler e resmungar, deixava os bilhetes sobre a mesa de quem *deveria* tomar alguma atitude. O homem da casa.

Só assim aqueles merdinhas vão saber, tá me entendendo? E mais vinho derramado sobre a toalha. Eu confirmava com a cabeça enquanto entornava o copo, ciente de que, cedo ou tarde, teria que tirar sangue de algum garoto idiota para que os adultos sossegassem. Enquanto vislumbrava a ideia remota de que pudesse morrer assim ou vir a ser campeão em alguma coisa, sabia que não precisava me dar ao trabalho de inventar heroísmos para satisfazê-lo. Porque ele logo aproveitaria a audiência e começaria a falar mal, sem qualquer sinal aparente de escrúpulo ou autocrítica, da ociosidade dos pingüços que infestavam o botequim da esquina aos domingos, reafirmaria, em seguida, o quanto todo tipo de gente tinha a mais alta consideração por sua pessoa, e, para provar que não exagerava, relataria, em minúcias, a sucessão de heroísmos que haviam marcado a semana e a vida *dele*.

Minha mãe desligava o rádio. Os sons da vizinhança ressurgiam para me lembrar de que não estávamos sozinhos no mundo.

Ela aparecia carregando pratos fumegantes e a sequência era um autômato. Algo sempre saía errado entre os dois. Ele dizia algo que levava a intolerância

dela ao paroxismo e ela saía da mesa às lágrimas e aos gritos. Às vezes eu ignorava o resto e tentava decifrar aquele movimento sutil nos lábios do Augusto. Um pouco de tristeza misturada com exasperação e impaciência – eu conhecia a sua impaciência, ela estava ali – e o que mais? A partir desse ponto, ele não passava de um desconhecido. A Cris, em solidariedade, descontava em mim, deixando claro o quanto era repugnante comer olhando para as remelas ao redor dos meus olhos e o que mais considerasse desagradável e estivesse à vista e ela nunca teve dificuldade para encontrar mesmo o que não estivesse. O mundo fora daquela caixa deixava outra vez de existir. Mas apesar das investidas delas, debaixo da nossa redoma, nada sofríamos. Ele sorria, aparentemente imperturbável. E eu o imitava, mesmo paralisado de medo de levar uma bofetada da mão cheia de anéis da minha mãe ou de que ela reaparecesse me proibindo de sair de casa, o resto do domingo perdido para sempre, ou, mas isso ela fez apenas uma vez e a coisa não acabou nada bem, surgisse berrando que eu era filho dela, só dela.

Depois, ele voltava às histórias sobre o passado glorioso que minha mãe garantia que eram só delírios de grandeza, ao lado de personagens que já tinham caras e corpos dentro da minha cabeça, mesmo se não aparecessem em nenhuma das fotografias engorduradas que me mostrava depois do almoço. Havia o Francisco Zarolho que atravessou com ele a fronteira do Uruguai dentro da carroceria de um caminhão carregado de vacas, fugindo da ditadura, o Seu Clóvis, um empresário importante do ramo de medicamentos que costumava dizer que, para ele, *Era Deus no céu, o Papa no Vaticano e o Augusto no resto do mapa*, e também o Tenório, o Malaquias e o Nascimento, colegas da Faculdade de Farmácia no Recife que tinham incendiado a república onde moraram durante parte do curso, até a expulsão por arruaça. E mais uma lista extensa de namoradas bonitas e loucas que costumavam se esfolar entre si por causa dele. Até minha mãe, uma viúva carioca com dois filhos pequenos, aparecer com seu nariz em pé, tão jovem e tão linda, e ocupar o trono soberanamente, sem jamais ter precisado sujar as mãos. Depois ele pegava no sono ainda sentado. Devia acordar confuso com a súbita ausência da plateia ao redor da mesa.

A primeira pestanejada me colocava em alerta, a segunda me devolvia ao mundo.

Depois eu nunca estava ali para saber o que ele fazia até a manhã seguinte. Até que a segunda-feira chegasse com a garantia de que os pacientes que madrugavam para vê-lo e faziam fila nos corredores da farmácia à sua espera, *Porque o Seu Augusto era melhor que qualquer médico doutor graduado*, reforçassem as convicções sobre sua relevância.

Domingo após domingo, houve alívio e culpa no instante em que o abandonei. Como se intuisse o grau de afastamento a que chegaríamos. Antes de fechar a porta e ganhar a rua, sentia uma pontada dolorosa. Quase desistia de avançar e me perguntava se não deveria acordá-lo. *Deita na cama ou Me conta mais alguma história?*

E aquela outra coisa em mim me lembrava que o detestava.

Ao telefone, a oscilação entre a rouquidão e o grito e o ataque terrorista de interesse por minha vida me induzem a um vai-e-vem entre o passado e o presente, e de volta à estranheza daquela conversa. Por que agora, diante das minhas evasivas, ele se empenha mais que o habitual? Se meses atrás qualquer Tudo bem, Tudo certo, Tudo se encaminhando lhe bastavam, agora se revelam recursos inúteis. *Por que eu sinto que você está me escondendo alguma coisa importante, Manu? É uma mulher?*¹

¹ ele a tinha visto inúmeras vezes pelos arredores de belleville. precisamente: duas no parc des buttes chaumont: a primeira, sentada numa pedra do mirante, numa manhã do inverno passado. os acessos ao mirante estavam bloqueados por causa da neve, não havia mais ninguém além dele, uma velha pequena e redonda, que lhe pareceu deprimida e olhava ao redor como se estivesse se despedindo, e ela. sentada imóvel numa pedra do mirante, prolongamento perfeito da pedra e da paisagem congelada. o pouco que pôde ver sob o arsenal de roupas de frio, basicamente os olhos, as olheiras escuras sob eles, e o nariz, por alguma razão o mobilizou. mesmo assim, fotografou apenas a velha, convencido de que aquele seria seu último registro. a velha já era passado e aquelas olheiras seriam o futuro. na segunda vez, estava sentada num banco próximo ao dele, no mesmo parque, em frente ao lago, novamente líquido. eram os primeiros dias da primavera. reconheceu-a pelos olhos e pelas olheiras, enquanto ela tomava sol e lia um livro cujo nome, em outro idioma, se esforçou para decifrar. mais tarde ela contaria que eram poemas de wislawa szymborska. os cabelos castanhos, como ele teria apostado. na terceira, ela fumava e também lia do lado de fora de um café próximo ao père lachaise. ele voltava do pequeno piquenique semanal

na alameda alta do cemitério, novidade que acalmava o desassossego da rotina, estar vivo e engolir um sanduíche sobre os mortos, e atravessava a rua a caminho do lidl, onde enfrentaria uma fila enervante para comprar eau de javel e wc javel, fundamentais para uma desinfecção eficiente da toca. tinha tomado quantidade quase letal de café na companhia de mme. costa depois da faxina. ela fazia questão de tratá-lo como um igual depois que o pagava para esfregar sua sujeira. também lhe falava em seu português alentejano, que é de uso restrito e profissional porque, no resto do tempo, tratava de ser o mais francesa possível. servia-lhe seu melhor café guatemalteco enquanto relatava os acidentes amorosos mais recentes. naquela tarde, o escritor moçambicano que substituiu sem grande mérito nem esforço um trompetista canadense, e ela lia como nunca para sempre ter o que lhe dizer além de histórias sobre fado e como se tornou a sucessora da amália rodrigues. manu a ouvia durante o tempo que ela considerasse conveniente e não cobrava por isso. não oficialmente. havia algo da sua avó na mme. costa mas ela cortaria os pulsos na banheira se lhe dissesse isso. era melhor quando ela saía para fazer concertos fora de Paris e ele ficava encarregado de limpar a casa e cuidar para que nada estivesse apodrecido quando ela voltasse. já aconteceu antes de um gato doente da vizinhança se esconder lá para morrer, e de um pedaço de cordeiro apodrecer dentro do forno. é impossível conviver com o cheiro até descobrir o que se desintegra e onde. não que mme. costa fosse assim tão asseada, uma fanática por limpeza, mas a sucessora da amália podia se dar o luxo de tê-lo por perto como dama de companhia. e agora também havia o pequeno peludo napoleon. alguém precisava passear com napoleon, cuidar da comida, da água, limpar orelhas, passar loção sob seus olhos para que as lágrimas ácidas não maculassem o pelo branquíssimo, e, claro, coçar sua barriga e mimá-lo, o reizinho da casa. se tinha pelo menos dois dias inteiros, podia comer da sua comida, beber da sua adega, vestir os figurinos, pintar-se, escovar-se, lambuzar-se com os melhores cremes, provar todos os sapatos, abençoados sejam os pés imensos da mme. costa, descansar os pés montados sobre os pufes, experimentar perucas, chapéus, lenços e espartilhos. a mesa sempre posta com a melhor louça e guardanapos de linhos, cada drinque no copo apropriado. migalhas caíam sobre o sofá, a louça se acumulava na pia, o banheiro podia ficar algumas horas alagado. o empregado brasileiro daria um jeito antes de partir. ele concederia seu pendor de ouvinte, a ouviria com a maior das boas vontades e toda inveja do seu coração também como pagamento pelos pequenos roubos e o inconveniente de ler suas cartas íntimas ou fuçar nas suas contas e extratos. mas quando viu a mulher do mirante, deteve-se na calçada, fingiu procurar qualquer coisa na mochila, entrou no bar, pediu uma cerveja e sentou-se à mesa em diagonal à dela, de onde pôde observar demoradamente seu perfil e sua nuca. um mesmo gesto que notou no parque, com wislawa, se repetiu então. com a mão livre, ela bagunçava os próprios cabelos, puxando-os para cima e para os lados distraidamente, o que lhe dava um ar de louca desgrenhada quando parava para virar uma página ou tomar um gole. aquela sucessão de movimentos improvisados atrás daquela mulher o fizeram se sentir meio tarado *serial killer*. mas o encontro parecia promissor. ele acreditou que um encontro estivesse acontecendo ali. todo maníaco deve pensar coisas do tipo. a louca desgrenhada e o *serial killer*. decidiu ir embora, assustado consigo. com o pagamento da faxina queimando no bolso, considerou que seria romanesco pagar a conta dela em segredo. a garçonete recebeu o pedido com uma bufada, confirmando suas suspeitas. ele estava se tornando perigoso. partiu sem ser notado. na quarta vez, ela saía de uma cabine do vestiário da piscina pública na rue dénoyez. tão pequena, não mais que 1,60 de altura. nunca a tinha visto em pé, foi a segunda coisa que pensou. a primeira: então aquele era seu corpo. referência a um trecho do romance português que mme. costa lhe emprestou semanas antes, e os dois debateram sem saírem do circuito homens são assim mulheres são assado, tomando café guatemalteco enquanto a casa rescendia a flores, um oferecimento mister prope aroma do campo. a resposta, nele, diante da mulher e seu maiô cinzento, meio esgarçado, foi uma crise de ansiedade. como se tudo não passasse de um lento *strip-tease*. que ele não poderia pagar quando acabasse. em seguida, ainda sem notá-lo, ela mergulhou na raia vizinha. quando percebeu seu olhar, porque ele tirou os óculos e a encarou por alguns segundos, não conseguia mais se conter, alguém teria que trancafiá-lo numa jaula, ela disse bom dia com um sotaque estranho. o corpo era estreito mas curvilíneo, os seios grandes demais para ele. havia manchas escuras

espalhadas pelas coxas, talvez tivesse sofrido algum acidente na véspera. das bordas da piscina, fingindo retomar o fôlego, ou debaixo d'água, ele acompanhava seu ir e vir. ela nadava mal, braçadas desengonçadas, os pés, altos demais, lançavam rajadas nas caras dos outros nadadores. semanas mais tarde, lembrando esse dia, ele a apelidaria de pata e receberia mordidas bastante dolorosas no braço direito. as mordidas deixaram hematomas e a certeza de que as manchas nas suas coxas foram feitas por um amante. uma hora depois, calçavam seus sapatos lado a lado numa saleta contígua ao vestiário. ele se apresentou. gago, hesitante, bastante patético. ela disse seu nome com firmeza. ewa szapolowska. definitivamente ewa szapolowska. e também disse que era polonesa, da cracóvia. e que falava mal o francês, que ele a desculpassem por isso. falava muito melhor que ele. *você leva mesmo a sério a natação. é algum tipo de atleta?* como ele não entendeu e ela não sabia dizer “pernas raspadas” em francês, levantou uma das barras da calça e fez o gesto de alguém raspando as próprias pernas. ele ruborizou e balbuciou que tinha sido apenas um teste, para saber o quanto influenciaria nos resultados. duas noites depois, na saída da piscina, ele acompanhou szapolowska szapolowska szapolowska szapolowska, obcecado por acertar a pronúncia, até seu carro, na rue civile. um lada niva amarelo ovo. *o land rover comunista*, ela falou, piscando e exibindo dentes um pouco amarelados também. *minha casa por alguns dias*. era técnica em enfermagem com um contrato provisório e entre um plantão e outro, enquanto não encontrava um quarto barato perto do hospital saint louis, descansava no carro que herdou do avô e a levou até paris. rodou sozinha mais de 1500 km desde a polônia, seis meses antes. ele fazia perguntas e assim ganhava tempo para tentar descobrir o que o atraía em ewa. talvez fosse feia para um olhar distraído. uma espinha interna esculpia um calombo avermelhado no seu queixo. mas tudo no rosto dela dava-lhe a impressão de algo nunca visto antes. e, à medida que seus traços saíam do repouso, acompanhados por gestos, sorrisos, caretas, piscadelas, ficava tão excitado e curioso quanto inseguro. na semana seguinte, lá estava manu, subindo os seis andares do seu edifício com a mudança de ewa szapolowska. o que trouxe da polônia cabia num land rover comunista mas era pesado para todos aqueles lances de escada. ela ficaria pouco em casa. virava de plantão em plantão e também começava a fazer bicos passando a noite na casa de velhos inválidos. precisava de um lugar onde pudesse deixar os pertences e o corpo caírem nos intervalos. cada vez mais raros e curtos. aparentemente não queria gastar o dinheiro que ganhava. manu sublocava um quarto de empregada sob o telhado do número 15 do boulevard de la villette. o nome no contrato era de giorgos, o grego. enquanto ele transportava os pertences da polonesa escada acima, giorgos, o grego tentava reverter o trauma de um ataque tomando ayahuaska na tcheca com loiros monumentais, que definia nos seus raros e-mails como um punhado de colossos de rodes ou sua melhor fantasia com elfos. seis skinheads contra duas bichas. três dentes perdidos, quatro costelas quebradas, 120 pontos, somando as bichas. dizia-se morto dentro do corpo que ocupava. morto num corpo que insistia em viver. julien estava junto, apanhou junto e voltou para bruxelas. o casamento, belleville e a vida no gueto ficaram para trás como escombros. manu herdou o quatinho. dez por dez, metros, quinhentos euros por mês, só cento e cinquenta para ewa. servia. a primeira vez que manu conseguia pagar um aluguel sozinho desde que saiu do brasil. encarnava a borralheira em quase todas as formas conhecidas seis dias por semana para garantir seu pequeno quinhão de silêncio e o êxtase de existir em mim. quis tanto aquilo que, pouco depois de conseguir, soou-lhe insuportável. tentou parecer nobre, argumentando que ajudava uma migrante sem teto. tentou parecer prático, alegando que seria provisório. sofreu sinceramente enquanto esvaziou minhas gavetas, recolheu cremes, bijuterias e maquiagens da estante. guardou tudo com cuidado e pesar na mala que giorgos deixou para trás, como se ocultasse pequenos crimes. duas rainhas não podem reinar num quatinho de empregada. *você pode acomodar suas coisas como achar melhor, esvaziei duas gavetas e alguns cabides*, ele disse num tom otimista, pensando no que teria que jogar fora para que outro ser humano coubesse ali, e, sobretudo, para que a ewa não desistisse de ficar. no *chambre de bonne* ao lado morava uma família inteira de turcos, contou a ela. uma mulher grávida, o marido, o cunhado e um menino de procedência incerta. dividia o banheiro do corredor com eles, com frequência precisava sumir com fragmentos da sua merda que congelavam grudados à louça. se arrependeu assim que mencionou a merda a ewa não deu

E eu não sei o que fazer com a curiosidade insaciável nem com a tentativa frenética de estabelecer uma intimidade tão íntima, ingrediente que não me lembrava termos introduzido até então. Faço apenas o que ele mesmo me ensinou durante o tempo em que fomos próximos: resisto com bravura. Ele, percebendo, e não porque desistisse, *Eu nunca soube o que é desistir!*, mas gentilmente preenchendo um vazio que sabia que eu não ocuparia com meus segredinhos, conta qualquer coisa sobre a casa. A casa tinha se tornado o seu tema preferido. Sempre havia outro quarto e uma reforma na fachada que deveria ter acabado no último verão e, *Já que ninguém mais quer saber de trabalho hoje em dia, uns caboclos de 40 anos, bem nutridos, e estão sempre cansados demais pra fazer o que precisa ser feito!*, continuava se arrastando. Prossegue num ritmo cadenciado, interrompido por longas pausas, um traço que persiste, depois de cada breve comentário meu, enquanto eu deixo de lado as perguntas que imediatamente me ocorrem, se tivesse tempo ou disposição para entrar em confronto.

Também pode ser bom deixá-lo prosseguir. A voz de novo esmaecida. Nenhuma palavra sobre os meses sem telefonemas. Sobre todos aqueles anos sem encontros ou sua partida abrupta. Nada da manhã em que apareceu em casa para buscar um documento no cofre e não apenas me surpreendeu fora da escola, como também maquiado, no alto de um salto agulha, usando o vestido de festa preferido da Stela, que meu corpo esguio de adolescente fazia parecer ridículo. Nada sobre ter reagido sugerindo delicadamente que eu lavasse o rosto e me trocasse para

importância para isso. *meu trabalho é lidar com merda, urina e sangue todos os dias.* estava animada e parecia não perceber qualquer estranheza naquele arranjo. treparam inesperadamente antes que o café ficasse pronto, por iniciativa dela. a coisa toda não durou meia hora e ele soube mais sobre seu corpo na piscina do que na cama estreita onde eles mal cabiam juntos. ewa foi rápida e eficiente na remoção das roupas e nos encaixes. dispensou preliminares, não perdeu o controle nem demonstrou qualquer dúvida sobre o que, quando, por que e como se mover. fez tudo em silêncio e com os olhos abertos. imediatamente depois de gozar cuidou para que ele o fizesse o mais rápido possível, saltou como uma ginasta e, zum, ewa szapolowska já estava debaixo da ducha. de lá pediu que ele não se incomodasse com aquilo, ela apenas tinha que voltar ao hospital e precisava estar limpa. antes de bater a porta, perguntou *você acha que não deveríamos ter feito?*. ele respondeu que deveriam fazer de novo, se ela quisesse. gostaria que ela não tivesse usado a palavra “limpa”. mas isso guardou para si. ela avisou que só voltaria na noite seguinte. até lá, ele fez o que faria se ela não existisse nem estivesse prestes a voltar. os movimentos de sempre acrescidos da espera pela noite em que a ewa voltaria. e assim por diante. mas a ewa não era a única. antes dela já havia eu.

darmos *Um pulo até a sorveteria*. Sorveteria. Com ele. Durante a semana. Nunca aconteceu antes, não tornou a acontecer depois. Tomei quase um litro inteiro de refrigerante e engoli três bolas de sorvete sem conseguir encará-lo, torturado, à espera de um castigo que minha imaginação não conseguiria alcançar. E você não me castigou. Contou uma história qualquer sobre um ano remoto e algum desconhecido como se não notasse os lábios ainda manchados de batom vermelho e os vestígios de sombra dourada nas minhas pálpebras. Nada além de sorrisos e gentilezas. Em vez de esclarecer o que quer que fosse do nosso passado obscuro, diz que anda pescando com um amigo chamado Pascoal, já me mandou um retrato do Pascoal, e a pescaria está ruim, os peixes desapareceram da represa, e isso é só a confirmação do que costumava dizer. Quer saber se ainda me lembro do que ele já dizia há vinte anos. *Depende, você disse tantas coisas*. Então ele tosse por um minuto ou dois, pede licença, e posso ouvi-lo pigarrear e escarrar com violência. Mas ele sempre tossiu, escarrou e voltou inabalável para a conversa. *Que não nos saímos bem, que Deus acertou em tudo, a natureza é a perfeição, e o homem, a desgraça do mundo*. Reproduz o que eu saberia repetir integralmente assim que perguntou. Mas não quero lhe facilitar tanto as coisas. Não ainda. *Ah, sim, isso*.

Um silêncio. De repente me ocorre tudo o que deixei de fazer na semana e sinto urgência de colocar a vida em ordem. Estar em qualquer outro lugar, ouvindo qualquer um, menos ele. Lembro mais uma vez que o detesto. Ele é o meu domingo.

Alô, você está me ouvindo, Manu?, ele pergunta. *Estou aqui. E essa tosse? Gripe assim em pleno verão?* E ele retoma a palavra como se estivesse desde o início construindo o sentido, preparando-o para o anúncio da mancha no pulmão. Mencionou remotamente a mancha, depois resmungou *Bobagem*, e voltou, sereno, ao Pascoal, à pescaria cada vez mais escassa na região, à falência do ser humano, adicionando à questão um dado contraditório: a gata gorda que pariu sobre o seu telhado e não queria alimentar os filhotes. *É um gato*, retruco, sem paciência. *Mas essa, Manu, parece gente, tá me entendendo?* Minhas mãos começam a suar. *O que quer dizer com mancha no pulmão?* Andava tossindo, fez uns exames e lá estava, responde sem dar importância. *Vão ter que abrir pra ver*, continua, como

se falasse de um vazamento no banheiro. Mas quem anda doente mesmo, *Nas últimas*, é o Antônio Leal, eu me lembrava dele? *Abrir?! Abrir o quê?! Quando?! O que está acontecendo?*, interrompo, nauseado. Então nada que possa jogar nem mesmo uma ligeira claridade ao borrão que permanece depois da despedida que ele apressa imediatamente. Alega algum compromisso, que com certeza não existe. Lembra-se de evocar sua surdez seletiva para ignorar meus protestos e desligar sem dar mais explicações. As evasivas do meu pai. O único pai que conheci. Sempre seria impossível vencê-las. Eu, afinal, ainda tinha muito a aprender com o mestre.



Tacaratu, no verão de 2013

Ela chegaria com a noite. Ela chega com a noite.

Marguerite Duras

A tempestade me acordou antes do grito. *Tacaratu*. Já tinha anoitecido. Da janela embaçada do ônibus, a noite, o mundo, o sertão, a totalidade das coisas, as minhas, isso a que me agarro obscuramente como o destino, forças que me atravessam e se alastram em mim ganhando todo o crédito enquanto me distraio e me gasto, tudo uma ruazinha dentro de outra e outra com breves intervalos borrados ou apenas o semiescuro, a escuridão não é completa, nada é, eu não sou, o oculto, a promessa e monstros invisíveis que apenas alguns felizardos veem, tudo ali entre elas, as ruazinhas que levavam a Tacaratu. Uma travessia por *matryoshkas*. Penso, a cada vez que surgem luzes, é agora, é aqui que começa, pronto. Ou seria o caso de envelhecer vagando entre estradas semiáridas e garagens remotas, da zona da mata ao sertão, a bordo da Viação Progresso? O boneco não está sentado ao meu lado, nem o menino banguela e a mãe na fila vizinha. Apenas farelos, papéis de bala, um saco vazio de biscoito e o aroma persistente do salgadinho de milho e queijo que lembra a vômito de bebê. Restam outros dois passageiros e ninguém além de mim faz menção de ficar em Tacaratu. Talvez seja mesmo um erro, algo que ninguém mais faria. Ele sorri da cabine e desce para abrir o bagageiro. Sorriso meio vil e de certa forma bonito, único trunfo num rosto rechonchudo em que prevalece a feiura. Deve ser difícil existir com esse aspecto e parecendo tão naturalmente desagradável, mas é a nossa trégua depois que quase nos atracamos para que ele parasse fora da rota e usássemos um banheiro limpo. E era limpo ao extremo o banheiro do Bar das Primas. Sujo o que vi no espelho. As falhas rotundas na barba crescida, um ar doentio. Aproveitei para me barbear o mais lento e rente possível. Ele vai ter que esperar, foi derrotado. E o Augusto gostará disso, saber que quase usei os punhos para ser respeitado e me tornei um homem que zela pela própria cara. Os lábios rachados, a pele oleosa, brilhante. Mas a *nécessaire* transborda com relíquias de Mme. Costa e outras magias conquistadas com meu próprio suor de doméstica – tem solução para tudo. O motorista se desculpa debaixo da garoa, confessa que queria compensar o atraso da saída, faz outra viagem amanhã cedo, também viajou na noite passada. Agradeço sem sinceridade e salto numa pracinha ladeada

por três árvores, três copas em forma de cubo. Vou até o coreto, abrigo imediato para mim e uma matilha de vira-latas. Uma igreja em tons de ocre e laranja, efusivamente iluminada e enorme, destoa do casario colorido mas acanhado em torno. Então foi aqui que ele nasceu, onde veio se esconder, como se pudesse remar de costas na vida e regressar ao corpo hospedeiro. O asfalto novo, o casario antigo, a silhueta dos morros, os botecos meio ordinários, a igreja, aqueles seis ali que assistem à chuva cair com grande interesse, copas em ângulo reto, é para isso que o Augusto tem olhado todos os dias e parece tão pouco.

Abaixo da placa Barzinho do Dadá, uma porta aberta e um velho que dorme ali sentado, bloqueando a passagem. É possível que sejam amigos ou parentes ou rivais. Não tenho memória de nenhum Dadá nas fotografias e nos telefonemas do Augusto. Acho constrangedor acordá-lo, mas, aos poucos, distingo a mulher pequena e macilenta que me observa da penumbra atrás dele. Entendo seu interesse como um convite, sinto que me convém. Posso ter escolhido outra porta, há mais três abertas e livres de obstáculos. Três bares maiores e mais iluminados. Dentro deles, homens despertos que bebem cerveja e cachaça enquanto assistem à chuva, jogam cartas. Não falam entre si, deixam o tempo passar e a nuvens fazerem seus pequenos milagres. Pelo menos até me notarem. Depois pareço mais relevante que a trégua na seca, o carteado e a bebida. Não é pouco. O coração aos pulos e o ônibus se foi, não tem mais volta. Espreito em busca do rosto familiar, memória artificial fabricada pela coleção de retratos que o Augusto me impôs nos últimos anos. A chuva é intermitente, imprevisível. Espero uma brecha e sigo. Escuto a mulher chamar o nome do velho algumas vezes à medida que me aproximo. É o próprio Dadá do letreiro que acorda e me olha de alto a baixo, interrogativo e perplexo. Como se o fato de não me conhecer também o impedisse de me enxergar e procurasse em vão o que a mulher lhe apontou. Ou não entendesse porque alguém escolheria entrar justamente no seu barzinho e lhe dar tanto incômodo. Ou por causa das botas e da calça justa e vermelha. *Levante daí, Dadá!* Digo boa-noite, ele responde, arrasta a cadeira o bastante para que eu entre e torna a bloquear o caminho. O lugar é minúsculo, só um corredor curto e estreito

onde mal cabem eu, minha mala, a mulher, um cachorro miúdo cor de canela, uma cadeira de plástico e o balcão. Ela me cumprimenta com energia incontida. Sinto que poderia explodir diante de mim se o corpo não tivesse tantas barreiras. Me solidarizo. Em vez de mencionar o endereço que trago dobrado no bolso da calça, solto a mochila, comento que não imaginava que chovesse assim no sertão e peço uma cerveja. *Foi graça de Deus, que a seca anda braba. E o a o a a senhora se sente, se quiser.* Ela me olha de lado e um pouco corada, talvez esperando o desmentido. Permaneço aparentemente imperturbável. *Deixe a moça chegar na porta, Dadá.* O coração se desprende da caixa torácica e entala na boca do estômago. Ela atravessa uma cortina de pano e volta em seguida com a garrafa numa mão e o copo na outra. Aparenta cem anos ou não mais que cinquenta, dependendo do ângulo. Meio século num simples meneio de cabeça. O rosto queixoso de alguma dor muito forte que aqueles poucos passos fustigaram. Dadá não se move. Digo que estou bem ali, que é preciso esticar as pernas depois de oito horas sacolejando no ônibus. Ela me encara com expressão que oscila entre a demência e o embaraço. O silêncio não dura. *A senhora não é do Recife, pelo sotaque a gente nota. Vem de São Paulo?* Explico que vim de muito longe, muito mais longe que São Paulo, da França, e ajeito os cabelos com delicadeza, as mãos de repente leves e graciosas, quase numa dança kabuki. A mulher inteira se arregala. *A senhora me desculpe, mas como é que veio parar aqui?! Foi pra ver os índios do Brejo dos Padres?* Também não fazia ideia que existia índio no sertão e digo isso a ela. *Aqui é tudo terra deles, moça. Tudo tudo, até lá nos morros.* O Augusto também não mencionou índios. Ou sim? Dadá rosna e desperta o cachorro. Um homem trôpego, encharcado de chuva aparece no vão da porta. Pouco mais alto que um pigmeu. O cachorro boceja, se alonga e volta a se aninhar ao meu lado. Não precisa se dar ao trabalho. *Deixe ele, Dadá.* A mulher se alarma tanto ao pedir isso que quase posso ver uma presa pontiaguda escapar da boca do velho. *Vá pra casa, Mundo, a gente já fechou. E não fique andando nessa chuva que acaba doente,* ela grita. O pigmeu balbucia sons intraduzíveis com a boca mole. Claramente são respostas aos grunhidos do predador. Depois se volta para o alto, o chapéu contra o peito. Dá um passo, uma sandália de couro quase escapando do pé, e deixa o aguaceiro meio turvo que jorra da calha sobre o letreiro lhe escorrer bem no topo da cabeça.

Vá pra casa pelo amor de Deus Mundinho!

Mundo cambaleia, hesita, pragueja, perde a sandália, demora muito até voltar a encaixá-la, e obedece. Dadá se levanta num salto. Em repouso não parecia capaz de movimentos tão ágeis. Mas o lobo velho ainda é um lobo. *Cachorro que prova sangue quer sangue sempre*, o Augusto me explicou quando mandou sacrificar o nosso Tabaco, depois da terceira perna mordida na vizinhança. Não, ele disse que ia mandar para um sítio em Teresópolis, onde podia caçar e correr livre. Duvidei que o Tabaco fosse premiado por arrancar sangue de mais um vizinho. Dadá pega a vassoura, enxota o cachorro que me lembra um pouco o único que tive, os mesmos pelos curtos cor de canela ou tabaco, e varre o chão como se quisesse matar algum animal peçonhento rasteiro. Dura pouco, não há muito o que fazer no seu chão diminuto e ele se retira resmungando que eu, por favor, o desculpe. A mulher adoça a voz e chama *Florzinha* para perto de si. Trata-se de uma cadela e ela lhe tem grande estima. Sacode a cabeça de um lado para o outro ao acompanhar os movimentos do. Marido? Fala com ele naquele tom simultaneamente suplicante e mandão de velhas esposas nordestinas que eu via na farmácia do Augusto, carregando seus maridos estropiados para que ele os consertasse. Assim que Dadá desaparece, dispara até a porta e grita *Vá logo Mundo*. Depois suspira e também se desculpa. Pelo menos duas vezes mais. *Imagina, não tem do que se desculpar, eu é que cheguei na hora de fechar, mas já vou indo*. Bebo até quase me afogar e pergunto seu nome. Ela volta a sentir as costas, franze o rosto, tem duas marcas profundas entre as sobrancelhas, as bochechas são flácidas, mas logo arranca um sorriso dali, como se a alegrasse poder dizer o próprio nome a uma estranha. Me apresento e Irene diz que Manuela é nome muito lindo. Um nome, claro, é preciso ter um para ser chamado, sempre foi, mesmo Florzinha tem, e era tão simples, tão óbvio, o meu. Saiu espontaneamente e soou definitivo. *Mas a senhora pode me chamar de Manu*. Dou ao nome um corpo. Dou a Irene um nome para achar lindo, outro sorriso e o papel com o endereço do Augusto. *Conheço, sim, senhora, e muito. Fica quase no Altinho, três ruas ali pra cima. Uma casa branca de esquina*. Senhora, moça, ela repete com ênfase e convicção crescentes. Agora me sinto exposta, arrependida de

ter tirado o sutiã no avião. A noite num sertão encharcado, o lobo velho, o jato de água fria na cabeça do Mundo, a cadela Florzinha enrolada em si mesma sobre o cimento áspero, e o sobressalto, como se a vassoura fosse uma ameaça à vida e aquela vida tivesse que ser preservada a todo custo, meus mamilos aparentes, esse eu replicante, sem medida nem fronteira exata, úmido, exausto e exposto. A garota camiseta molhada quer voltar para casa e é o quartinho em Paris que se apresenta prontamente como tal. Sem a Ewa, sem o Karim, sem o medo. Melhor tomar um banho antes de bater na casa do Augusto, tirar o cheiro da viagem, vestir uma roupa seca. *E uma pensão, um hotelzinho pra passar a noite, a senhora me indica?* Ela responde que a casa do Seu Guto é a pensão que procuro. *É familiar. Bata lá, sempre tem gente.*

Aqueles mesmos olhares. Do Dadá, da Irene, do Mundo, da Florzinha, dos seis em frente ao coreto, acumulados num outro rosto, bastante sinistro a princípio. *O Seu Guto saiu de casa tem três dias foi no ônibus pro Recife mas pode ter ficado por Caruaru não disse nada a primeira vez que faz isso não dizer onde vai nem quando volta não fosse a moça que vende as passagens na lojinha ninguém nem sabia direito do destino o telefone toca dia todinho lá no quarto mas o Seu Guto trancou a porta ninguém sabe da chave deve ter levado junto sempre carrega o chaveiro na calça me chamo Maria qual é sua graça moço?* Isso tudo em pé, em frente ao portão, cercado por uma montanha de tijolos. Maria tem pelos longos no queixo, tocos claramente aparados com lâmina sobre a boca, uma penugem escura e espessa que forma costeletas, e não cheira bem. Pergunto se teria um quarto para passar a noite e ela responde que, sim, que o Seu Guto deixou por escrito que cuidasse da pensão até quando voltasse. Entramos e sou conduzido pela casinha simples, sem enfeites e repleta de cinzeiros, como se me guiassem pelo Louvre: a saleta da televisão, a porta fechada do quarto do Seu Guto, o dela, a cozinha, os três banheiros, *que Seu Guto tem mania de banheiro*, o quartinho da Cris que *trabalha aqui faz a comida e também limpa mas não dê confiança que aquela ali fala e fala muito visse*. Por uma porta entreaberta, vejo, não sem surpresa e suspeita de alucinação, o pigmeu Mundo pelado. A Maria ri, se desculpa sem

nenhuma convicção, acho que mais por um costume local, e mostra meu aposento. *Se o moço quiser ainda tem bode do almoço e dá pra ver a novela na salinha é hoje que o Doutor Alfredo pega aquela rapariga dos inferno que aquilo é o diabo em couro de gente há de pagar.* O telefone toca no quarto fechado mas ninguém sabe da chave nem do Seu Guto.

Sete dias e mais cinco falhas. Desenhos diversos, irregulares, não mais círculos perfeitos. Mundo inspeciona os lugares que não enxergo e ajuda na contabilidade. Compenso deixando as unhas das mãos crescerem. Até que raspo tudo. Começo pela cabeça, deslizo a lâmina pelo peito, avanço pelos braços e pernas. O telefone tem tocado menos. Tentei forçar uma basculante para espiar o quarto de Augusto. Quando não está perambulando pelos botecos e sendo escorraçado deles, quando não se ocupa de ser o regente imaginário da banda dos meninos da escola que ensaia um desfile desconjuntado nas ruas, Mundo gosta de regar e podar as plantas do jardim de Augusto e dar leite aos gatinhos que foram paridos no telhado. Repete *alopecia areata* debaixo do chuveiro, enquanto cavuca a terra ou ajuda na cozinha ou procura novos espaços carecas no meu crânio como se catasse piolhos. *Alopécia, nome de mulher braba.* Está fascinado pelo nome da coisa que tá coisando meus pelos. Tenho me entendido perfeitamente com o Mundo. Se nega ao passado e tem uma resposta universal para qualquer pergunta que lhe faço. *O negócio é andar na expectativa.* Me dá o que pensar. Toma banho sempre que chega da rua, até três vezes por dia, diz que é para tirar a poeira. Enquanto o Augusto está fora. *Seu Guto controla.* São banhos longos, certamente masturbatórios. É o mais lavado e esfregado dos homens, mas cada célula dele parece embebida em cachaça de alambique. O álcool logo escapa dos poros e orifícios. Já a Maria aproveita a ausência do Seu Guto para passar a seco. No máximo molha os cabelos na pia, rebate o encardido com talco e veste quase sempre a mesma roupa. Um vestido estampado que ganhou do Seu Guto. A conversa também seria boa se ela não fedesse tanto. Conhece em detalhe a história de cada criatura viva e morta, do Altinho até os lados do cemitério, de Petrolândia a Caraiibeiras, sabe dos padres, dos Pankararu, dos Fulni-ô, dos quilombolas,

quem é ou foi pistoleiro e *já matou de avulso* e traiu e se pegou no tapa e se furou à faca e se atracou na cama e, sobretudo, quem faz feitiço. *Me dá abrimento de boca se cruzo com gente ruim e fuleira e tu é bom Manu que nem teu pai garantido.* O que faz meus cabelos sumirem é feitiço de uma mulher de cabelos escuros, garantido. E ela pode desfazer o malfeito com a graça da Nossa Senhora da Saúde, a padroeira da cidade, garantido. Violência, sexo e bruxaria, basta escolher no menu, tomar distância e desfrutar de relatos meticulosos. Conhece ou inventa. A Cris garante que inventa, que é meio doida, que toda a família da Maria, o Mundo um deles, são ou meio ou muito doidos, por se casarem só entre primos *pra não dissipar a terra com outros sobrenomes.*

Nenhum dos três aprova Krzysztof Komeda e Zbigniew Namysłowski Quartet. A Cris chama o meu jazz polonês de zoadá e acha a vitrola que roubei da Ewa coisa de um mundo muito antigo, que não tem mais serventia. Prefere seu portátil que toca piratas do Calcinha Preta e do Rasta Chinela enquanto me regala com tapioca, cuscuz, galinha de capoeira, bode frito e ensopado. *Joga mãozinha pro céu todo mundo bate na palma da mão quero ver. Sou foda na cama te esculacho na sala ou no quarto.* Mas alto assim só enquanto o Seu Guto não volta. *Seu Guto gosta de apreciar o silêncio, sentar debaixo das árvores dele, ouvir o canto da azulão, do concriz, gosta é de se cercar dos bichos.* Maria é mais Frankito Lopes, o índio apaixonado, e Sandro Lúcio, mistura muito torturante de ultra-romantismo com a cafajestagem regional. Garante que um raio destruiu a igreja velha porque foi Lampião quem deu o dinheiro ao padre para a construção. Mas que essa nova e linda é obra da terra, tacaratuense do chão à torre, sem dinheiro de bandido, ela mesma ajudou a carregar tijolo quando era menina. Isso, Irene, Mundo e Dona Dolores da Padaria Olinda também confirmam.

E por que eles moram aqui com meu pai?

Ninguém quis mais. Restos.

TÚ Q. TEM O

(desenho de um olho azul)

TÃO GRANDE

POR Q. NÃO CONCEGUE

VER JESUS.

Mas é o quê? É Manu de Guto. Manu de Guto, filho e filha de Seu Guto, o Guto de Biu, o Guto de Ana, o Guto da pensão. Omito o detalhe do sangue. Incorpo o sangue. Acham que nos parecemos muito e quem sou eu contra os caprichos da natureza? Agora que a notícia se espalhou, os mesmos olhos são outros. Prismas, variações infinitas. Estranham o estranho que sou, os modos, as roupas, a careca gradativa e a abrupta, depois acolhem ou ao menos silenciam, guardam dúvidas e espantos em algum lugar onde não podem me fazer mal nenhum. Já que sou de Guto. Estão em toda parte e alguns não fazem mais que olhar o dia inteiro, porque podem e olhar é simples, não mata, é bom pra passar o tempo. Olho gordo mata, sim, a Maria garante e me benze. Mas é o quê?! Da terra também. De Guto. Manu de Guto. Assimilado. Não paro mais a cidade quando passo. Só parei quando quis. Desci até o centrinho lotado com um turbante da Mme. Costa na cabeça, numa noite de sexta. Esse negócio de turbante o povo estranhou mesmo, o Seu Guto não deixava, não. A Cris ficou com as amigas à distância, não quis comprometimento. É moda em Paris, boba. E homem usa?! Usa! Ela gargalha, amassa a goma da tapioca na frigideira e me chama de doido, igualzinho ao Mundo e à Dona Maria. Ôxe que tô é feita nesse hospício. Também paro se querem saber de Seu Guto ou da França. Olhos, olhos e olhos dentro e fora do casario. Olhos que viram o Augusto. É o quê? É Mulher ou homem? Mas é os dois!? É ET!? Agora quase sempre só os meninos, os mesmos três, riem enquanto me seguem e fogem quando me viro.

Giorgos, o grego, teu *nounou* tem aprendido muito. Que o biscoito da Padaria Olinda é melhor molhado no café, o que é queixão, a não ser um, a distinguir facheiro de xiquexique e mandacaru, que ter jatobá em casa traz sorte. Que a menina do Salão Retoque tira bife dos dedos. Que a esposa do cacique Pankararu é a mulher mais bonita do mundo. Que sendo a esposa do cacique não tenho chance nenhuma. Talvez ela me assombre pra sempre. Que os índios mais jovens parecem pagodeiros e muitos têm olhos ferozes e bafo de cerveja. Vivem em casas como as outras e as garotas das tribos também usam babados e sandalhazinhas de salto e andam desengonçadas sobre elas. Todos dançam muito bem forró. Eu só assisto. Que aqui o sertão é verde. E é preciso escolher entre o bar do Zelito e o bar do Naldo, ou ir aos dois em proporções iguais, gastar, beber e comer igual, de preferência alternando, sem repetir nenhum. Augusto alternava, não dava razão nem tirava. Tentou acordos, conciliações. Eram como irmãos mas brigaram sem volta. Cada qual com seu bar agora, e um em frente ao outro. Naldo pintou uma mensagem na parede pro Zelito se arrepender diariamente, sempre que abrir a porta. Naldo agora é de Jesus. Que se mandar bem mandado, falando grosso, a Maria toma banho, e se lhe der mais vestidos, ela usa. Algumas vezes a visto como a uma boneca. No começo ela achou errado, teve vergonha. Depois ficou convicta que eu a amava e me disse com pesar que não poderia se casar comigo nem *fazer coisa comigo*, porque está muito velha, o que tinha entre as pernas não existe mais, fechou como uma ferida que um dia esteve aberta. E, fosse como fosse, o Seu Guto não gostaria, *não daria a bença*, eu preciso é da moça jovem que ela enxerga quando sonha. Aprendi que os pelos começam a voltar primeiro grisalhos e finos, depois caem de novo. Que posso me sentar debaixo da jatobá de meu pai e ouvir jazz polonês, cirandas, frevos antigos, o canto do azulão e do concriz, acariciar gatos, comer pitomba, vestindo as roupas que peguei emprestado da Mme. Costa e todo meu enxoval de moça. Que a queda era só anúncio de cabelos e pelos novos, mais claros e macios que antes, talvez definitivos, quase tão ruivos e fortes quanto os de meu pai. Deixei barba e cabelo crescer. Ele ainda não voltou. Falaram de uma viúva chamada Cinéia no bairro da Torre, no Recife. Um caso antigo. Talvez a procure. Ninguém mencionou a

mancha. Ninguém, além de você e dos daqui, sabe que vim. Melhor não estragar a surpresa. E existe uma serrinha com vista pra Boca da Noite onde se pode chorar de tanto desamparo e beleza. Paguei ao menino mais franzino que encontrei pra passar pela basculante do quarto do Augusto. Tinha uma porção de chaves penduradas em preguinhos sobre a mesa e nenhuma abriu a porta. Do vão da basculante vi a cama de solteiro em que ele dorme, uma camisa branca sobre a cadeira de palha, um cinzeiro cheio de guimbas, as fotografias que lhe mandei, emolduradas na parede. Ele me enviava fotos pelo correio e me cobrava fotos como pagamento. Nas dele eu acompanhava as mudanças no seu corpo. Pelas minhas, ele podia ver coisas que meus olhos viam. Se queixou no começo. Logo aquiesceu. Ao telefone pediu apenas que eu registrasse a data e o lugar onde tinha batido cada uma, exatamente como ele fazia com as suas. A memória deveria ser organizada, como se ele precisasse reunir provas pro futuro. Há anos a única cobrança. *Retratos me mande retratos!* Como se as imagens, somente elas, pudessem restabelecer os laços, nos colocar no mesmo plano. Ontem vi um cabra moreno e forte, sem camisa, bermuda branca, minúscula, arregaçada até a virilha, e ele polia um carro preto meio fuleiro e admirou por muito tempo o próprio reflexo no vidro brilhante. Um Narciso cafunu, Giorgos, e logo pensei em você, que diria, se estivesse lá comigo, que o amaria e lhe daria dez filhos. Ficaríamos bêbados até a expulsão do último bar. Mas você não duraria uma semana em Tacaratu. Não duraria três dias nessa quentura. Comprei um chapéu de palha e uma sombrinha colorida na feira de sábado. Agora são extensões minhas nos passeios exploratórios que tenho feito. Pra ver e me exhibir. A Cris não cansa de se pasmar porque não há nada pra se ver aqui, de repetir por que é que vim logo em março, nesse calor da porra, e sem avisar o Seu Guto, se a coisa só tinha alguma graça no mês de junho. Também comprei a galinha que a Cris pediu pro almoço no domingo passado. Escolhi a mais gorda, penas complexas, castanhas e rajadas de branco, que três meninos traziam amarrada a outras num desses carrinhos de construção. Mas é simpatíssima, me apeguei a ela no caminho de volta e cancelei o sacrifício. Batizei-a de Greta Garbo e expliquei a Cris que não se pode degolar uma criatura que tem nome de artista famoso. Mundo e eu cuidamos dela. Mandei bordar Giorgos o grego numa rede amarela em Caraiibeiras. O dinheiro dura aqui. Ou é porque quase nunca cobram pelas minhas despesas. Pedir fiado é tabu

oficial, escrito à tinta nas fachadas do comércio, mas Seu Guto está na lista de ouro e eles me leem como despesa dele. Talvez nunca pague o que te devo. Calor da gota serena quer dizer que Chanel, Lancôme e Givenchy não são páreo, derretem e viram lama no rosto em minutos e há poesia nisso. A Maria acha que é pecado gastar a água de beber em banho, e uma vez por mês mergulha no São Francisco. *O rio é curador com a bença da Nossa Senhora da Saúde não tem trabalho que não tire do corpo garantido.* Ninguém fala como ela, ninguém é como eles são. Todos dão bom-dia e boa-noite quando se cruzam. O dia e a noite, no instante em que dizemos as palavras, ficam mesmo bons. De vez em quando as mãozinhas de rã da Maria agarram as minhas. Percorre as palmas com suas unhas sujas, que depois mando limpar e polir, e garante que existe uma mulher marcada pra mim, uma mulher bem ali no centro da minha vida. Hoje à tarde pegamos dois moto-táxis e fomos até a Roça de Ana de Biu, espécie de balneário local. Na estrada, vi um grupo de jegues andando sozinhos pelo acostamento. Depois me explicaram que o povo começou a comprar motos e deixou que fossem e se virassem. Restos também. O rio São Francisco está baixo, a música que tocava no restaurante era ruim. Zoada. O chão é coberto de pedregulho, conchinhas brancas e escuras e sargaço seco. Machuca os pés. A gente percebe cada passo de um jeito agudo. Maria entrou logo no rio e eu me afastei, sabendo que ia querer me batizar e benzer. Três meninos brincavam e gritavam dentro da água alguns metros depois. Uma garota magrela olhava pra eles sem interesse, sentada sobre uma pedra. Mergulhei por perto, a água quente quase não me deixou sair, nunca mais. Até que vi uma sanguessuga grudada no meu peito. Disse olá pra garota, ela saltou e passou a me acompanhar em silêncio. Conteí que era minha primeira vez ali. Ela, que vinha sempre, todo dia de domingo, que seus pais estavam lá no bar bebendo com Ana, e que os meninos no rio eram seus irmãos. Disse meu nome e perguntei o dela. Pedi que repetisse três vezes, atribuindo o ruído ao vento forte ou ao sotaque. Misterrânia Misterrânia Misterrânia. *Que lindo! Que curioso! Quem escolheu, você sabe?* Foi o pai. Perguntei então sobre os irmãos, pra ver até onde ela iria. Hitler, Churchill e Kenedy. *Que interessante! Que curioso!* Obras do pai. Obviamente estava me enganando, meninas e meninos também se aproximam na maldade, se têm vocação. Quis me levar à ilhazinha de pedras. Agora, com o rio baixo, dava pra chegar andando, e era muito melhor ver lá de cima o pôr-do-

sol entre os morros. Foi na frente, saltitando, impaciente com a minha falta de habilidade pra pisar naquele chão pontiagudo. Não fazia questão de ser agradável ou boazinha, não sei bem por que continuei a segui-la. Escalava as pedras, avançando cada vez mais rio adentro, sem dar muita atenção ao que lhe dizia. E eu dizia que tinha medo de cobra, escorpião e aranha, que devia haver centenas entre as pedras e não ia muito longe descalço naquela ilha. Mas ela foi. Até a ponta. E se sentou, alheia a mim. O sol caindo entre os morros parecia com o prometido. Aconteceria eu estivesse ali ou não. Misterrânia me impressionou mais. Cogitei passar pelo bar e puxar conversa com o pai dela, descobrir seu nome verdadeiro. E um dos meninos surgiu aos berros. *Misterrânia Misterrânia venha que a gente vai pra casa!* Ela se levantou prontamente e começou a descer ainda mais ágil que antes. *Espera Churchill!* Passou por mim e me convidou pra conhecer o pai e a mãe antes que fossem embora. *Já vou lá*, eu menti pra Misterrânia. Achei que ficaríamos melhor assim.

2

Memorial descritivo: Um modo de existência *crossdresser*

Não, verdadeiramente não há necessidade da mágica nem do feérico, não há necessidade de uma alma nem de uma morte para que eu seja ao mesmo tempo opaco e transparente, visível e invisível, vida e coisa: para que eu seja utopia, basta que eu seja um corpo. Todas aquelas utopias pelas quais eu esquivava meu corpo encontravam muito simplesmente seu modelo e seu ponto primeiro de aplicação, encontravam seu lugar de origem no meu próprio corpo.

Michel Foucault, *O corpo utópico*

O intruso não é um outro senão eu mesmo e o homem ele mesmo. Não é um outro que o mesmo que nunca termina de alterar-se, ao mesmo tempo aguçado e esgotado, desnudado e superequipado, intruso no mundo como em si mesmo, inquietante ímpeto do estranho, conatus de uma infinidade excrescente.

Jean-Luc Nancy, *O intruso*

Modos de existência

Para Michel Foucault, interessava, sobretudo, “um nós hoje: quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida”². Possibilidades que são produzidas pelo atrito, no embate permanente e inescapável entre os agenciamentos coletivos e os percursos da individuação. Definem-se e se reorientam diante da polifonia das formas contemporâneas de subjetivação, em tráfego permanente entre os impulsos de criar territórios e desterritorializar, demarcar limites, fronteiras ou investir no seu apagamento, definir contornos e borrá-los. Modos de existência que podem buscar uma ancoragem, se fixarem em ideais essencialistas ou, ao contrário, se lançarem ao risco de um ser em trânsito,

² DELEUZE, *Conversações*, p. 124.

com potências múltiplas – ao devir. “Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de *regras facultativas* que produzem a existência como obra de arte”.³

Foucault também se empenhou no desvelamento dos processos de exclusão das diferenças. Se a fixação e a normalização fazem parte dos mecanismos manifestos do poder, o trânsito se revela como potência subversiva ao desfazer territórios, dar lugar a acontecimentos não localizáveis e, portanto, capazes de escapar ao controle.

No que se refere às possibilidades de vida que se revelam hoje, vemos, por exemplo, a potencialização de devires minoritários e a resignificação da ideia de gênero, avanços contra a marginalização de identidades trans (transgêneros, transexuais). Tais investimentos atravessam delimitações, formas e figuras instituídas. E, por isso, já não cabem nos binarismos normalizadores, homem-mulher e masculino-feminino, apontando para singularidades em movimento, que se inscrevem no ir e vir entre gêneros.

Homi Bhabha descreveu o fim do século XX como um tempo em que o presente se vê frequentemente confinado ao papel de zona fronteira por onde se deslocam tensões entre passado e futuro. Caberia aos contemporâneos a categorização de pós (modernismo, feminismo, colonialismo, gênero), que trata de estados transitórios, massa em constituição por onde ecoam gestos anteriores, a caminho de se engendrar como algo identificável, catalogável, definível – definições que pertencem ao futuro, nunca estão dadas no aqui e no agora. E é dessa crise que emergem “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”⁴. Novos signos de identidade, sujeitos constituídos na articulação de diferenças culturais e no desgaste das divisões binárias emergem em entre-lugares, espaços que “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva”,⁵ de contestação, mas também de colaboração e afirmação. Territórios para existências outras, que se articulam nas dobras, e trabalham a transitoriedade como potência.

³ DELEUZE, *Conversações*, p. 123.

⁴ BHABHA, *O Local da Cultura*, p. 19.

⁵ *Ibid.*, p. 20.

Durante o percurso do mestrado, acolhi a força de um desejo que deslocou radicalmente o interesse original, que me levava até ali, pesquisar as ligações de Fernando Pessoa com a imprensa portuguesa, na época da publicação da Revista Orpheu. Ao acolher a mudança, me voltei, inicialmente, ao trânsito de gêneros (registros, rastos masculinos e femininos) por um corpo de homem. E me propus a fazê-lo de modo singular, rasurando o estatuto acadêmico-disciplinar para transitar também por duas instâncias: da produção acadêmica e da produção artística.

No campo artístico moderno, a arte já não se contrapõe nem se dissocia da pesquisa, da investigação, do experimento. Assim como o conhecimento, desde a instauração da modernidade, nunca se opôs à invenção. Valendo-me desse espaço, lancei mão de reflexões teóricas e artísticas contemporâneas sobre identidade, corpo e gênero, para propor uma experiência particular, utilizando-me da linguagem literária.

Mais que a permissão para um binarismo que, não raro se ocupa apenas de mais uma tentativa apaziguadora de normalização – homem que se transforma em mulher, mulher transmutada em homem, por força de interioridades, essências ou forças que não encontram correspondência nos corpos que ocupam (acontecimento que a ciência médica define como distúrbio) – tratava-se de investigar a possibilidade de coexistência e expressão de um masculino e um feminino no mesmo corpo. Um corpo que rejeitaria fórmulas totalizantes e assim se faria espaço potencial. Idealmente, capaz de não cindir nem fundir: produzir continuidade no que poderia resultar descontínuo, mutilado. Nas palavras de Karl Posso, “puxar as rédeas da identidade da maioria ou de uma literatura majoritária com o objetivo de investigar novas possibilidades, novas formas de devir ou da diferença que está ainda por realizar”.⁶

Parti de uma condição ainda comumente confinada à atuação e realização privada, secreta, ou à microexistência de gueto, duas instâncias *outsiders*. Ela ganhou visibilidade no Brasil a partir da decisão do cartunista Laerte de assumir pública e integralmente sua prática: o *crossdressing*. Por não implicar a definição de uma orientação sexual, e pela necessidade de certo grupo fundador de

⁶ POSSO, “Híbridos Produtivos – Silviano Santiago sobre a homossexualidade”. In: CUNHA, Eneida Leal, org. *Leituras Críticas sobre Silviano Santiago*, p. 119.

distinguir essa prática de travestismo do “travestismo de rua”, da mitologia clássica do travesti como personagem associado à degradação, marginalidade, prostituição e violência, o termo passou a ser empregado no original em inglês, ainda que a tradução direta una os dois “grupos”.

Propus-me a pensar o *crossdressing* como modo de existência e o corpo de um *crossdresser* como entre-lugar de encontro e de trânsito de gêneros, que ultrapassa a dialética em favor do hibridismo e sintetiza o próprio entendimento da produção de subjetividade enquanto fenômeno polifônico e plural, que Félix Guattari retomou de Mikhail Bakhtine.

Não se tratava de uma tentativa de historicizar a prática, pesquisar a dimensão do fenômeno sociocultural, dar conta de uma condição universal, mas de me aproximar de uma alteridade, escrever com ela e com o impulso que a orienta (um homem que se percebe, com frequência crescente, impulsionado a travestir-se como mulher), ser atravessada pelo percurso de uma individuação diante das coerções coletivas, na forma que Deleuze propõe, como uma singularidade que decorre da fruição de multiplicidades.

Essa prática específica de travestismo pode implicar num sujeito com existência cambiável e paradoxal. Há a face heteronormativa (com aparatos conformes à norma, incluindo uma aparência aceita como masculina, que não se quer descartar), e outra, que surge como o desejo de um devir mulher, e avança por uma série de tentativas de experimentar o outro gênero valendo-se de aparatos culturais associados ao universo feminino. Um transbordo que se torna visível a partir da remontagem, remodelagem da forma anterior. Nas palavras de Foucault:

Mascarar-se, maquiagem-se, tatuar-se não é, exatamente, como poderia se imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível (...) é fazer com que o corpo entre em contato com poderes secretos e forças invisíveis. (...) A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. (...) são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro.⁷

⁷ FOUCAULT, *O corpo utópico, As Heterotopias*, p. 12

Tal qual a Alice de Lewis Carroll que, uma vez tendo sido pequena e grande, torna-se pequena e grande, pois “Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente.”⁸, à medida que esse homem experimenta a forma-mulher, torna-se homem e mulher, um espaço outro e imprevisito.

Seria o feminino como que um corpo glorioso enterrado no fundo do corpo masculino? Seria essa glória que o fotógrafo sueco Christer Strömholm captou na série de retratos de travestis “Les amies de Place Blanche”?⁹ Se visto sob essa perspectiva, surge o problema descrito por José Gil:

Como conceber uma superfície de imanência do sentido ao corpo e à linguagem, um plano de imanência ou campo transcendental em que, por exemplo, os paradoxos de Alice tenham a força, a consistência dos corpos e da ação? A resposta de Deleuze é de grande simplicidade: trazendo à superfície *todo o corpo glorioso* enterrado por Artaud no fundo dos corpos. Não alguns elementos, não fazendo subir o fundo para envolver superfícies e organizá-las, mas engendrando-as, criando-as, tornando-se o próprio fundo a superfície.¹⁰

Tornar o fundo a superfície: como fazê-lo? Quando tratam do devir, Deleuze e Guattari propõem movimentos extremos e incondicionais, que ultrapassem a mimese, a imitação apenas. Devir animal, pedra, molécula, criança... Mesmo o devir mulher soa misterioso no contexto do seu pensamento. Tão misterioso quanto a resposta da transexual I. à pergunta que lhe fiz em nosso único encontro, depois de ouvi-la repetir algumas vezes que agora se sentia realmente mulher, depois de mais de 30 anos de descompasso com o próprio corpo e conflitos com a própria imagem. “Mas o que é ser mulher?”. Eu quis entender o que havia mudado para que esse estado pudesse enfim ser dado como completo. Seria apenas uma questão de aparência? Sua resposta foi: “Ser o que eu sou”. E naquele momento, diante de mim e para mim, I., que não fez nem fará

⁸ DELEUZE, *Lógica do sentido*, p. 1.

⁹ Strömholm acompanhou personagens da comunidade transgênero que frequentava e vivia nos arredores da Place Blanche, em Paris, entre os anos 50 e 60. Algumas imagens da série *Les Amies de Place Blanche* podem ser vistas no site: <https://www.lensculture.com/articles/christer-stromholm-les-amies-de-place-blanche#slide-2>

¹⁰ GIL, José, *Nietzsche e Deleuze, O que pode um corpo*, p. 138.

cirurgias para mudança de sexo, parecia mais mulher que eu. Decidi então abraçar o mistério daquela resposta.

O protagonista de *Pele* não pretende “ser/parecer mulher” em tempo integral. Restringir-se à forma-homem tampouco o satisfaz. “Multiplicidade de corpos virtuais num só corpo atual”.¹¹ Debater-se diante dessa ambiguidade, uma vez que ele próprio não se permite fruí-la livremente, é uma condição e um preço a pagar. Condição com a qual se quer romper, convertendo ambiguidade, paradoxo em possibilidades. Mas há também resistência, cortes, sabotagens, fugas, cisões, amputações. Estados que a artista plástica Louise Bourgeois tornou visíveis nos corpos cindidos e recosturados que construiu.¹²

Pois a incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que se passa, mas um estrutura objetiva do próprio acontecimento, na medida em que sempre se vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo essa dupla direção. O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidade fixas.¹³

Há uma ou mais vozes em ação, minando, esburacando um Eu que não pode ser Uno, exigindo-lhe experiências corpóreas. A experiência se realiza primeiro como uma construção exterior, na reprodução de modelos, na mimese, porém, acaba por rasurar, transtornar toda a possibilidade de separação entre um exterior e uma interioridade e toda cogitação acerca desta polaridade nos papéis de gênero e na sexualidade biologicamente concebida.

¹¹ GIL, José, *Nietzsche e Deleuze, O que pode um corpo*, p. 141.

¹² Evelyne Grossman diz sobre os três corpos horizontais de Louise Bourgeois: “o corpo vai se decompor em fragmentos que parecem desconexos ao vivo, de forma independente um do outro: naturezas-mortas que vivem, relíquias investidas com uma aura sagrada”. Já Bourgeois escreveu num texto de 1985, para a Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, que, vestido ou despido, não era a aparência do corpo que mais a interessava. “Quero saber como as coisas funcionam – e por quê. Isso se aplica ao funcionamento do corpo e ao funcionamento das estrelas – a lua e o sol.” BOURGEOIS, *Destruição do Pai, Reconstrução do Pai*, p. 219.

¹³ DELEUZE, *Lógica do sentido*, p. 3.

Se os corpos são, como escreveu Jean-Luc Nancy, lugares de existência, espaços que dão lugar a existências, foi o processo de construção, experimento, invenção dessa forma feminina num corpo masculino, o que me propus a investigar. O próprio devir-mulher, com todos os conflitos, estranhezas e dificuldades próprios do contrafluxo majoritário. Como reforça o autor, por “local”, não se deve tomar “el sentido de la heredad, de la província o del coto reservado. Sí en el sentido pictórico del *color local*: la vibración, la intensidad singular – ella misma cambiante, móvil, múltiple – de un acontecimiento de piel, o de una piel como lugar de acontecimiento de existencia.”¹⁴ Não se trata daquele que Deleuze definiu como “homem rei da criação”, mas de um outro, “tocado pela vida profunda de todas as formas e gêneros”. Ou ainda da produção de uma série de estados diante da qual “o sujeito [...] renasce sempre no estado seguinte que o determina por um momento, consumindo todos esses estados que o fazem nascer e renascer”.¹⁵

Soou natural aproximar a condição do estrangeiro em trânsito por diferentes cidades, estrangeiro sempre, no espaço, na cultura, na língua, na linguagem, incapaz de se territorializar de forma completa e definitiva, mas, ainda assim, impelido a cavar espaços onde possa se instalar provisoriamente, da aventura de fazer do corpo “grande ator utópico”,¹⁶ espaço fértil para o acontecimento do feminino e do masculino, na experiência desse tipo de transgênero. Era preciso acolher toda a intrusão do estrangeiro – um estrangeiro diante do mundo e para si. Era preciso transtornar as noções de “si”, “eu”, “meu”.

Maria Rita Kehl questiona no artigo “O eu é o meu corpo”, o paradoxo de dizer “meu corpo”, uma vez que não há eu externo ao corpo, que “o eu é o corpo”.¹⁷ Mas aqui a questão também seria: qual eu? Quantos eus intrusos coabitariam o personagem? Conforme Jean-Luc Nancy, quando escreveu sobre a experiência de ter um coração transplantado:

¹⁴ NANCY, *Corpus*, p. 17.

¹⁵ DELEUZE, *O Anti-Édipo*, p. 35.

¹⁶ FOUCAULT, *O corpo utópico, As Heterotopias*, p. 12.

¹⁷ CANTON, “Corpo, identidade e erotismo”, p. 24.

O intruso não é um outro senão eu mesmo e o homem ele mesmo. Não é um outro que o mesmo que nunca termina de alterar-se, ao mesmo tempo aguçado e esgotado, desnudado e superequipado, intruso no mundo como em si mesmo, inquietante ímpeto do estranho, conatus de uma infinidade excrescente.¹⁸

Diversas questões foram sondadas durante o curso da escritura: De que formas poderia, utilizando-me de estruturas narrativas (ou minando-as), enredo, personagens, e, sobretudo, da linguagem, produzir experiências correspondentes às do estrangeiro em deslocamento pela memória, espaço e culturas, e do transitar entre gêneros, um sempre, de alguma forma, estrangeiro ao outro, por esse corpo fictício? Como o processo de escrita poderia se aproximar das errâncias do personagem? De que maneiras seria possível incorporar e expressar a pluralidade e a polifonia?

Em Deleuze, mais uma vez ele, encontrei o conceito de rizoma, a ideia de escrever de forma rizomática, compor um livro como platôs, fragmentos que poderiam ser deslocados e lidos em qualquer ponto, produzindo relações móveis e cambiáveis. Poderia tornar as vozes em ação também cambiáveis, mutantes a tal ponto que já não se tornasse necessário ou mesmo desejável identificá-las e separá-las para pacificar sua leitura. Poderia propor esquemas estruturais e romper com eles a qualquer momento, sempre que orgânico e necessário. Deveria acolher continuidades e descontinuidades e encontrar modos de fazer tal acolhimento graficamente visível. Mesmo a decisão de apresentar uma composição gráfica no formato do que editorialmente é conhecido como “boneca” (em São Paulo, “boneco”), com marcas de cortes de página visíveis, e um texto que se pressupõe ainda em processo, em fase de copidesque, edições, ajustes, acolher a metáfora e a simbologia da “mancha” (nome que se dá ao espaço ocupado por elementos gráficos na página), fez parte da busca por tornar o corpo do livro um lugar de expressão de multiplicidades em movimento. Poderia também me lançar em experiências para além do livro, com e para o livro.

Deleuze cita Péguy, para afirmar que “há duas maneiras de considerar o acontecimento, uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas

¹⁸ NANCY, *O Intruso*, p. 29.

outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como num devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos os seus componentes e singularidades”¹⁹. Creio que na segunda maneira encontrei uma chave para me lançar nesse experimento. Buscando respostas que não fossem definições estanques, que não pretendessem criar contornos definidos para uma experiência que queria borrar contornos, que se aproximassem daquilo que Posso chamou de “‘montanha-russa’ da transformação que é o ser”.²⁰

Começar pelo meio

Pode-se dizer que a escrita começou em 2007, durante um festival internacional de teatro na cidade de Porto Alegre. Foi quando assisti pela primeira vez aos espetáculos *H to H* e *La Divina*. Ambos localizados na intercessão entre a dança-teatro e a performance, e criações de Biño Sautizvy, jovem artista brasileiro radicado em Paris que pesquisa a mitologia pessoal do performer na Universidade Paris 8.

H to H, duplo H que trata de herança e homenagem, apresenta um estudo de caso. Não há a pretensão de fazer registro ou decalcar qualquer condição universal, e sim cartografar os caminhos intensivos de uma singularidade. O homem de terno e gravata surge no espaço cênico com sua valise. Corpo masculino aparentemente normalizado, porém estrangeiro, que logo irá se esvair entre socos, empurrões, torções e quedas. Corpo falido, que não se sustenta. Derrotado em toda tentativa de se fixar, ele se despe, revelando peles, camadas que, ao serem removidas, permitem o desvelamento de corporeidade distinta. Neutra, andrógena ou indefinida, certamente provisória. Não é o fim do percurso. Quando a vulnerabilidade e a potência do corpo se apresentam no acontecimento da nudez, camadas são acrescidas, ao modo de uma tela

cujas tintas foram raspadas para que linhas diferentes pudessem surgir. A camisola cor de rosa, os peitos falsos, o salto alto, o batom vermelho colore o

¹⁹ DELEUZE, Gilles, *Conversações*, p. 211.

²⁰ POSSO, Op. cit.: 116.

lugar, esse corpo-tela, para acontecimentos de outras ordens. Na nova tentativa, agora pelo feminino, ele busca ideais de beleza e amor, dança, se expande, salta, tateia por acessos e meios de existência. Novamente golpeado, sangra, cai, chafurda na sujeira e recebe tomates na cara até a exaustão. Falha outra vez. De dama à faxineira, acopla-se a outros aparatos, balde, vassoura, luvas de borracha, para limpar a imundície acumulada em torno de si. Resíduos dos choques com o mundo e com as identidades que o habitam, tal qual heranças. Feita a limpeza, a carne revolvida torna-se visível nos pedaços de hambúrguer cru que prende da cabeça aos pés com fita adesiva transparente. Retorna à condição masculina, exausto e disforme, acumulado por ferimentos que são também registros de trânsitos, tentativas e falhas. Então outro homem surge em cena, espécie de simulacro daquele anterior, e recebe sua valise. O espaço agora será dele, para que conte sua história. Para que tente também.

Em *La Divina*, performance inspirada na personagem do romance *Nossa Senhora das Flores*, de Jean Genet, a aparição do feminino num corpo masculino e a violência que acompanha tal atravessamento, é novamente investigada. O travesti Divina surge como corpo intensivo, máquina de guerra, construção incessante, projetada a partir de modelos femininos heteronormativos como a dama, a noiva, a santa, a louca e a puta. Quaisquer sejam as formas que assuma, todas as vias de acesso lhe são barradas. Trata-se de uma corporeidade “anormal”, excluída pelo poder, que não pode se instalar numa sociedade pretensamente estável sem transtorná-la. Por isso, continuamente, Divina é expulsa. “Há uma ameaça de morte que ronda e espreita o feminino no corpo do homem”, assegurou Biño numa entrevista que me concedeu em 2012, por ocasião do ensaio que escrevi sobre outra performance sua, *ExVivo*. Mas o corpo insiste. Burla aparatos de controle e transmuta-se para de alguma forma triunfar. Falhar novamente e melhor.

Atravessada por esses corpos intensivos e intrusos, vi surgir um interesse que me perturbaria e acompanharia a partir de então. Sobre tudo no que se refere à perspectiva de pensar no corpo como lugar de encontro e trânsito, não apenas de separação, contenção e fixação. O “corpo artista” descrito por Christiane Greiner como “desestabilizador de certezas” e ignição para a vida, deslocou pensamentos que seriam, como defende a autora, “operadores de outras experiências

sucessivas, prontas a desestabilizar outros contextos (corpos e ambientes) mapeados instantaneamente de modo que o risco se tornará inevitavelmente presente”.²¹ O risco tornou-se presença efetiva em mim. E, anos mais tarde, tal presença seria sacudida no contato com o programa Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. E outra experiência viria na forma de um romance.

Franz Kafka, Samuel Beckett, Jean Genet, Michel Foucault, Gilles Deleuze, influências e referências para as performances de Biño Sautzvy, além da sua trajetória artística e pessoal, passaram a me acompanhar numa investigação sobre produção da subjetividade, possibilidades do corpo e identidades em devir. Os caminhos do corpo masculino em busca do próprio feminino, do estrangeiro que não domina a língua num país tão aferrado à sua, do latino-americano expatriado, sem lugar definido além desse, do estudante sem dinheiro a sobreviver com subempregos no mercado negro, se deslocando permanentemente entre identidades distintas – estrangeiro, homossexual, artista, acadêmico, *baby-sitter* e faxineiro. Passei a escrever com todos eles.

A escrita também começou em 2011, com a morte de meu pai. Ele mencionou a mancha que um Raio X torácico revelou em seu pulmão esquerdo em nossa última conversa ao telefone. Ali estava a sombra de um estrangeiro inesperado (ou, pelo contrário, esperado, convidado até) em seu corpo. Poucos dias depois, um exame invasivo, e ele entrou em coma induzido. Durante sete dias me debrucei sobre seu corpo inerte, cuja vida era atestada e mantida por meio de máquinas, medicamentos e monitores. O coração ainda batia, mas como que artificialmente, já não havia ali o corpo do pai que existia na minha memória. Seu corpo, acrescido de tumores, intrusos que se alojaram nos pulmões e rapidamente se alastraram, era um outro e estava fadado ao desaparecimento.

Diante da impossibilidade de falar com meu pai, e havia muito a ser dito e ouvido, de me despedir, decidi que o faria escrevendo. No entanto, esse processo, a tentativa de me fixar como filha através da escrita, logo se esgotou. Na prática, no momento em que minha própria voz se instalava naquele primeiro texto, compreendi, sob o custo de certa asfixia, que só faria sentido continuar se

²¹ CANTON, *Corpo, identidade e erotismo*, p. 26.

estilhaçasse o foco e investisse no desfazimento de minha própria identidade. Daquilo que, naquele momento, entendia por eu, voz narrativa que se revelou limitada em sua ancoragem.

Em *Le danseur des solitudes*, Didi-Huberman afirma que “para Eu aparecer, preciso criar as condições para meu próprio desaparecimento”. Também Maurice Blanchot fala de um Kafka que “observa, com surpresa, com um prazer encantado, que entrou na literatura no momento em que pôde substituir o “Eu” pelo “Ele”,²² e que “O escritor já não pertence ao domínio magistral em que exprimir-se significa exprimir a exatidão e a certeza das coisas e dos valores segundo o sentido dos seus limites. O que se escreve entrega aquele que deve escrever a uma afirmação sobre a qual ele carece de autoridade”.²³ Pois assim seria. Atravessada também por essa noção, por linhas de força e de fuga, uma multiplicidade de vozes encontraram espaço e a escrita pôde escapar da esfera restrita em que eu a havia confinado. E assim se expandir, rizomática, sem direção clara e definida, um campo minado de riscos e possibilidades.

Em *Pele*, como o homem de *H to H*, minha voz não pode se fixar. Entrego a valise-herança a outra, para que deixe o registro de seus trânsitos, de sua errância, como alguém que desenha o mapa do percurso trilhado durante a viagem.

Haveria o feminino em busca de um corpo, força invisível que quer se tornar visível, experimentar e se exprimir não como ideia ou ideal, mas corporeidade. Haveria o homem que fracassa e se sujeita num mundo onde o poder ainda é predominantemente masculino. Um homem sem lugar, incapaz de se instalar, que encontra êxito em pequenos crimes, desvios e insubmissões não localizáveis.

Ainda foi preciso que um pai estivesse prestes a desaparecer. Não poderia me negar à ferida, ao acontecimento da perda e do luto, tinha sido afetada e transformada. Mas o filho tornou-se também um rastro de intensidades que eu percorreria, dali adiante, não apenas pegadas que deixei atrás e recuperaria como inventário.

Na ficção, o filho recebeu o mesmo apelido pelo qual sou conhecida, Manu. Seu nome é a versão masculina do meu. E não se trata de propor uma máscara ou

²² BLANCHOT, *O espaço literário*, p. 17.

²³ *Ibid.*: 17.

a versão binária de mim mesma. Esse homônimo, simulacro, o falso na mais alta potência que fui capaz de alcançar, surge constituído por multiplicidades, que me contém, atravessam e ultrapassam.

E a escrita também começou na descoberta de clubes virtuais de *crossdressing* em 2012. Ali, em sites destinados ao intercâmbio de seus praticantes, encontrei dezenas de perfis e relatos de experiências pessoais, no interior do travestismo. Fiz contato e encontros com alguns “sócios”. Em especial com A./B., que na época ainda transitava entre as duas identidades, mantendo a feminina escondida, confinada à intimidade ou restrita a viagens e montagens e desmontagens rápidas. Em novembro de 2013, também conheci a transexual I., que duas semanas antes havia transicionado, assumido socialmente a identidade feminina, depois de anos de travestismo secreto seguidos de intervenções cirúrgicas e hormonização. No entanto, para ela, o marco da transição não fora médico, e sim uma viagem. I. tinha o hábito de viajar até o sul do Brasil, longe de olhos que pudessem reconhecê-la, onde se sentia livre para assumir integralmente a imagem feminina. Em sua última viagem I. foi chamada de “senhora” durante um dia inteiro pela primeira vez. Quando retornou ao Rio de Janeiro, assumiu a transição definitiva. Disse-me que só poderia assumir como definitiva a forma e o nome femininos quando fosse vista, reconhecida e identificada pelo outro, pelo mundo, como tal.

A questão do nome e das vozes mostrou-se pungente nessas conversas. Existe a necessidade de dar um nome a essa mulher, em geral, resultado do acúmulo de experimentações, negações e afirmações, que passa a coabitar o corpo masculino heteronormativo. Espécie de batismo que parece tornar sua existência oficial e concreta. O nome arrasta com ele uma existência, uma história. Há também a polifonia permanente dos seus discursos, frequentemente povoados por “eu”, “ele”, “ela”, “nós”. “Eu” que pode enunciar a subjetividade masculina ou a feminina. “Nós”, que pode marcar acordos de paz com a multiplicidade ou conflitos e tentativas de rupturas.

As sociedades normativas representem obstáculos e nos impõem, desde o instante do nascimento, o *ou*, recusando o *e* à noção de gênero, e o trânsito pelo masculino e o feminino geralmente vem acompanhado de conflitos e coerções

pessoais e sociais. No entanto, um *crossdresser*, em seu travestismo móvel e transitório, pode ultrapassar a dialética em favor do híbrido. Corpo masculino que transita pelo feminino. Corpo masculino que, sem o feminino, percebe-se amputado, incompleto, embora não deseje se fixar em uma só forma. Corpo artista.

Desses atravessamentos vieram possibilidades de investigações e reflexões que se ampliaram e multiplicam: O corpo como obra, campo de construção e reconstrução permanentes, colagens, formação e deformação, às vezes ao modo de esculturas (cavadas em matérias hostis ou maleáveis), em outras, de uma *assemblage*.

Pode-se dizer que a escrita começou com e nos espaços entre acontecimentos de diferentes instâncias – arte, vida, pensamento, teoria – desviou-se deles, gerou outros, produziu deslocamentos e propôs travessias. Começos não no sentido de marcos-zero, mas meios a partir dos quais multiplicidades puderam ganhar velocidade e avançar por direções até então insondáveis para mim. Deleuze afirma que “não há diferença entre aquilo que um livro fala e a maneira como é feito”.²⁴ Para escrever *Pele*, eu teria que me permitir transtornar e transitar.

A viagem: fazer o mapa não o decalque

Em março de 2013, dei início a uma viagem-experimental, que contemplaria uma série de dispositivos ou gatilhos: deveria me colocar em trânsito, abandonar, sempre que possível, as zonas de conforto, transtornar os registros do conhecido, do familiar, cartografar lugares pelos quais o personagens do livro, sobretudo Manu, se deslocariam, e, de alguma forma, permitir que meu corpo fosse atravessado pelas experiências dele. Como Manu “empresta” seus olhos para que a mulher nele também possa ver, e lhe dá um corpo para que possa existir, eu

²⁴ DELEUZE, *Mil Platôs vol I*, p. 18.

emprestaria os meus olhos para que ele pudesse enxergar e existir como corporeidade.

De Paris, cidade de onde ele partiria em busca do pai, eu conhecia até então sobretudo os ambientes turísticos, a bela Paris daqueles que chegam a passeio. Sobre outra Paris, entre as tantas possíveis, recebia relatos frequentes de Biño Sauitzvy, que se tornaram as referências principais para o livro. A cidade de estrangeiros desencantados, oprimidos, encurralados – xenófoba, segregadora, hostil, opaca, feia e suja –, era ela que me interessava.

Instalei-me durante dez dias num *chambre de bonne* no Boulevard de la Villette, em Belleville, lugar onde Biño havia vivido – lugar que Manu também habitaria. Estabeleci de antemão um pequeno teto de gastos diários, haveria sempre pouco dinheiro. Durante longas caminhadas ou miradas da janela do quarto minúsculo, colhi impressões, registrei imagens, procurei olhar para o que e quem Manu olharia, me familiarizei com as particularidade do bairro e daqueles que o habitam. No entanto, deixando sempre uma margem para o desconhecido, o intocado, o estranho e o imaginado.

Fora avisada sobre os focos de violência do bairro, a ação de gangues, o tráfico, os pontos de prostituição, os assaltos, ataques, a impossibilidade de, sendo mulher, andar ou entrar sozinha em determinados locais. Os avisos tornaram-se outra influência. Paris, naqueles dias de inverno, foi sobretudo, uma experiência pela invisibilidade, uma invisibilidade perseguida como maneira de ter alguma segurança, pela solidão e o medo, e, principalmente, pelo ato de olhar para o outro.

O personagem, no entanto, também deveria passar por lugares desconhecidos por mim, como Colônia, na Alemanha, e Madrid, na Espanha. Tais lugares me chegariam mediados, por relatos e experiências de amigos, conhecidos e fontes difusas da internet.

A cidade-destino da viagem, local de origem e habitado pelo pai, eu não poderia conhecê-la de antemão. Para encontrá-la, estabeleci algumas condições: deveria ser pequena, pouco habitada e pouco acessada por estrangeiros, não turística, porque aparentemente sem atrativos, afastada de grandes centros, situada numa região onde eu nunca houvesse estado. Fiz a opção pelo sertão pernambucano num período de seca avalassadora, porque me atraiu a imersão em

ambiente que supus inóspito. No entanto, ao saber da existência de um “sertão verde” (paradoxo), de uma pequena cidade no meio do estado, cravada entre morros, situada muito próxima à fronteira entre três estados, Pernambuco, Bahia e Alagoas, território indígena, pequena região da qual não há outros registros nem na literatura nem do cinema, me decidi apaixonadamente por Tacaratu. Como o Manu do livro, eu faria a viagem a partir de Paris, e pisaria lá pela primeira vez.

Tacaratu, desde chegada, revelou-se como território possível para o que Foucault descreveu como heterotopia.

Há regiões de passagem, ruas, trens, metrô; há regiões abertas de parada transitória, cafés, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas de repouso e moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apaga-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços.²⁵

Estava errada quando imaginei que transitaria pela pequena cidade despercebida, que poderia olhar, capturar o lugar protegida por certa invisibilidade, como havia conseguido em Paris. Em Tacaratu, tornei-me alvo, objeto de interesse e investigação. Teria de acolher a experiência de receber o olhar do outro. Nos primeiros dias, até ser assimilada como a hóspede de uma família local, foi impossível me deslocar sem despertar curiosidade e interromper o fluxo do cotidiano. O desconforto de perceber minha intrusão marcada tão incisivamente pelo olhar dos moradores foi quase paralisante. Em dez dias, houve, no entanto, um processo de assimilação e relativo apaziguamento. Fui orientada pela família que me recebeu a me apresentar como uma prima distante. E logo a cidade me acolheu como a estranha que fazia parte da família Araújo. Assim eu seria, de alguma forma, também da terra. Vi e ouvi inúmeras histórias sobre os alcóolatrás (há muitos), assassinos e loucos de Tacaratu. Alcóolatrás e loucos deixados para trás por famílias migrantes, acolhidos por outras que ficaram. Assassinos que circulam livremente, uma vez que a era do cangaço e das guerras internas havia cessado. Também vi inúmeros homossexuais (homens e mulheres)

²⁵ FOUCAULT. *O Corpo Utópico, As heterotopias*, p. 20.

na cidade, e descobri que não são importunados nem hostilizados. Estranhos também, todos eles, mas assimilados como sujeitos da terra. Ouvir aquelas vozes, penetrar nos detalhes de um cotidiano em tudo distinto do meu, foi como atravessar o “coração do mistério”.²⁶

A partir do momento que se tem consciência plena da alteridade, ela já está contida na relação. A crise se instala e o processo estanca quando a alteridade não tem lugar, é negada. Negá-la é recusar um meio para se chegar mais perto de si mesmo, para poder ir novamente em direção ao outro depois, regressar a um novo, um outro “si”. Esse é o movimento e ele não deve parar.

Embora exista documentos que provam um começo e um fim da viagem, esse percurso intensivo, Rio de Janeiro-Paris-Recife-Tacaratu-Recife-Rio de Janeiro, é possível afirmá-lo como acontecimento interminável e incessante, tal como é o ato de escrever pensado por Blanchot.

²⁶ FOUCAULT. *O Corpo Utópico, As heterotopias*, p. 27.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa: Ed. Relógio D'água, 2010.

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance vol I**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Diário de luto**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **O Prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BEAULIEU, Alain. **Cuerpo y Acontecimiento – La estética de Gilles Deleuze**. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.

BHABA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

BOURGEOIS, Louise, BERNARDAC, Marie-Laure, OBRIST, Hans-Ulrich (org.). **Louise Bourgeois: Destruição do Pai, Reconstrução do Pai**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CANTON, Katia. **Corpo, Identidade e Erotismo**. Col.: Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Anti-Edipo**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 4.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias.** São Paulo: Ed. n-1, 2013.

_____. **Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. “A vida dos homens infames”. In: **O que é um autor.** Ed. Passagens. 2000.

_____. **Microfísica do Poder.** Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

GENET, Jean. **Nossa Senhora das Flores.** São Paulo: Círculo do Livro (sem registro de ano de edição no volume).

GIL, José. **Nietzsche e Deleuze. O que pode um corpo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GROSSMAN, Evelyne. **Louise Bourgeois: “Three Horizontals”.** Paris: Éditions Ophrys, 2011.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

NANCY, Jean-Luc. **L’Intrus.** Paris: Éditions Galilée, 2000.

* Utilizei nas citações a tradução disponível online em:

<http://www.scribd.com/doc/71095963/O-intruso-Jean-Luc-Nancy>

_____. **Corpus.** Madrid: Arena Libros, 2010.

OLIVEIRA, Cláudio. “Do mesmo modo como queima o fogo ou Da Experiência como um saber que não se sabe”. In: KIFFER, Ana, REZENDE, Renato, BIDENT, Christophe. (org.). **Experiência e Arte Contemporânea.** Rio de Janeiro: Circuito, 2012.

POSSO, Karl. “Híbridos Produtivos – Silviano Santiago sobre a homossexualidade”. In **Leituras Críticas sobre Silviano Santiago**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SARDUY, Severo. **Escrito sobre um corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.